



2020

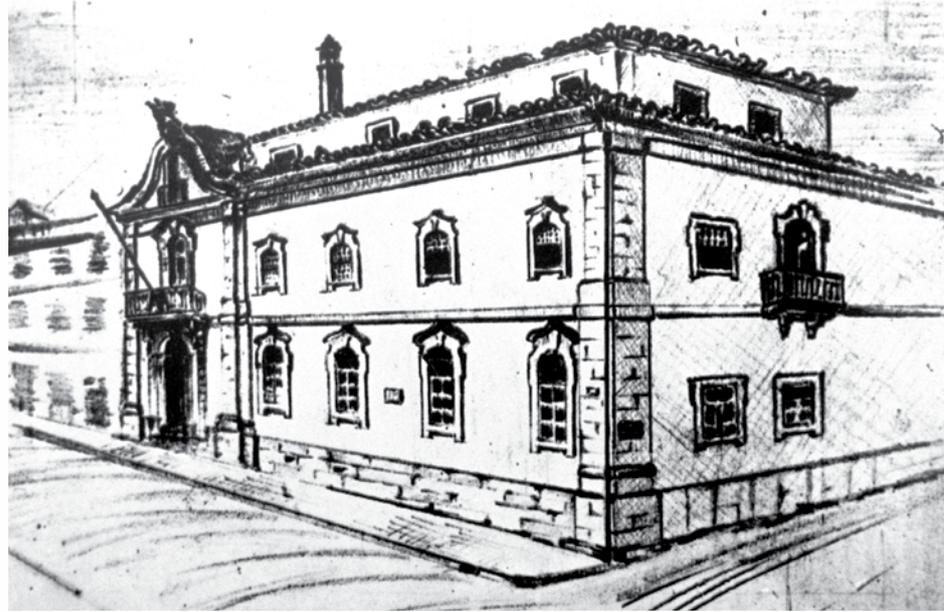
Nº 55 | ESPECIAL

CAPA e BATINA

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa

1º CENTENÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA – 1920/2020 *ACADEMIA DE COIMBRA*

O ÚLTIMO “RETRATO” DA “BASTILHA”



OS CONJURADOS DO 25 DE NOVEMBRO





PÁG.

03	EDITORIAL
05	DEPOIMENTOS - Depoimento do Vice-Reitor Calvão da Silva - Depoimento do Presidente da Associação Académica de Coimbra
07	100 ANOS DA TOMADA DA BASTILHA
17	APELO
18	TESTEMUNHOS DE EX-PRESIDENTES DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA
58	TOMADA DA BASTILHA EM LISBOA (CASINO ESTORIL)
62	MENSAGEM JUNHO 2020
65	MENSAGEM JULHO 2020

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:
www.aaec-lisboa.com

CAPA E BATINA

DIRECTOR: A Presidente da Direcção
EDIÇÃO: Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa
Instituição de Utilidade Pública
Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º
1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97
TELEM: 964 167 581
E-MAIL: geral@aaec-lisboa.com
E-MAIL: aaec@sapo.pt
INTERNET: www.aaec-lisboa.com
FACEBOOK: AAEC em Lisboa
PERIODICIDADE: Semestral
TIRAGEM: 800 exemplares
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 – 1º 1000-046 LISBOA | Telefone: 218494197 | Telemóvel: 964167581
E-mail: geral@aaec-lisboa.com | website: http://www.aaec-lisboa.com
NCF- 502 955 597 | IBAN (BPI)- PT50001000002164406000152

A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa (AAECL) foi constituída legal e estatutariamente em Março de 1992, com âmbito nacional; promove conferências, tertúlias, viagens e passeios, visitas culturais, apresentação de livros, celebração de festividades e acções de filantropia e de convívio – actividades abertas também a familiares, amigos e a instituições congéneres. Antecedeu-a uma Delegação em Lisboa, criada em 1970, da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra (sedeada em Coimbra).

Na concepção dos Estatutos da AAECL foi dominante o desígnio, depois convertido em objectivo, de *“honrar e enaltecer a memória dos Antigos Estudantes de Coimbra”*.

Em desenvolvimento desse objectivo, todas as Direcções a partir de 1993 erigiram como ponto alto das suas festividades académicas a comemoração em cada Novembro, no Casino Estoril, da denominada *“Tomada da Bastilha”*, respeitando a veracidade e única denominação consagradas pela Academia de Coimbra ao longo de um século (imperativo do artº. 5º).

O que significa a continuidade – qual legado testamentário – *“... do aproveitamento da comemoração anual dos aniversários do histórico episódio da Tomada da Bastilha para distinguir um Colega que, pelas suas virtudes morais e profissionais, tenha honrado a nossa Associação, na sequência do que se vem fazendo desde há anos”* (sic. repetido nos Capa e Batina da Delegação nossa antecessora – v.g. de 1979 e 1980).

Valores com que a então Associação de Coimbra adornava a tutela sobre a Delegação sua mandatária e que a nossa Associação reforçou.

A recriação em Lisboa de tal histórico episódio corporiza uma partilha credenciada pela presença e égide dos sucessivos Magníficos Reitores da Universidade de Coimbra, pela presença dos sucessivos Presidentes da Direcção-Geral e da Assembleia Magna da Associação Académica de Coimbra, pela comparência de todas as Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra e, ainda, pela representação e até participação de instituições de matriz não coimbrã, mas parceiras ao abrigo de protocolos de colaboração cultural que vêm sendo celebrados (no percurso de abertura à sociedade envolvente).

A sua essência eleva-se da pretendida aproximação dos homenageados/evocados/aplaudidos aos protagonistas desse feito de 1920, enriquecendo-a com dissertações literárias e poéticas e actuações musicais, cénicas, folclóricas e até lúdicas ofertadas quer por grupos de jovens e não jovens vindos de Coimbra em espírito de exaltação, quer por outras Universidades, quer pelas instituições parceiras em espírito de solidariedade.

Exaltação que penetrou os muros da Assembleia da República pela voz de um Deputado coimbrão que – ao homenagear a Associação Académica de Coimbra por ocasião do seu 1º Centenário – referiu e explicou *“outro momento alto da Academia, a Tomada da Bastilha em 1920”* (Diário das Sessões da A.R. de 20 de Novembro de 1987). Solidariedade que a mesma Assembleia da República manifestou ao participar na Homenagem (póstuma) a António de Almeida Santos (ano 2016); aliás, já antes se fizera representar na Homenagem Nacional a Luiz Goes, a par de presenças ou representações da Presidência da República, das Assembleias Legislativas e Governos Regionais dos Açores e da Madeira e das Câmaras Municipais de Coimbra e de Cascais (ano 2006).

Assim decorreram, em clima de bonança, as comemorações da Tomada da Bastilha em Lisboa, sucintamente descritas neste Capa e Batina Especial.

O ano de 2020 sempre se perfilou nas nossas programações com o maior entusiasmo por nele ocorrer o Centenário. Tanto assim que, logo no Dia da Universidade de Coimbra (1 de Março) demos conta ao Magnífico Reitor e ao Vice-Reitor Calvão da Silva e ao Presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra do nosso projecto de comemoração em parceria – o qual mereceu acordo.

Mas ... "o Homem põe e o Covid-19 dispõe", criando cada vez maiores obstáculos a toda e qualquer das realizações colectivas previstas.

Não temos esmorecido, sinalizando a vivência associativa possível em Mensagens que traduzem o propósito de manter ligados os antigos e actuais estudantes de Coimbra nas suas posturas e manifestações perante a pandemia. Do mesmo modo que – inviabilizada de vez a comemoração "ao vivo" do Centenário da Tomada da Bastilha – demos corpo e alma (e muita alma...):

1 – A dedicar-lhe inteiramente este Boletim Especial, visando registar nos anais académicos, preto no branco (com o inevitável colorido):

- as origens e tradição deste feito académico;
- os depoimentos do Vice-Reitor Calvão da Silva e do Presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra;
- os testemunhos de ex-presidentes da Associação Académica de Coimbra, seus verdadeiros arautos, seguidos de uma imagem da "entronização" de 32 dos 36 nossos Sócios Honorários e de uma apresentação pelo seu venerando decano;
- as comemorações em Lisboa quer pela Delegação em Lisboa da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra (em Coimbra), quer pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa.

2 – A divulgar o evento através de canais televisivos e de imprensa que aceitem este evento como notícia.

Este boletim transporta o símbolo de união de todos quantos professam uma só fé: honrar a nossa prestigiada Universidade de Coimbra e a sua imorredoura Academia; mais ainda, renova o apelo a todos os ex-Presidentes da Associação Académica de Coimbra para que fortifiquem pela participação e pela divulgação a vivência associativa em torno da ALMA MATER!

PASSADO, PRESENTE E FUTURO – SEMPRE!

A Direcção

ÓRGÃOS SOCIAIS DA AAECCL (TRIÉNIO DE 2019/2021)

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente – Francisco Chichorro Rodrigues

Vice-Presidente – José Pinheiro Veloso

Secretário – Maria Guerra Prazeres

Secretário – Ricardo Sousa Roque

DIRECÇÃO

Presidente – Maria de Fátima Lencastre

Vice-Presidente – Ana Sequeira Varejão

Vice-Presidente – José Manuel Viegas

Tesoureiro – José António Correia

Secretário – Maria Isabel Soares da Costa

Vogal – Maria José da Costa Bernardino

Vogal – Luís Miguel Gaspar Martins

CONSELHO FISCAL

Presidente – José Manuel Matos da Costa

Vice-Presidente – Jorge Fernandes Nunes

Vogal – Maria Claudina Castel-branco

ASSESSORIAS

Eduíno de Jesus

Luísa Alexandra Gonçalves

António Luís Martins



TOMADA DA BASTILHA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Por João Nuno Calvão da Silva

(Vice-Reitor para as Relações Externas e Alumni da Univ. de Coimbra)

Vivemos tempos únicos, de incerteza (quase) absoluta. Não podemos sequer visitar quem tomou conta de nós enquanto bebês e crianças! Parece que só afastados fisicamente dos mais velhos podemos demonstrar a nossa humanidade. Mundo estranho: o altruísmo das gerações mais novas traduz-se em votar os anciãos queridos à solidão (*rectius*, à perigosidade) dos lares por tempo indeterminado... quem sabe, até ao fim das suas vidas. E, mesmo então, sem direito a despedida condigna.

Nunca pensámos viver algo que incutisse tanto medo (do desconhecido) e limitasse (de modo insuportável) o calor humano do abraço e do beijo, o convívio despreocupado de café ou a jantada livre com amigos. O denominado *COVID 19 não se limita, porém, a transformar profundamente as relações inter-humanas ou a obrigar a reflexão profunda sobre os limites da natureza humana e a relação com Deus. Peste democrática, sem fronteiras geográficas ou socioeconómicas, este coronavírus*

provoca poderosas transformações na relação Estado-Sociedade e na ordem geoestratégica em que temos vivido. Enfrentamos, sem dúvida, a mais grave ameaça às liberdades, aos valores democráticos e à paz mundial da nossa existência.

Na história da Academia de Coimbra, a noite do dia 25 de novembro de 1920 é marcante: os estudantes da Universidade de Coimbra mobilizaram-se no silêncio da noite para conquistarem uma sede para a Associação Académica de Coimbra, uma vez que não dispunham de um espaço próprio para realizarem as suas atividades.

Desde então, a "Tomada da Bastilha" é celebrada num cortejo solene co-organizado pela Direção Geral da Associação Académica de Coimbra e pela Universidade de Coimbra; no fundo, trata-se de homenagear e perpetuar o inconformismo, a vontade de transformar (para melhor) o mundo e a coragem dos Estudantes da Universidade de Coimbra.

Também a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, sob a liderança dinâmica e entusiasta da minha querida amiga Fátima Lencastre, comemora com pompa a efeméride de 1920, num belíssimo convívio de gerações no Casino Estoril, habitualmente com a presença do Magnífico Reitor e dos Presidentes da Direção Geral e da Assembleia Magna da Associação Académica de Coimbra.

Neste tempo singular das nossas vidas, não poderemos cumprir os rituais que tanto desejaríamos e festejar de modo (fisicamente) próximo, em ambiente típico da partilha académica e da solidariedade conimbricense. Mas, seguramente, não deixaremos de marcar o momento e sinalizar que esse espírito de Coimbra resiste e ressurgirá ainda mais forte amanhã...um amanhã que todos desejamos abraçar muito rapidamente. Força a todos!

Viva a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa! Viva a Universidade de Coimbra!



TOMADA DA BASTILHA

Por Daniel Azenha, Presidente da Direção-Geral da AAC em 2019 e 2020

A Associação Académica de Coimbra constrói-se todos os dias de utopias, inconformismo, ousadia e irreverência. Uma casa centenária, onde a liberdade e a democracia são valores

essenciais para quem nela quer pertencer.

Desde o início que a AAC ficou reconhecida pela sua irreverência, aquando em 1920, cerca de 40 estudantes

invadiram a Torre da Universidade e tomaram de assalto o antigo "Clube dos Lentos", o Colégio de S. Paulo Ermita, tornando-se esta a primeira sede oficial da Académica. Este epi-

sódio foi chamado de "Tomada da Bastilha" e ficou célebre pela postura de luta e de inconformidade que sempre caracterizou esta casa.

Durante a sua vida, esta Associação Académica de Coimbra presenciou e deixou a sua marca em diversas lutas que mudaram para sempre o rumo e a história da Universidade, da cidade de Coimbra e de Portugal. Um dos episódios mais marcantes da história, ocorreu durante o Estado Novo, onde a AAC foi a principal reivindicadora da democracia, da liberdade, e ainda responsável pelas duas maiores crises do regime: A Crise Académica de 1962, aquando da realização do primeiro Encontro Nacional de Estudantes, e

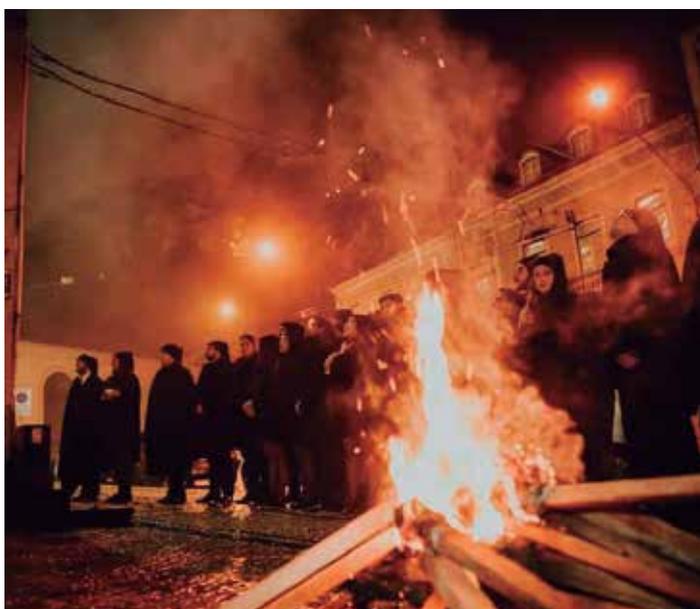
a Crise Académica de 1969, crise que fragilizou e feriu o regime do poder e que chegou a envolver a sociedade civil de Coimbra na luta estudantil, e que acabou por se tornar no maior comício antifascista antes do 25 de Abril, na final da Taça de Portugal no Jamor. Mais recentemente, a AAC marcou também o universo estudantil em 2004 com a invasão ao Senado na luta contra as propinas. Este episódio resultou na repreensão de estudantes por parte de forças policiais, e também na apresentação de propostas concretas para reformar o Ensino Superior português.

A casa dos estudantes faz-se também de Cultura e de Desporto. É consti-

tuída por 26 Núcleos de Estudantes, 15 Secções Culturais, 27 Secções Desportivas e cerca de 10 Organismos Autónomos. A Cidade de Coimbra pode também contemplar-se com alguns grupos académicos, como por exemplo as conhecidas tunas, que ainda que muitos sejam independentes da Associação Académica de Coimbra, acabam por fazer

parte da tradição coimbrã e da vida estudantil. Hoje somos mais de 24 mil estudantes, somos milhares a praticar desporto e centenas a ter acesso a cultura. Hoje, continuaremos a inspirar os jovens do futuro, com as histórias e os momentos do passado.

Viva a Associação Académica de Coimbra.





100 ANOS DA TOMADA DA BASTILHA!

Por Zé Veloso

OS FACTOS

25 de Novembro de 1920, faz agora 100 anos!

Às 6 e 45 da matina a Alta de Coimbra é acordada pelo estrondo de um morteiro! Para o grupo de conjurados que tomaram de assalto a Torre da Universidade, é o sinal de que o Instituto de Coimbra – o odiado *Clube dos Lentos* – já foi tomado e de que há que trazer para a rua a Academia. Num ápice os sinos da Torre ensaiam um repicar de loucos, enquanto das varandas dos andares assaltados, por cima da velha Associação Académica, são lançadas girândolas de morteiros e os conjurados dão largas à sua alegria, alvoroçando a cidade.

Acodem todos à Rua Larga, no coração da velha Alta, guiados pelo estrelajar do foguetório. O primeiro frémito é de sobressalto – *Aí vem outra revolução!* Naquela altura eram o pão-nosso de cada dia... O segundo é já de regozijo. No mastro da Torre, uma capa desfraldada dá o sinal de quem comanda as operações. E ao longo do dia as janelas do antigo Colégio de S. Paulo Eremita, agora todo ele já da Associação, haverão de engalanar-se de bandeiras, ali mesmo nas barbas do Governo Civil, com patrulha da guarda à frente e esquadra de polícia nas traseiras, sem que as autoridades pudessem ter mexido um dedo. Deus ajuda quem madruga...

A Academia voltava a ter instalações condignas, depois de três décadas em bolandas, metade do tempo que durara a ocupação filipina – despachada por 40 conjurados em 1640 –, já que a impaciência da juventude não permitiu esperar tanto tempo para correr com os seus opressores de hoje.

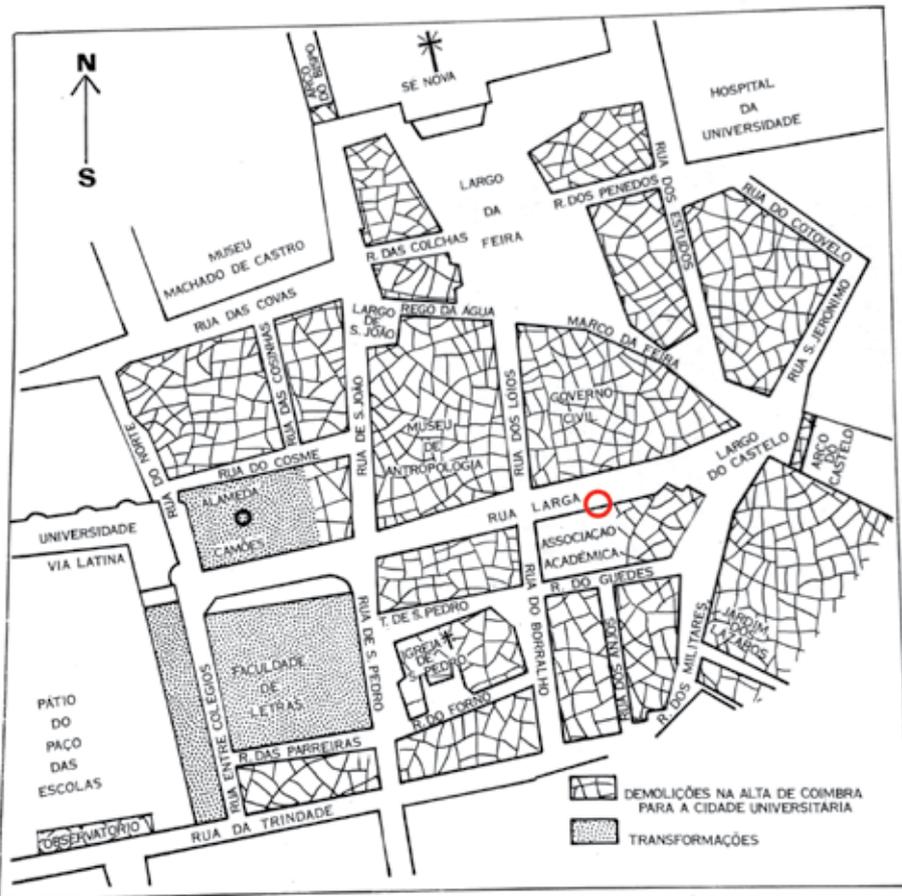


Colégio de S. Paulo Eremita – A Bastilha

Mas os 40 conjurados de 1920 não param. Apesar de terem sido obrigados a antecipar o golpe – inicialmente previsto para o simbólico dia 1.º de Dezembro – por receio de que a Reitoria estivesse a par das movimentações, eles sabem o que fazer a seguir. Há que comprometer as altas instâncias do poder com o sucesso do golpe. É preciso que a notícia chegue a Lisboa da forma conveniente... Reunida a Academia em Assembleia Magna, decidem enviar telegramas para o Presidente da República, Presidente do Conselho e Ministro da Instrução, a quem comunicam, com a maior das naturalidades, que já estão instalados na sua nova sede, não deixando, claro está, de manifestar ardentes votos de prosperidade para Portugal.

Perante tal desfaçatez e na completa ignorância do que se passava na longínqua Coimbra dos Doutores, ninguém desconfia e as respostas de tão eminentes personalidades não se fazem esperar, agradecendo a deferência da notícia em primeira mão e felicitando a Academia por lhe ter sido outorgada tão antiga reivindicação. Bem podia o Reitor escrever um ofício a informar o Ministro no dia seguinte, aliás, em termos que quase desculpavam os estudantes!... Uma vez mais, estes tinham sido mais rápidos.

Ganha que estava a peleja no campo da batalha – o reconhecimento *de jure* levaria mais alguns uns dias –, havia que celebrar, dar asas à alegria de ver realizada uma aspiração que muitas gerações de estudantes vinham reivindicando há dé-



Planta topográfica da velha Alta com a localização da Associação Académica

cadadas e aproveitar a oportunidade para mobilizar a velha *Briosa* para a causa da Associação, que à época tinha por sócios apenas uma minoria dos universitários. Não houve mais aulas nesse dia, se é que chegaram a começar. As Repúblicas engalanaram-se com os seus tarcos e trastes velhos. Com uma alegria esfusante, a Academia veio para a rua, esvoaçando suas capas atrás de Zés Pereiras (há quem refira bandas de música), que percorreram o bairro alto e parte do bairro baixo – como também se dizia nessa época –, algazarra que nem todos terão apreciado, num dia de semana (5.ª feira) e numa cidade ainda muito dividida entre futricas e estudantes. A noite foi comprida e há notícia de uma grande manifestação em que tocou a Filarmónica de Barcouço. Mas o que mais a marcou foi a *marche aux-flambeaux*, de milhares de pessoas que desceram da Alta até à Baixa – tão luminosa como nunca antes tinha sido vista –, que ficou como verdadeiro *ex-libris* da Tomada da Bastilha e viria a ser replicada ao longo dos anos até aos dias

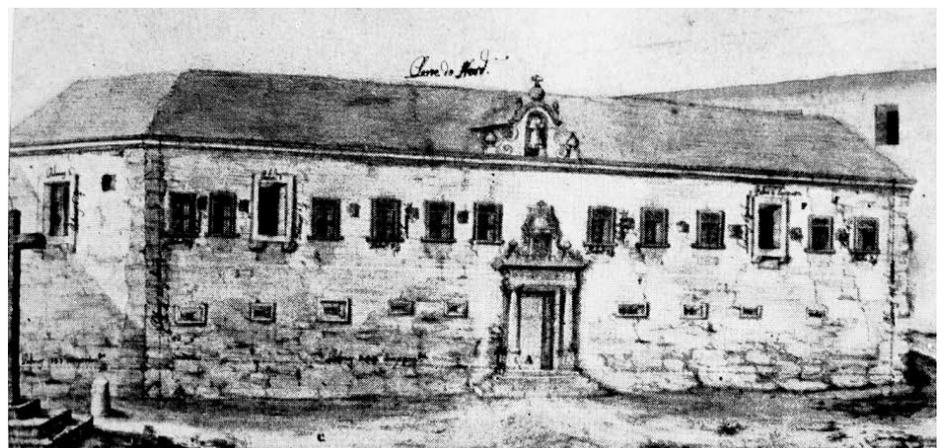
de hoje, aquando das celebrações desta data, ainda que com itinerários diversos. Nem todos, porém, terão tido vida folgada naquela noite. Rezam as crónicas que vários estudantes foram parar ao calabouço por gritarem *Viva a Academia!* A chamada Monarquia do Norte, de Paiva Couceiro, fora reprimida não havia ainda dois anos; e os ouvidos da polícia deveriam estar educados para considerar que vivas terminando em “ia” só poderiam ser vivas à Monarquia...

ANTECEDENTES DA TOMADA DA BASTILHA

A Tomada da Bastilha foi o culminar de um conjunto de factos e circunstâncias que se arrastaram por mais de três décadas com a Associação mal instalada, com sucessivas promessas de solução sempre adiadas ou não cumpridas, com expectativas que iam sendo defraudadas, sentindo os estudantes a raiva de estar sempre na mesma ou pior enquanto outros iam subindo, ouvindo impotentes as boas-vontades nas palavras das autoridades académicas, mas percebendo que as mesmas não se concretizavam em resultados. Começemos pelo início.

Até 1888 a Associação Académica tinha a sua sede no genericamente chamado Teatro Académico, mais propriamente, no edifício do Colégio Real de S. Paulo Apóstolo, situado onde hoje se encontra a Biblioteca Geral da Universidade, cujo claustro tinha sido adaptado a sala de espectáculos meio século antes. Era uma sala muito querida da velha *Briosa*, que nela se tinha batido pelos seus ideais de igualdade contra os chamados *polainas*, a facção mais elitista da Academia. Porém, naquele ano, na sequência de um incêndio no Teatro Baquet do Porto, onde terá morrido mais de uma centena de pessoas, o Teatro Académico não resistiu a uma auditoria de segurança que determinou a imediata demolição de todo o imóvel.

Demolido o Teatro e sem casa onde morar, a Associação foi atirada para



Colégio Real de S. Paulo Apóstolo – Teatro Académico

Os Quarenta Conjurados



Os conjurados eram 40. Mas, na foto que ficou para a posteridade, apenas aparecem 36, sendo que cinco deles não estão identificados. Vejamos quem são os restantes 31 e o que faziam em 1958, segundo o #19 da revista *Rua Larga*, de 25/11/1958.

No plano superior, a partir da esquerda: João Gonçalves Valente, do Funchal, onde era médico; José Nascimento de Sousa, de Alcobaça, onde era médico; José Lopes Dias, de Penamacor, médico em Castelo Branco; José Afonso de Matos, de Póvoa de Rio de Moinhos, Castelo Branco, médico, falecido; Mário Celorico Drago, de Castro Marim, médico em Loulé; Acácio Barata Lima, de Alvares, que faleceu no Porto, onde era médico; Manuel Pedro Nolasco de Pontes Leça, do Funchal, onde era advogado; Daniel Brazão Machado, de S. Vicente, Madeira, médico no Funchal; e Henrique Valente de Pinho, de Pardilhó, médico.

No plano intermédio aparece destacado do lado esquerdo Alfredo Fernandes Martins, do Porto, advogado em Coimbra, seguindo-se: Padre Paulo Evaristo Alves, de Figueira de Castelo Rodrigo, falecido em Coimbra; Jacinto Gomes Henriques, do Rio de Janeiro, Brasil, médico na Madeira; João de Araújo Lacerda Pereira Rocha, de Serpa, médico em Setúbal; Augusto da Fonseca Júnior (Passarinho), de Odemira, médico em Lisboa; António Gomes de Pina, notário em Oliveira do Hospital; um estudante não identificado; João da Fonseca Nabinho Amaral, do Fundão, onde era médico; António Augusto Geraldês Coelho, de Vimioso, médico em Mirandela; Martins de Carvalho, da Faculdade de Medicina; Jacob Magos Pinto Correia, do Funchal, médico em Santarém; Silvino Gonçalves de Sousa, de S. Vicente da Raia, notário em Albergaria-a-Velha; Artur Alberto Geraldês Coelho, de Vimioso, que faleceu sendo notário em Alenquer; Pompeu de Melo Cardoso, de Aveiro, onde era médico; Juvenal António Silva Carvalho, do Funchal, alto funcionário administrativo em Lourenço Marques; outro estudante não identificado; Armindo Maio dos Santos, da Póvoa do Varzim, onde era advogado; Joaquim da Cunha Guimarães, de Guimarães, falecido quando frequentava o 5.º ano médico; mais um estudante não identificado; e Augusto Vitor Antunes Neves, de Torres Novas, de Ciências, funcionário superior da C.P. em Évora.

No primeiro plano, o primeiro estudante não foi identificado; segue-se Albino Rodrigues de Sousa, do Funchal, médico em Lisboa; Severo da Silva Figueiredo, de Viseu, advogado na Beira, Moçambique; António da Rocha S. Miguel, de Quiaios, médico no Ultramar; Antero de Lucena e Vale, de Viseu, Delegado do Procurador da República, falecido; Manuel Barbosa Branco de Melo Albuquerque, de Seia, de Direito; e um último estudante não identificado.

O #19 da *Rua Larga* dá conta de mais três conjurados que faltam na fotografia: Luís Gonzaga Rosadas Peixoto, de Direito, falecido; Gaspar Rodrigues Sameiro, de Braga, de Direito; e Joaquim Torres da Costa Reis, Conservador do Registo Predial em Sintra. Mesmo assim, fica a faltar um!

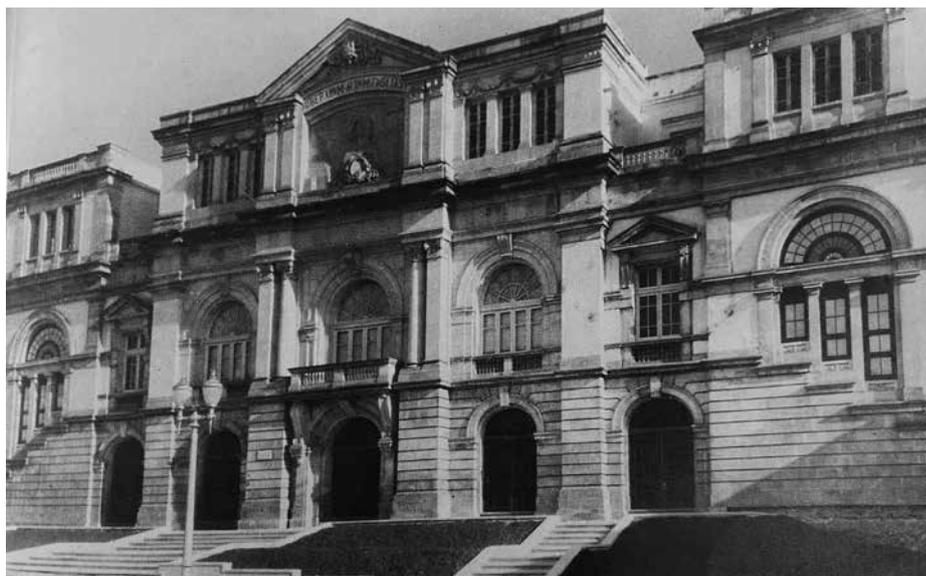
Mais dois nomes aparecem referenciados na bibliografia consultada: Camilo Valente, que foi advogado em Lisboa, apontado como um dos ideólogos do golpe por Pompeu Cardoso em entrevista à revista *O Assalto* de 25/11/1954; e Lúcio de Almeida, que foi Presidente da AAC em 1922/23 e catedrático de Pediatria em Coimbra, que Armando Sampaio (não contemporâneo dos acontecimentos, pois chegou a Coimbra apenas em 1925) aponta, no seu livro *Encontro com a Saudade*, como tendo sido um dos cabecilhas do golpe.

o Colégio da Trindade em 1890, onde esteve dois anos, passando depois a arrendar prédios acanhados na Rua Larga, Rua do Cosme, Rua do Norte, enquanto ia utilizando o Teatro D. Luís (Sousa Bastos) para a realização de alguns espectáculos e se aguardava que uma nova sede e um novo teatro fossem construídos no local onde tinham existido as anteriores instalações.

Para tanto, desde a ordem de demolição que os estudantes se empenharam para que o edifício fosse reconstruído em novos moldes, com capacidade para albergar não apenas o teatro e a sede, mas também as actividades culturais, recreativas e desportivas que começavam a despontar cada vez mais. E tais desejos foram tão bem acolhidos pelo Reitor Adriano Machado e pelo Ministro Emídio Navarro, que em poucos meses apareceu feito um projecto do arquitecto Bigaglia (orçado em 200 contos de reis), o governo aprovou uma verba de 15 contos para que as obras se iniciassem, o velho edifício foi totalmente demolido e as obras começaram mesmo! Mas foram entradas de leão, a pressagiar saídas de sendeiro, já que durante os anos que se seguiram as obras não passaram dos alicerces e, quando finalmente passaram, não seguiram conforme fora prometido.

Vejamos os factos, já no séc. xx, na sua desesperante aceleração a caminho de um desfecho desfavorável aos estudantes:

- Na primeira década, as notícias nos jornais, que são muitas, vão sempre no mesmo sentido: as sucessivas Direcções da Associação pressionam o Reitor, o Governo, os Deputados e até o Rei... enquanto as obras quase não andam;
- De 1908 a 1910 começa a questionar-se o projecto, ora porque está antiquado, ora porque o espaço é acanhado;
- Em Maio de 1911 suspendem-se as obras, ao que constava, para reformular o projecto para um Palácio Académico que servisse para conferências, exposições, recitais e centro de convívio para estudantes e professores;



Antiga Faculdade de Letras, projecto do arq. Silva Pinto

- Em Julho de 1912 o Governo decide repartir o futuro edifício da Associação entre esta e a recém-criada (1911) Faculdade de Letras, decisão que parecia trazer água no bico, não só pela incompatibilidade das funções como pela evidente falta de espaço para o que se pretendia;
- Em Janeiro de 1913 o Governo revela, finalmente, o que lhe vai na alma e atribui a totalidade do edifício à Faculdade de Letras. O que seriam o palco, a plateia e as galerias do Teatro Académico virão a ser o salão nobre daquela Faculdade, mais tarde parcialmente demolida para dar lugar à Biblioteca Geral da Universidade.

Como compensação (!?) para todo este desmoronar de expectativas, em Novembro de 1913 são atribuídos à Associação os baixos do Colégio de S. Paulo Eremita (Colégio Paulista), à Rua Larga, tendo por cima de si o Instituto de Coimbra – depreciativamente chamado *Clube dos Lentos* –, que desde 1868 ocupava já o 1.º andar daquele prédio e, por extensão, as águas-furtadas.

Fraca esmola para quem tinha sonhado tão alto, para quem fora credor da promessa da reconstrução do seu teatro, para quem ambicionara um edifício só para si e se quedaria agora no rés-do-chão cimentado, frio e escuro de um prédio por cuja porta de entrada veria passar, diariamente, a caminho de suas

poltronas aveludadas, no andar nobre, os membros desse clube elitista, misto de associação cultural e clube social onde os sócios (só lentes e alguns poucos alunos) eram escolhidos a dedo e muito pouco queridos da Academia.

A verdade é que a proximidade diária do *Clube dos Lentos* só poderia cutucar a ferida há muitos anos aberta entre os estudantes e "eles". Eles, o Instituto, que em 1851/52 tinham resolvido sair da então Academia Dramática de Coimbra (antecessora da Associação Académica), que até aí acolhia tanto alunos como lentes; eles, que depois da cisão infernizaram a vida à Academia Dramática, assenhoreando-se de salas no Teatro Académico e ficando a dever rendas; eles que sempre tiveram os favores do Senado Universitário e do Reitor... Não fazia sentido que, sendo o espaço tão escasso cá em baixo, estivessem eles à larga lá em cima! A afronta estava feita e a revolta ia fazendo o seu caminho.

O tempo passava e as instalações – que já eram pequenas para albergar Tuna, Orfeon e actividades recreativas de um número crescente de sócios que acorriam à Associação – vêem a clientela fugir para as novas sedes do C.A.D.C. na Rua da Trindade (1912) e da A.C.E. (depois A.C.M.) na Rua Alexandre Herculano (1918). Para a Direcção da Associação as alternativas eram claras: ou a Universidade arranjava novas dependências para o Instituto, de modo a

O Tratamento na Imprensa de Coimbra



Numa terra que desde há séculos vivia dividida entre estudantes e futricas, não custa perceber quem é que estava do lado de quem nesta contenda.

A *Gazeta de Coimbra*, trissemanário que saía às terças, quintas e sábados, logo no próprio dia 25 (!) dedica 70 linhas da sua primeira página a noticiar os acontecimentos, num texto que passa para a população algumas mensagens importantes para a causa dos assaltantes: põe o ónus do assalto na teimosia do Instituto em não querer ceder as suas instalações; legitima os assaltantes ao arvorá-los em *comité* organizado pela Academia para dar força às reivindicações da Direcção da Associação junto da Universidade; dá notícia de que os móveis e livros do Instituto foram devidamente acondicionados e selados (ninguém gosta de vândalos...); e, porque é preciso animar a malta, anuncia o programa da noite: sessão solene e *marche aux flambeaux!* Com todos estes detalhes e sabendo-se a antecedência com que era necessário trabalhar para imprimir um jornal há cem anos atrás, fácil é concluir que o golpe não foi surpresa para a *Gazeta de Coimbra*.

E porque "depois da tempestade vem a Bonança", dois dias mais tarde, uma vez mais na primeira página, o jornal anunciava o final do conflito «devido à boa vontade encontrada no ilustre Director do Instituto», o qual «manifestou ainda o desejo que tinha, e que é inteiramente compartilhado pela Academia, de que continuem existindo sempre as relações de boa amizade que nunca deixaram de existir entre as duas colectividades». *Noblesse oblige!*...

Já quanto ao bissemanário republicano *O Despertar*, a coluna e meia que o jornal publica na segunda página do dia 27/11 (o periódico não saiu nos dias 25 e 26), depois de relatar os factos e seus antecedentes com bastante objectividade, tece uma série de considerações onde acusa os estudantes de falta de respeito para com a cidade trabalhadora e a Universidade, pelo alvoroço da madrugada e pelo desassossego dos gaiteiros, posição que, por certo, teria acolhimento junto de uma população mais conservadora, farta de instabilidade, farta de golpes. Sidónio Pais fora assassinado há menos de dois anos e, depois dele, já se tinham sucedido doze governos... Muito boa gente na cidade futrica não alinhava com os excessos dos estudantes e *O Despertar* fazia eco do seu descontentamento.

que a Associação e restantes organismos ocupassem todo o Colégio Paulista, ou haveria de construir-se um novo edificio. Foi nesta última solução que a Associação se empenhou junto do poder político, acabando Sidónio Pais por conceder à Universidade um subsídio (ou empréstimo?) de cem contos de reis em Julho de 1918, não apenas para o edificio, mas também para a conclusão das obras do Campo de Santa Cruz. Apesar de ser insuficiente, já que, mesmo na sua totalidade, para pouco mais daria que para a compra de um terreno, há que reconhecer o esforço em pleno tempo de guerra. Porém, a verba levou um ano a ser disponibilizada e depois a Universidade nada soube fazer com ela. E em Outubro de 1920 – um mês antes da Tomada da Bastilha! – a imprensa de Coimbra fazia eco do descontentamento da Academia por haver 100 contos à ordem da Universidade num banco da cidade desde há ano e meio e os preparativos para as obras do novo edificio-sede não terem ainda começado.

Era o clima perfeito para a insurreição, tanto mais que as negociações para que o Instituto saísse do Colégio Paulista se iam arrastando, sem garantia de que chegassem a algum lado. O copo tinha enchido. Os dados estavam lançados!

PREPARAÇÃO E EXECUÇÃO DO GOLPE

Desengane-se quem pensa que o golpe foi uma brincadeira de aventureiros estouvados. Muito pelo contrário, ele foi meticulosamente planeado e executado em todos os seus detalhes e, antes de o levar a cabo, os cabecilhas fizeram «o solene compromisso de não largar a casa mesmo com o sacrificio da própria vida», como disse anos mais tarde o já médico Dr. Pompeu Cardoso; «para nós, os rapazes desse tempo, era uma espécie de conquista da independência em que lutaríamos até à morte».

À cabeça do grupo estava um comité de cinco membros, em que o líder era Fernandes Martins e o número dois seria, porventura, o P.^o Paulo Evaristo Alves, ambos estudantes de Direito. Os outros três eram os estudantes de



Os cabecilhas. Em baixo à esquerda, Fernandes Martins

Medicina Pompeu Cardoso, João Rocha e Augusto da Fonseca Júnior, conhecido por *Passarinho*, jogador de futebol da Académica, que tinha sido Presidente da Associação no ano anterior. Na foto onde o grupo se reúne à luz de um candeeiro de petróleo, misteriosamente, em lugar de cinco aparecem seis.

Aliciados e organizados segundo os processos das velhas associações secretas, que já vinham de longe na Academia – veja-se a Sociedade do Raio contra o Reitor Basílio –, os conjurados na base da pirâmide não se conheciam uns aos outros e eram poucos os que estavam dentro dos pormenores do plano.

Para o assalto criaram-se três grupos. O primeiro, onde estavam o P.^c Paulo, o *Passarinho* e o Pompeu Cardoso, aproveitou a noite chuvosa e fria para levar dissimuladamente uma escada até à Porta de Minerva, porta que escalaram a caminho da Torre, onde haveriam de entrar com o auxílio de uma chave falsa feita em segredo pelo serralheiro Alfredo Garoto, que se conta que a fez de graça, só de imaginar que se trataria de um golpe contra os talassas...

Os outros conjurados foram entrando na Associação ao final do dia e por lá se quedaram até à hora de fecho da sede, altura em que a porta exterior se fechou, mas ninguém saiu. A partir daí, estando o "cavalo de Troia" já lá dentro, havia que esperar em silêncio e de luzes apagadas, para não causar suspeitas no exterior, e

actuar pela madrugada. Um grupo tomaria de assalto as instalações do Instituto, forçando a porta de passagem para o 1.º andar, e colocaria a salvo em local selado os seus arquivos e demais pertences, já que o que estava em causa era tomar o espaço e não o recheio. Enquanto isso, os restantes conjurados acarretariam os parques móveis da Associação para o andar de cima, consumando a ocupação, posto o que ficariam em guarda, qual tropa de choque, para defender as instalações de uma reacção das forças policiais, que não chegou a existir, mas se temia.

O resto do plano já foi contado: sai um morteiro de aviso para quem está na Torre e rebenta aquela chinfrineira que trouxe meia cidade para a rua, o que deverá ter atordoado e paralisado as autoridades civis e universitárias, ainda de barrete e camisa de dormir àquela hora. O bissemanário *O Despertar* do dia 27/11 haveria de mostrar-se indignado e não compreender que «a autoridade local, e tão numerosa que ela é, consentisse nessas manifestações de desrespeito a uma cidade que se presa civilizada». Porém, a resposta está escrita no próprio jornal, onde se lê que «os sinos bimbilharam numa algazarra diabólica» e refere o «retumbante estrelajar de foguetório».

Resumindo e concluindo, foi um assalto sem violência, feito com punhos de renda, cuja sequência operacional consistiu em:

- Tomar o Instituto por dentro, arrombando apenas uma porta;



Augusto da Fonseca Júnior, o *Passarinho*

- Manietar as forças de segurança, enchendo as ruas de gente;
- Consolidar o terreno conquistado com telegramas e animação de rua.

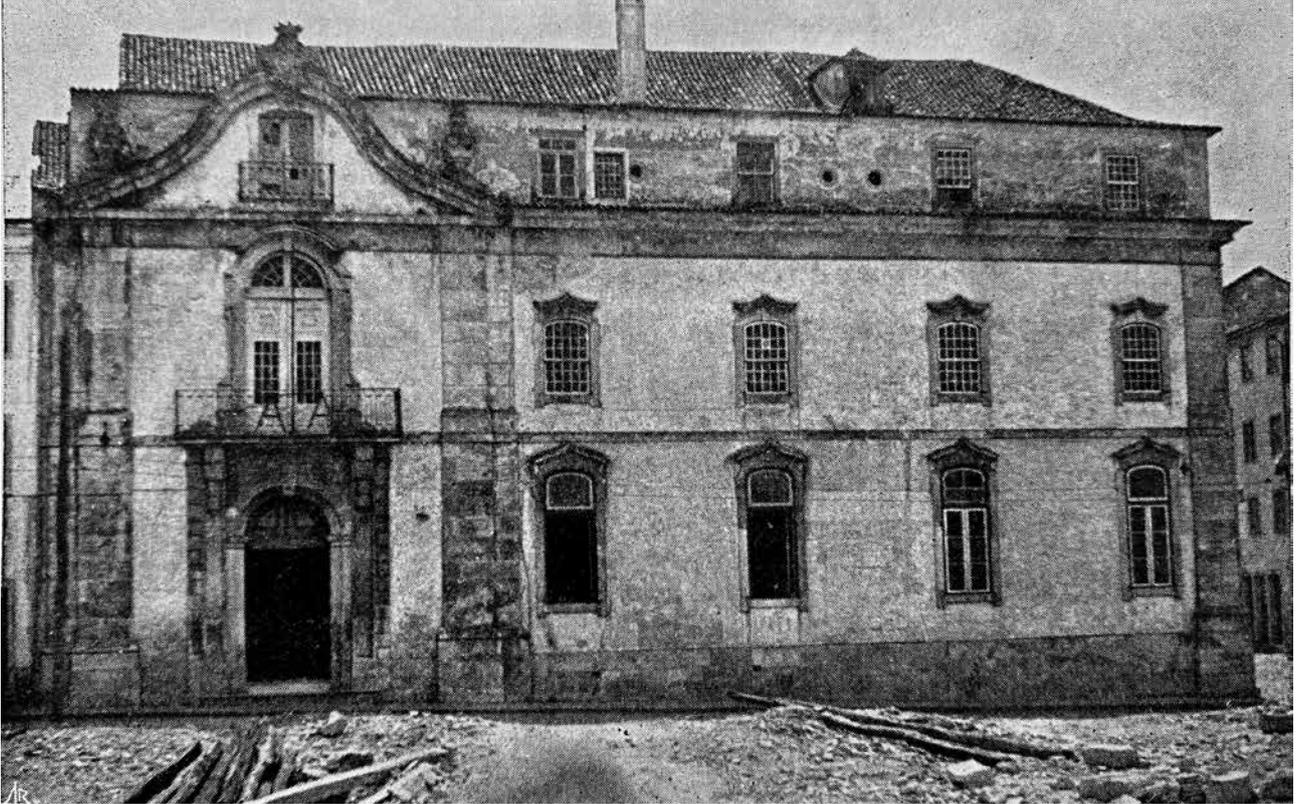
AS POSIÇÕES DO REITOR E DA DIRECÇÃO DA A. A.

Há quem opine que a acção contida das forças da ordem se deveu também à influência do Reitor, Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral, pessoa bondosa que a Academia muito estimava e que desde cedo procurou que os ânimos não azedassem, desvalorizando a gravidade do que se tinha passado e procurando desculpar os estudantes. É bem provável que sim, embora não o possa afirmar com segurança. Já no que respeita às posições tomadas sobre o fundo da questão, quer pelo Reitor, quer pelo Presidente da Direcção da A. A., existem elementos bastantes para se ficar com uma ideia segura do que se passou, nomeadamente em três livros⁽¹⁾ e num artigo⁽²⁾ cuja leitura tem de ser feita em conjunto e não de forma isolada, como já tem acontecido, para que a verdade histórica não seja distorcida.

Começando por lembrar a posição melindrosa em que o golpe deixou a Direcção da A.A., que estava ao corrente das pressões da Junta Administrativa da Universidade sobre o Instituto para que este abandonasse de vez o Colégio Paulista, vamos aos factos: Logo na tarde do próprio dia 25, o Reitor convocou a Junta Administrativa



Da Fundação do Colégio dos Paulistas à morte da Bastilha



Uma outra vista da Bastilha, aqui já perto do seu fim.

O Colégio dos Paulistas, situado na ala Sul da Rua Larga, foi fundado por licença dada por D. João V em 1779, sendo o último colégio a ser construído em Coimbra. Porém, seja por falta de tempo, seja porque faltasse à Ordem de S. Paulo Eremita o dinheiro que sobrava ao rei, a verdade é que o Colégio, que no projecto tinha duas alas com uma portaria entre elas, nunca passou da dita portaria e da ala poente, apontada na direcção da Porta Férrea.

Depois de ter passado para a mão do Estado em 1834, como todos os demais colégios de Coimbra, na sequência da saga anticlerical do *Mata-Frades*, é entregue dois anos mais tarde à Universidade, mas fica ao serviço do Conselho Superior de Instrução Pública até este ser transferido para Lisboa em 1859.

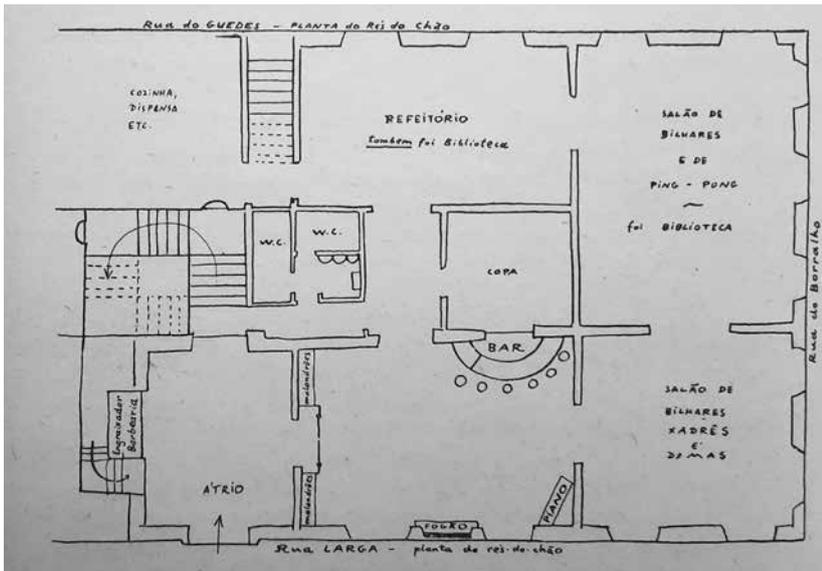
A partir desta data, o Colégio, que chegou a estar destinado à antipática função de cadeia académica, serviu como depósito do espólio de livros de vários conventos e Colégios, os quais ficaram até 1870 naquele não sei se abençoado se maldito rés-do-chão, que fora já cavalariça, mas estava reservado para mais sublimes destinos, como um pouco mais abaixo se verá.

Em 1868 o Instituto de Coimbra, que disputava com a Academia Dramática o pouco espaço existente no velhinho Colégio de São Paulo Apóstolo (mais conhecido por Teatro Académico), consegue que a Universidade lhe ceda o andar nobre do Colégio Paulista. E como estava no andar nobre, que era o do meio, olhou para cima e ocupou a mansarda.

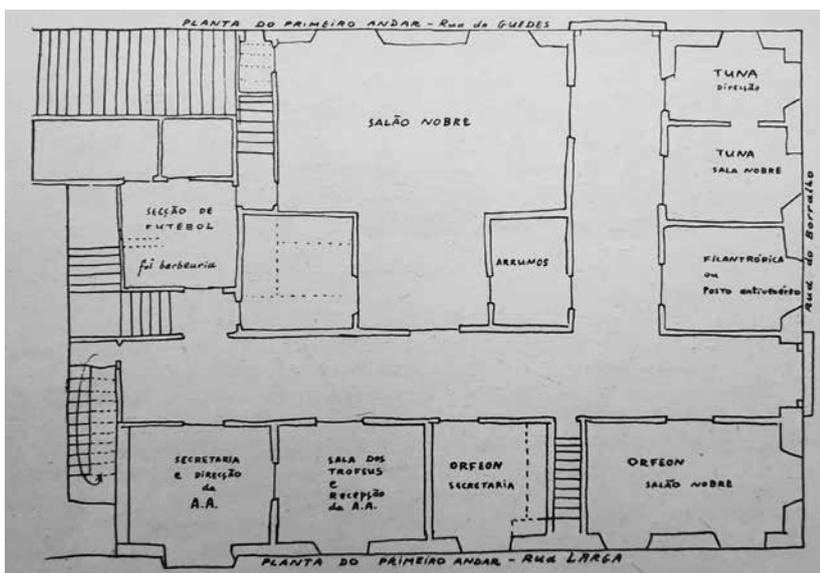
Dois anos depois, vendidos que foram todos os livros, o Instituto olhou para baixo, para aquele rés-do-chão, agora vazio... e do horror ao vazio surgiu a ideia de nele instalar um Museu de Antiguidades, cujo conservador foi Mestre António Augusto Gonçalves.

Mas o Mestre não iria ficar por aqui; seria ele o grande impulsionador da criação do Museu Machado de Castro, para onde o dito Museu de Antiguidades transferiu as suas colecções em 1912, deixando aquele não sei se abençoado se maldito rés-do-chão disponível para que em 8 de Novembro de 1913 o Senado Universitário tomasse a decisão de o ceder à Associação Académica.

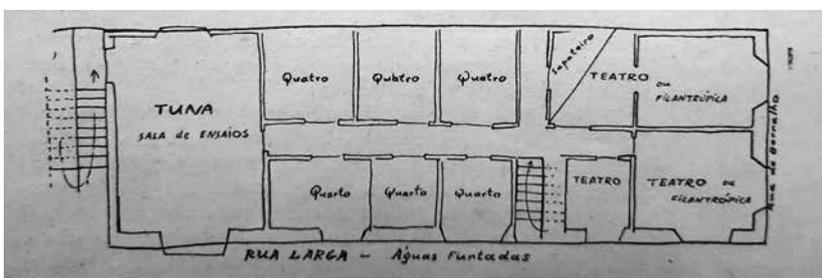
E nele penou a Associação, durante sete anos, a sua sina, tantos quantos Jacob servira Labão, pai de Raquel, ser-



Planta do rés-do-chão da Bastilha



Planta do 1.º andar da Bastilha



Planta das águas-furtadas da Bastilha

rana bela, mas não servindo ao pai e nem a ela, que o prémio pretendido era o andar de cima!

Em 25 de Novembro de 1920, como o prémio teimava em não vir a bem, foi reclamado a mal pelos conjurados que naquele dia o assaltaram, o que obrigou o Instituto de Coimbra a comprar um novo edifício, para onde se mudou, e a Universidade a atribuir *de jure* a totalidade do Colégio dos Paulistas à Associação Académica.

A partir desse dia o Colégio ganhou a alcunha de Bastilha, em memória do feito que foi correr com os seus anteriores e odiados ocupantes – o *Clube dos Lentes*, como a Academia lhes chamava. E foi na Bastilha que se viveram anos de glória, num período de crescente actividade cultural, recreativa e associativa, permitido agora pela quase triplicação do espaço disponível.

Mas os anos passam, a população estudantil cresce, os espaços tornam-se exíguos... e o que aconteceu nos anos 40 com a Velha Alta atingiu em cheio a Bastilha. Consultados a tal respeito, a Direcção da A. A. e os representantes dos vários organismos consideraram-na, por unanimidade, insuficiente e inadaptável para as necessidades de então, mesmo que viesse a construir-se a ala nascente do velho Colégio dos Paulistas – *Até tu, Brutus!*

E a Bastilha viria a ser esventrada pelo camartelo a partir de Setembro de 1949 e tombaria morta em Dezembro desse ano, com a sede da Associação mudada já para o Palácio dos Grilos. Cairá por "razões de Estado" – *É o progresso!* – mas, já moribunda, virão cantar-lhe junto ao portal, que se sustém ainda de pé, uma serenata *a lembrar-te que faz hoje 29 anos que ficámos sozinhos a tomar conta de ti e que nunca morrerás na nossa memória!*⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Contou o Presidente da Direcção da A. A. de então, Fernando Rebelo, que pediu ao Engenheiro das obras da Cidade Universitária, Reis Gonçalves, que a Bastilha não fosse demolida antes das comemorações da Tomada da Bastilha de 25 de Novembro de 1949, para que tal serenata se pudesse realizar.

para uma reunião onde, na presença do Presidente da Direcção da A. A., depois de relatar os acontecimentos, explicou que aquela Direcção não soubera previamente dos factos e até tinha já mostrado a intenção de se demitir numa Assembleia Magna dessa manhã, só o não tendo feito por ter recebido um voto de confiança da dita Assembleia para continuar em funções; e tendo o Presidente da Direcção da A. A. confirmado que assim era, e afirmado que repudiava qualquer responsabilidade no acto praticado e que nada movia a Academia contra aquela Junta Administrativa, concluiu-se que não fazia sentido prejudicar toda a Academia por um gesto irreflectido do qual ninguém ali era responsável.

E no dia seguinte, o Reitor, no ofício que enviou ao Ministro da Instrução, depois de historiar os antecedentes e de se justificar afirmando que já estaria próxima a entrega de todo o edifício aos estudan-

tes, faz uma descrição sumaríssima dos acontecimentos do dia 25, sublinhando que os mesmos «foram acompanhados de demonstração de deferência para com o Reitor, que lhes atenuam a gravidade», informa que «a Associação Académica repudiou toda a responsabilidade nos sucessos ocorridos, tendo concorrido para o restabelecimento da normalidade» e que «é impossível apurar quais os dirigentes dos acontecimentos, que devem ser atribuídos à irreflexão da mocidade, à frouxidão ambiente da indisciplina social e, deste modo, olhados com benevolência».

Finalmente, passado menos de um mês, em 21/12, o Reitor enviou para o seu Ministro novo ofício onde informa que tudo foi resolvido a bem, que o Instituto tem nova casa, que a A. A. está no Colégio dos Paulistas, o qual será alvo de melhorias e compra de mobiliário com a metade dos 100 contos que caberiam ao novo edifício, e mais umas ninharias de acertos de dinheiros entre

a A. A., o Instituto e a Universidade! Tudo como se não tivesse sido ocupado à força um respeitável Instituto apadrinhado pela Universidade, como se a altiva Torre não tivesse sido violada com o auxílio de chave falsa, como se no Pátio da Universidade não tivessem acontecido «irreverências lamentáveis e distúrbios clamorosos, sem possível justificação e explicação» a que o Dr. António de Vasconcelos se refere (mas que não consegui apurar ao certo em que consistiram).

Resta dizer que na revista *Rua Larga* de 25/11/1957, António Pádua, que era à data dos acontecimentos o Presidente da Associação Académica, deixou escrito: «a ideia, planos e execução do assalto, que culminou com a tomada das instalações do Instituto, não pertenceram à Direcção da A. A.; mas ela teve conhecimento dos factos antes de realizados e deu-lhes todo o apoio que podia dar-lhes». Ou seja, A Direcção sabia,

A Tomada da Bastilha ao longo dos anos

Comemorada com pompa e circunstância logo no seu primeiro aniversário, a Tomada da Bastilha não mais deixou de ser celebrada ao longo dos anos, no 25 de Novembro.

Seja ele através de festividades múltiplas que se estenderam por mais de um dia, seja através de manifestações mais modestas, sempre se encontra notícia de um sarau, um baile, uma serenata, um desfile de archotes, uma manifestação, uma Assembleia Magna, um prato comemorativo ou o descerrar de uma lápide, a provar que a data se manteve viva, de forma continuada (salvo períodos mais conturbados), ao longo de um século.

O 25 de Novembro já foi considerado Feriado Académico pela praxe.

De 1951 a 1961 as academias de Coimbra, Porto e Lisboa comemoraram o Dia do Estudante no 25 de Novembro.

E em 1959 a data foi oficialmente reconhecida como Dia do Estudante de Coimbra, não havendo nesse dia aulas na Universidade, nem nesse ano, nem no ano seguinte, por despacho ministerial.

Mas, durante a ditadura, a data foi sempre olhada com desconfiança e anos houve em que as celebrações foram proibidas, como de 1969 a 1971.

Para além de Coimbra, também noutras cidades, nomeadamente em Lisboa e Porto, a Tomada da Bastilha foi celebrada pelos Antigos Estudantes de Coimbra, sendo que, em Lisboa, o tem sido de forma ininterrupta desde a década de 70, com um Sarau de Gala no Casino do Estoril.

Pelo 25 de Novembro, a Tomada da Bastilha foi sendo notícia e alvo de artigos de opinião, não apenas nos jornais periódicos, mas também em diversas revistas académicas, de que destacamos os seguintes títulos: *A Cabra, Bastilha, Capa e Batina, O Assalto e Rua Larga*.

Em 20/11/1987 a Tomada da Bastilha ficaria ainda assinalada no Diário da Assembleia da República, mercê da intervenção feita pelo deputado Luís Filipe Pais de Sousa ao evocar o I Centenário da Associação Académica de Coimbra.



Exemplo de testemunho das Comemorações da Tomada da Bastilha

mas, como é óbvio, naquela altura não o podia dizer, a bem de todas as partes. De tudo o que acima se descreve, fácil é concluir que existiu desde o início a intenção de desinflacionar os factos e que, na Sessão da Junta Administrativa na tarde do dia 25, cada um disse o que era politicamente adequado para permitir cicatrizar rapidamente uma ferida que a incapacidade ou o comodismo de tantos deixara exposta ao longo de 32 anos e fora agora fechada à bruta naquela madrugada. Como escreveu Artur Ribeiro, «é mais fácil encenar uma sessão da Junta, onde todos se eximam da sua culpabilidade, do que assumir os erros e omissões».

O ESPÍRITO DA TOMADA DA BASTILHA

O 25 de Novembro de 1920 foi mais do que o simples assalto a um edifício que se quis tomar para alargar uma sede. Ele foi um grito de revolta que, ao libertar o prédio, arrastou consigo a libertação da própria Academia. Por isso a Tomada do Instituto foi depois, simbolicamente, apelidada Tomada da Bastilha – remetendo para o imaginário da Revolução Francesa –, já que, aos olhos dos estu-

dantes, o Instituto corporizava o poder absolutista daqueles lentes iluminados, distantes e despóticos que não tinham acompanhado o evoluir dos tempos.

E arrombar a porta que separava os andares do prédio foi como que derrubar uma barricada que separava mestres e alunos, e partir para uma vida nova. E à irreverência dos alunos responderam os mestres com a melhor compreensão.

Estes factos, que chegaram até hoje com o seu quê de picaresco que nos faz sorrir, não devem esconder que a Tomada da Bastilha foi um acto de coragem de um grupo de estudantes que se arriscou a pesadas penas, tais como “ser riscado” da Universidade, para que a Academia de então tivesse uma sede decente para a sua Associação Académica, retomando o precedente de dignidade das suas instalações, que se perdera, e deixando um exemplo reivindicativo para as gerações vindouras.

Hoje parece que foi fácil... mas se parece é porque não estivemos lá! Os depoimentos de quem lá esteve, de quem correu os riscos, dizem-nos que houve «nervos crispados» em quem ficou na Bastilha «às escuras, estendido pelos bancos, sobre os bilhares, toda a comprida noite [...] vibrando a todo o ruído que o silêncio mais avolumava»; e dizem-nos que al-

guns «se tornaram lívidos perante o cenário da “batalha” que se aproximava»; e que houve um profundo terror ao partir para a Torre em «quem sentiu, ao querer marchar, que os pés se lhe pregavam ao chão, ao mesmo tempo que um frio lhe inundava a fronte».

Houve medo, sim! Mas houve a coragem de o ultrapassar, porque havia uma causa que os ultrapassava a todos – a sua Associação Académica!

A nossa Associação Académica de Coimbra!

E Fernandes Martins, o principal obreiro da Tomada da Bastilha, viria a ser Presidente da Associação no ano a seguir ao golpe (levando consigo outros conjurados), como o *Passarinho* o fora já no ano anterior.

E outras Direcções com outros Presidentes se lhe seguiriam, irmanados no mesmo espírito de inconformismo, rebeldia, companheirismo, desapego, entrega e coragem, espírito com que foram levando a Academia de Coimbra, em cada época, a lutar pelos ideais e objectivos que na altura se lhes afiguraram como sendo justos e necessários.

Foi esse espírito que passou de geração em geração. O espírito da Tomada da Bastilha! É por ele que ainda hoje importa celebrá-la!



Direcção da A. A. 1920/21. Da esquerda para a direita: Gil Ribeiro de Almeida Cabral, Vouzela (Medicina); Manuel Ferreira Fonseca Peixoto, Luanda (Medicina); António Pádua, Porto (Medicina); António Manso da Cunha Vaz, Coimbra (Medicina); Alexandre Metelo de Nápoles, Pinhel (Direito); José Neves Rodrigues, Coimboa (Direito); José de Meneses, Algarve (Medicina)

⁽¹⁾ *Estudos Vários*, de António de Vasconcelos, 1987; *Estudos para a História da Universidade de Coimbra*, de Joaquim Ferreira Gomes, 1991; *Do Associacionismo da Associação Académica de Coimbra e da Tomada da Bastilha*, de Artur Ribeiro, 2002.

⁽²⁾ Depoimento de António Pádua ao #7 da revista *Rua Larga*, 25/11/1957.



APELO À PARTICIPAÇÃO NO 1º CENTENÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA

Por Ricardo Roque, Presidente da Direcção da AAC – 1984/1985

Como nota prévia, importa referir que a Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa foi a impulsadora e dinamizadora desta edição especial do seu Boletim "Capa e Batina", exclusivamente dedicada ao 1º Centenário da Tomada da Bastilha, e quem me investiu num mandato de mobilizar os ex Presidentes da Direcção Geral para contribuírem com um testemunho. E foi no exercício desse mandato que lancei o apelo infra para que cada um, à sua maneira, revivesse as "Bastilhas" do seu tempo tendo como pano de fundo o evento que todos celebrámos aquando da nossa passagem pela AAC.

O propósito altamente meritório da AAACL em assinalar esta bonita marca centenária de um evento que marcou a Academia, a nossa sempiterna Associação Académica de Coimbra e que tanto significou e significa para gerações e gerações de estudantes, fica assim enriquecido com os testemunhos de mais de três dezenas de colegas que responderam à "chamada", que agora podemos ler e que ficam para memória futura.

Muito obrigado a todos os que tiveram a generosidade de contribuir e um agradecimento especial à AAACL pela iniciativa de assinalar os primeiros cem anos da Tomada da Bastilha de 1920.

APELO

Caros e caras colegas Ex Presidentes da DG da AAC,

Este é o ano do "Centenário da Tomada da Bastilha". A nossa, a que em 25 de novembro de 1920 constituiu um marco perene na história da Academia de Coimbra.

Importa manter vivo o seu valor simbólico e, apesar da atual pandemia que nos impede de celebrar estes cem anos como seria merecido e justificado, a AAACL - Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa (de que, enquanto ex Presidentes da AAC muitos de vós são já Sócios Honorários e esperando que brevemente o possam ser os restantes) vai fazer um boletim Capa e Batina especial, dedicado justamente ao "Centenário da Tomada da Bastilha".

Esta edição temática ficará enriquecida se os Ex Presidentes da Direcção Geral da AAC (e do atual, claro), nela participarem. Todos nós, durante o período em que assumimos responsabilidades enquanto representantes dos estudantes, vivencia-

mos situações que justificaram o nosso empenho, a nossa militância associativa e, enfim, teremos histórias para contar, Bastilhas conquistadas.

É essa experiência que podemos relatar, como a vimos e sentimos com os colegas de então, sem qualquer limitação que não seja a do número razoável de caracteres.

Um testemunho pessoal da vivência associativa e das suas lutas e sonhos, para memória futura, que é simultaneamente uma homenagem a todos aqueles que, naquela noite já distante no tempo, subiram à Torre da Universidade, invadiram o Colégio de S. Paulo e assim conquistaram o espaço para a sede da nossa Associação Académica de Coimbra.

A Fátima Lencastre, grande Presidente da AAACL e entusiasta deste projeto, pediu-me colaboração para conseguir a disponibilidade do maior número possível de colegas, razão pela qual aqui estou a tentar mobilizar-vos. Não custa muito.

Um agradecimento antecipado a todos e, em especial, a quem aceitar o desafio.

NO CENTENÁRIO DA «TOMADA DA BASTILHA»

Por José Manuel M. Cardoso da Costa, Presidente da Direcção da AAC – 1959/1960



Pede-me a AAECCL que me associe ao número especial de Capa e Batina comemorativo do centenário da «Tomada da Bastilha». Como havia de recusar? Como havia de recusar – quando se trata de uma efeméride tão simbólica para a academia coimbrã e de uma data que nos convoca e congrega a todos?

E sugere-se-me que o faça evocando o meu próprio tempo académico – o que o caracterizou, algum fasto que o marcou, as «bastilhas» (assim, inspirada e sugestivamente alguém escreve!) que nele vivi.

Pois bem: direi que o tempo que foi o meu – entre os muitos e diversificados que foram os tempos da academia coimbrã, no curso dos 100 anos que ora se cumprem – não ficou marcado por nenhum acontecimento singular de irreverência, de contestação ou de «revolta» académica. Era o fim dos anos 50 do século passado – e esse foi, na verdade, nesse aspecto, um tempo que direi sossegado ou «tranquilo» (pelo menos à superfície...). Mas nem por isso era a academia de Coimbra uma realidade social amorfa: fervilhava, sim, em múltiplas actividades – na Associação Académica (que se mantinha no Palácio dos Grilos) e nas suas múltiplas secções culturais e desportivas (o futebol, ainda com o Bentes, e já com o Rocha, batia-se galhardamente na 1ª divisão; e

o basquetebol, com Mário Mexia, venceria o campeonato nacional!); nos organismos académicos, como o Orfeon, a Tuna, o TEUC, o CITAC e outros; nas Comissões da Queima das Fitas; para muitos, no CADC; para outros, ou para todos, nas «repúblicas», nas tertúlias, nos cafés, nos cinemas (com o Cine Club de Coimbra), sei lá onde mais... Muitas foram as iniciativas culturais que tiveram lugar então – e continuou a publicar-se semana a semana, inteira e pluralmente aberta a todos, a «Via Latina», jornal da AAC, sendo que a edição do seu nº 100 se fez intencionalmente coincidir (não podia vir mais a propósito recordá-lo!) com a data do 39º aniversário do mesmo dia que agora celebramos (tudo o que se destacou na respectiva nota editorial, que me coube escrever).

Há um acontecimento particularmente significativo – mas esse ocorrido no plano da Universidade como um todo – que não devo, no entanto, deixar de recordar, até pelo que depois ficou. Refiro-me à polémica aberta com a Universidade de Lisboa – acerca de saber a qual cabia o estatuto de mais antiga universidade portuguesa, continuadora da fundada por D. Dinis. Tal sucedeu no quadro das comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, enquanto «protector da Universidade» – tendo-se traduzido em tomadas de posição muito vigorosas por parte dos dois Senados universitários. E a academia estudantil – em Assembleia Magna e em concentração junto à Reitoria, que recordo bem – não deixou também, ela própria, de manifestar-se nesse ensejo, em apoio à legítima reivindicação histórica da sua Universidade. Saldou-se a polémica pelo reconhecimento «oficial» dessa

reivindicação – o que foi feito pela via assaz curiosa (e que só os «iniciados» podiam entender!...) da publicação de um diploma legal «autonomizando» a capela da Universidade como lugar de culto e incumbindo o Senado de aí promover as cerimónias prescritas pelos chamados «Estatutos Velhos», o que significava ou incluía as decorrentes da protecção e dos votos do Infante! Entre tais cerimónias assumia e assume realce particular a do dia 1 de Março: eis de onde vem o Dia da Universidade de Coimbra, que a partir de então se institucionalizou!

Fechado o parênteses, e voltando ao ambiente académico do meu tempo: se foi um tempo a que chamei «tranquilo», acrescentaria que foi também um tempo «sóbrio», de possibilidades e oportunidades que não são as de agora, e, no geral, de contados recursos. Não havia «Erasmus», que nos permitissem ir pelo Mundo, nem computadores pessoais ou sequer máquinas de fotocópia: coligávamos apontamentos à mão e usávamos «sebentas» tiradas a «stencil»; não tínhamos automóveis e, em geral, quedávamo-nos por Coimbra durante toda a época escolar; não havia discotecas, e nem as possibilidades de diversão ou de assistência ou seguimento de acontecimentos culturais ou desportivos eram as que são hoje; a televisão só dava os seus primeiros passos... Mas tivemos e fizemos e construíamos outras e não poucas nem despidiendas coisas, com o que o nosso tempo coimbrão, a par de um tempo alegre e jovial, com o nosso entusiasmo e as nossas ilusões, nem por isso deixou de ser, nessa sua sobriedade, um tempo de grande enriquecimento humano e cultural. Decerto, o enriquecimento humano e cultural que nos proporcionaram as «escolas» em

que nos formámos – com as lições de grandes Mestres, muitos que o eram de ciência e de sabedoria, mas também, o que não é menos, de experiência e de vida. Mas ainda o enriquecimento que nos deixaram as plúrimas e diversificadas instituições, actividades e iniciativas e o multifacetado convívio que comecei por referir.

Resta-me – neste esboço do que foi o meu tempo académico – juntar uma última nota, que quase me atrevera a qualificar como a mais relevante, de tão impressiva que me ficou e de tão sensível que a ela sou. Trata-se do espírito de tolerância e de respeito pelas convicções e posições dos outros que em geral marcava o convívio dentro da academia e a nossa convivência: as



divergências de concepção de vida, ou religiosas ou ideológicas e políticas não eram obstáculo à criação e ao desenvolvimento da amizade e eram assumidas como expressão de um natural plu-

ralismo. Por isso – já uma vez o escrevi e repito-o agora – a academia coimbrã que conheci e integrei foi uma grande escola de convívio cívico! Eis o que de melhor posso dela dizer!

CRISE ACADÉMICA DE 1962

Por Francisco Leal Paiva, Presidente da Direcção da AAC – 1961/1962 e Galifão de 1958 a 1962



A AAC de 1961-62 enquadra-se num clima sócio-político internacional de contestação, enquanto que em Portugal se vivia com ausência das liberdades essenciais, com o espectro permanente da PIDE organizando perseguições (mobilizações militares arbitrarias e internamentos na colónia penal de Penamacor) e prisões, e ainda o início da guerra colonial.

Do contexto internacional saliento:

- no início de 1959: Fidel de Castro entra com tropas em Havana
- em Abril 1961: invasão da Baía dos

- Porcos, fracassada 2 dias depois
- em agosto.1961: começa a ser construído o muro de Berlim
- em 5.7.1962: independência da Argélia
- mantém-se a guerra do Vietname (1959 a 1975)
- em outubro.1962: inicia o Concílio Vaticano II
- também em outubro.1962 : crise dos mísseis de Cuba.

Naquele tempo a francofilia era dominante, mas ouvia-se Joan Baez e Bob

Dylan. Em 1962 nascem os Beatles. Em Coimbra obviamente Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Luis Gois... Em Portugal, a campanha da eleição de Humberto Delgado em 1958 tinha criado um entusiasmo persistente, alimentado por outros acontecimentos como a fuga do Forte de Peniche de Álvaro Cunhal e outros 8 destacados dirigentes comunistas em Janeiro de 1960; depois em Janeiro de 1961 dá-se o assalto ao paquete Sta Maria chefiado por Henrique Galvão; alguns dias depois inicia-se a guerra em Angola; em Abril de 1961 falha a tentativa de golpe de Estado do Ministro da Defesa General Botelho Moniz; em dezembro.1961 fuga espectacular do Forte de Caxias no carro blindado de Salazar, de vários militantes comunistas; ainda em Dezembro de 1961 a PIDE assassina numa rua de Lisboa o escultor José Dias Coelho; ainda no mesmo mês a União Indiana ocupa a Índia Portuguesa; no dia 1 de Janeiro de 1962 assalto ao Quartel de Beja; nas semanas seguintes fortes manifestações populares na margem sul do Tejo e a conquista-

ta da jornada de 8 horas de trabalho no Alentejo e Ribatejo; em Março de 1962 iniciam-se as emissões da Rádio Portugal Livre a partir da Roménia; em 25.6.1962 nasce a FRELIMO; em 30.6.1962 saída clandestina de Agostinho Neto que tinha residência vigiada pela PIDE num pequeno iate para Marrocos e depois para Leopoldville e que veio a ser o 1º Presidente de Angola.

Entre na República em 1958, onde encontrei o Vasco Diniz, episodicamente o Fernando Coelho já médico, entre os mais novos o Almeida, Loureiro, Barata, Adrega, Poitout, Xani, Borges e mais tarde Carapau, Mota, Velhote, Mendes, Machuco e o fugitivo Né, para não falar dos 3 expulsos. Peço desculpa se esqueci alguém. Lembro-me de Encontros memoráveis com Natália Correia, Luis de Lima, Artur Paredes e o filho Carlos Paredes, Teatro Moderno de Lisboa com Rogério Paulo, Jograis de S.Paulo. Um dos nossos ilustres amigos era o Doutor Orlando de Carvalho que inaugurou a nossa Biblioteca. Lembro-me da prisão do Zeca Afonso ao sair da nossa República juntamente com o Cassiano do Bota-Abaixo. Tantos e tantos enriquecedores momentos. Resta-me ainda uma palavra de saudade para Barata, Machuco, Borges, Mendes, Otto e Mota. Viva a Vida.

A Academia de Coimbra desde a presidência de Salgado Zenha em 1944, de resto demitido 4 meses depois da posse por se recusar a participar numa manifestação de apoio a Salazar, tinha mantido à frente da AAC sempre direcções fieis ao regime, até que nas eleições de 1960 sai vencedor Carlos Candal, o que permite um novo estilo participativo com uma intensa actividade do CITAC com Luis de Lima, do TEUC com Paulo Quintela que acaba de organizar a 8ª Delfiada, do Circulo de Artes Plásticas com Mário Silva, do jornal Via Latina com Avelãs Nunes e José Carlos de Vasconcelos. Aqui a Academia é sacudida por "Carta à Jovem Portuguesa" da autoria do finalista de medicina Marinha de Campos.

É neste contexto e apoiados por uma significativa dinâmica do Conselho de

Repúblicas, que somos eleitos para a direcção da AAC 1961-62. Vamos contar com um Reitor (Braga da Cruz) de nomeação governamental, com um Senado Universitário amordaçado e sob o espírito do decreto 40900 que tem merecido desde 1956 uma contestação permanente pela defesa da autonomia das associações de estudantes.

Arbitrariamente o presidente eleito José Lopes de Almeida é mobilizado de imediato para a guerra colonial, o mesmo sucedendo ao seu substituto Jorge Aguiar. Logo em Outubro de 1961 há um incidente com a prisão de um estudante implicado na organização de um cortejo. O Dia do Estudante comemorava-se desde 1951 por consenso das 3 academias no dia 25 de Novembro denominado "Tomada da Bastilha" desde 1921 para festejar o assalto ao Clube dos Lentes que se tinham apropriado da associação dos estudantes. O MUD juvenil já em 1947 tinha proposto uma data entre 21 e 28 de Março. Como reacção ao dec. 40900 o Dia do Estudante realizou-se de 17 a 19 de Abril de 1957 em Lisboa com a participação do CITAC.

A "Tomada da Bastilha" de 1961 ocasio-

nou a prisão do Dux Veteranorum e mais 15 estudantes membros do Conselho de Veteranos signatários do "decreto".

Num intenso intercâmbio com as Academias de Lisboa e Porto organizamos em Coimbra o 1º Encontro Nacional de Estudantes de 9 a 11 de Março de 1962, que mereceu um despacho de proibição do Ministro da Educação Nacional veiculado através da PSP que não acatámos. Como o Ministro da EN recusa receber a Direcção da AAC, a Assembleia Magna delibera realizar uma manifestação de protesto na inauguração do edifício da Biblioteca da UC em 13 de Março na presença do Ministro da EN.

Perante a proibição do Dia do Estudante em Lisboa de 24 de Março, a Assembleia Magna decreta luto académico e ausência às aulas.

Em 9 de Abril o Senado Universitário inicia um processo disciplinar aos membros da direcção da AAC e a outros estudantes e ao mesmo tempo é instaurado um processo crime por não acatamento da proibição do Encontro.

Em 7 de maio a direcção da AAC é suspensa e nomeada uma Comissão Administrativa; como resposta suspen-



dem a sua actividade as 38 Secções da AAC incluindo a de futebol a disputar a 1ª Liga, e ainda os organismos autónomos TEUC, CITAC e TUNA. E o mais incrível a QUEIMA das FITAS a iniciar a 11 de Maio não se realizará por decisão dos interessados – os grelados. E eu sei o que representa a anulação deste empreendimento porque no ano anterior eu tinha sido o presidente eleito da respectiva Comissão Central.

Em 9 de Maio o velho edifício do Palácio dos Grilos, sede da AAC, foi barricado por centenas de estudantes; a PSP intima a

direcção já suspensa a comparecer no Comando; fui presente ao major Veiga Simão sem as chaves que estariam no poder do porteiro senhor Chico, pelo que fiquei retido algumas horas até o conflito ser resolvido com a participação duma Comissão de Professores.

Em 2 de Julho, plena época de exames, terminou mais um acto desta peça com a aplicação de penas disciplinares desde 6 meses de expulsão a 34 estudantes da UC incluindo os 7 membros da direcção com 2 anos de exclusão de todas as escolas nacionais. O processo crime julga-

do no Tribunal de Coimbra terminou-se com a absolvição.

Todos os membros da direcção AAC expulsos, no fim da pena retomaram os seus estudos e terminaram os seus cursos.

Eu retomei os estudos na Universidade de Lisboa onde me licenciiei em 1966.

A crise académica de 62 foi um tempo de viragem.

Nessa altura Miguel Torga no seu Diário escreve: "o que torna esta época singular e perturbadora é que o Homem pode ao mesmo tempo ir à Lua e ter um polícia dia e noite a guardar-lhe a porta".

OUTRAS BASTILHAS: COIMBRA 1963–1964

Por António Correia de Campos, Presidente da Direcção da AAC – 1964

Durante o longo inverno coimbrão a vida associativa borbulhava subterrânea, mas não adormecida. A única estrutura não destruída pela repressão de 1962 era o Conselho de Repúblicas, o qual se batia pela normalização rápida da vida académica. Tornava-se necessário começar a contactar os estudantes, através de comunicados. Eurico Figueiredo que com Valentim Alexandre e eu próprio havíamos sido expulsos de Lisboa fez diligências locais para a sua impressão. Os estudantes que dirigiam a secção de textos, onde se imprimia boa parte das sebtas, amedrontaram-se perante a perspectiva de ali se imprimir um longo comunicado, mesmo que assinado pelo Conselho das Repúblicas.

O comunicado foi levado a Lisboa e fiquei encarregado de o trazer, policopiado em milhares de exemplares, no Foguete em primeira classe, para não dar nas vistas. Cheguei à estação de Santa Apolónia em Lisboa a tempo de transportar a pesada mala e de a colocar no suporte. Sentei-me no lugar marcado. Pouco depois chegaram vários passageiros, todos homens, que ocuparam os lugares de um compartimento de seis. Embrenhei-me na leitura de um jornal, com o ouvido atento à conversa. Percebi que eram pro-



fessores da universidade que teriam ido a Lisboa a uma reunião oficial. Fingi-me distraído, mas pude apreender que se tratava de gente altamente conservadora, partidários da defesa do Ultramar até à exaustão, criticando Adriano Moreira e a ala menos conservadora do regime. Ironia do destino: a mala que repousava no suporte por cima de mim continha o primeiro comunicado do Conselho de Repúblicas após a crise do ano anterior. Uma vez distribuído, reacenderia a agitação estudantil, lançando inquietação nos espíritos conservadores.

Ao aproximarmo-nos de Coimbra, comecei a pensar em como tirar a mala do

suporte, uma mala pesadíssima. Depois de Alfarelos, vesti a gabardina e preparei-me para sair. Fiz um esforço para deslocar a mala para a porta da carruagem, mas seria impossível sem ajuda. Um dos professores então auxiliou-me.

-Mala pesada. São livros?

-Pois pois, já se sabe, os livros pesam muito!

Lá consegui arrastar a mala para o final do corredor. Em Coimbra-B deixei sair os professores e demais passageiros, chamei um carregador que veio com uma plataforma com rodas e varais, acomodou a mala e dirigimo-nos para um táxi que nos levou à República do Rás-Teparta. Ai, no meu quarto, depois de a maior parte dos colegas estarem recolhidos, procedi à organização dos molhos do comunicado a serem distribuídos pelas equipas já organizadas pelo Carlos Ferrer Antunes.

No dia seguinte, ao meio-dia, na saída das aulas, os estudantes quebravam uma longa abstinência de comunicados, recebendo o texto do Conselho de Repúblicas, distribuído em profusão. A Pide e as autoridades académicas que em Coimbra pouco ou nada simpatizavam com o movimento estudantil tinham, finalmente, alimento para pasto.

Em Coimbra a crise de 1962 tinha decor-

rido de forma diferente de Lisboa. No ano seguinte, o movimento associativo teve que recomeçar a sua atividade com mil cautelas. A Academia estava traumatizada com o esquerdismo romântico inconsequente que levava à quase destruição da vida associativa e a dezenas de prisões e cada passo carecia de mil cuidados. O Conselho de Repúblicas, estrutura marcadamente tradicional, estava ele próprio dividido, embora a maioria dos seus membros alinhasse na recuperação da atividade associativa. Seria a única semente disponível para fazer renascer a Academia.

As eleições, marcadas para Novembro, aproximavam-se e sabia-se que a direita se organizava. Dos estudantes de Lisboa expulsos para Coimbra apenas Eurico Figueiredo, Valentim Alexandre e eu próprio residíamos na cidade. A maioria continuava a residir em Lisboa deslocando-se a Coimbra para exames de frequência. Assim acontecia com Sottomayor Cardia, Passos Valente, Nuno Brederode Santos, Fernando Baeta Neves, José Garibaldi, José Felismino. Nos dois ou três dias que passavam em Coimbra ficavam alojados em repúblicas, e alguns na minha própria república. Não havia ocasião para longas conversas: chegavam atarefados com a última revisão da matéria para a frequência e partiam, mal terminavam o exame escrito. Embora fosse amigo de todos, jamais as visitas deles poderiam influenciaram o renascer da vida associativa coimbrã. Os residentes como nós estavam entregues a si próprios.

Consentidas por novos estatutos da AAC aprovados pelo recém-nomeado ministro Inocêncio Galvão Telles que tinha familiares no ativismo associativo, as eleições de Novembro aproximavam-se. Entretanto, haviam regressado a Coimbra dois estudantes de elevado prestígio na academia: José Lopes de Almeida e Manuel Alegre. O primeiro terminara o serviço militar em Angola, depois de ter interrompido o mandato de presidente da AAC em 1961. Excelente estudante era também exímio guitarrista e não se furtava a uma noite de boémia. Eurico Figueiredo pretendia que ele fos-

se o candidato a presidente, mas Lopes de Almeida desejava terminar as poucas cadeiras que lhe faltavam até à formatura, aproveitando o regime especial para estudantes ex-militares. Ficou integrado no grupo de planeamento da candidatura, prestando excelente colaboração. Alegre tinha regressado de Angola depois de uma atribulada passagem à disponibilidade em consequência de prisão que sofreu em Luanda, com a acusação de se ter envolvido num movimento sedicioso militar local. Alegre vinha marcado pelo longo afastamento da pátria e da família. A sua reinserção em Coimbra tinha que ser feita com precauções, pois continuava muito vigiado. Preparou algumas cadeiras e envolveu-se no teatro de estudantes (TEUC), de que era fabuloso intérprete. Datam desses tempos algumas das suas mais importantes produções poéticas contemporâneas da balada de Coimbra, canção de protesto que as circunstâncias estavam a fazer desabrochar. Adriano Correia de Oliveira, que já passara por Lisboa e Coimbra, ingressou então na minha república, sendo frequentes os encontros e os trabalhos musicais, onde poemas de Alegre, musicados por seu cunhado António Portugal, eram primorosamente interpretados por Adriano. Uma geração de grandes talentos.

Aceitei ser candidato a presidente da direção da AAC na lista proposta pelo Conselho de Repúblicas. Vencemos as eleições, ficando a esquerda com capacidade para dirigir a Academia. Como seria previsível, o Ministro Galvão Telles não homologou o meu nome e tive que me resignar à direção da secção pedagógica. A vida desse ano letivo de 1963-1964 ficará sempre na história coimbrã, sobretudo no que respeita à cultura. Não apenas os organismos autónomos como o Orfeão, o TEUC, o CITAC, a Tuna, o Coral de Letras e o Grupo de Danças Regionais animaram a sua atividade, como a própria AAC revigorou a secção cultural e o Círculo de Artes Plásticas, criou um Centro de Estudos Cinematográficos, uma secção fotográfica e até mesmo um círculo de estudos associativos. Coimbra passou a ter um fortíssimo calendário

cultural. Os dois grupos de teatro competiam em qualidade de encenação e maestria dos atores. No TEUC, o veterano professor Paulo Quintela encenou um fantástico "Auto das Barcas do Inferno", com Manuel Alegre no principal papel. O CITAC contratou Jacinto Ramos para encenar uma peça de Thornton Wilder, "A nossa cidade", com excelente interpretação de Luísa Feijó. A secção cultural trouxe a Coimbra um ciclo de especialistas do século XIX, intelectuais de prestígio, impossibilitados de ensinar na universidade por banimento da Pide. Maria Barroso, com o marido exilado, veio a Coimbra declamar poesia contemporânea, com enorme sucesso. Carlos Paredes, aureolado pelo enorme êxito da música do filme "Verdes Anos" de Paulo Rocha, veio com frequência a Coimbra, cidade onde se criara e aprendera com seu pai, Artur Paredes, compor, improvisar e tocar com a malta da academia e participar em sessões memoráveis de jazz, acompanhado pela orquestra ligeira do Orfeão. José Afonso, o grande criador da balada de Coimbra, vivendo no Algarve, vinha à universidade realizar frequências das cadeiras pedagógicas de que necessitava para se tornar professor efetivo. Hospedava-se muitas vezes em repúblicas, entre elas a Rás-Teparta, sendo habitual participar com Adriano e Rui Pato, em sessões de poesia e baladas. O seu disco com a famosa canção "Os vampiros" tinha sido editado no Natal de 1963 e estava a registar enorme êxito. Dir-se-ia que a repressão do ano de 1962 e o longo e silencioso ano de 1963 haviam provocado um culturalmente explosivo ano de 1964. A vida associativa crescia em atividade e em debate. As assembleias magnas de então, embora sem crise à vista, ficaram memoráveis as intervenções de José Carlos Vasconcelos, Eurico Figueiredo, Rui Namorado, José Barros Moura, do lado das esquerdas e do lado das direitas a verve iconoclástica de Francisco Lucas Pires impunha admiração e respeito.

Foram ainda necessários mais dez anos para que a democracia chegasse e se pudesse afirmar.

“1969, VENTOS DE MUDANÇA”

Por Alberto Martins, Presidente da Direcção da AAC – 1969



1. O fim da década de 60 é o tempo de todas as encruzilhadas, desde o esmagamento da Primavera de Praga pelas tropas russas e à queda do mito de um comunismo de rosto humano, ao desastre colonizador dos EUA no Vietname, aos assassinatos de Luther King e Roberto Kennedy, ao aparecimento do movimento Yippie e de uma nova cultura que busca o regresso à natureza e à individualidade, ao emergir de uma consciência ecológica. Vive-se um novo sentido das relações entre homens e mulheres, a afirmação da rádio e da televisão no espaço público, a Apolo 8 a chegar à órbita lunar, até a consciência do mundo como integração interdependente de blocos.

2. A Portugal também esses ecos de esperança e mudança nos chegam, pela televisão, pela rádio, pelas notícias dos portugueses emigrados por França e pela Europa, por muitos refugiados, pela literatura que vem até nós. Num país de censura (mais férrea para o que se passava entre nós, do que para o que se passasse em França ou Vietname) íamos “lendo” os acontecimentos, a transformação da vida quotidiana, a explosão juvenil, o Maio de 68 em França, a nova centralidade da juventude como protagonista da história.

3. Mas a sociedade portuguesa tinha problemas muito específicos e singu-

lares, muito distantes da realidade e do ritmo acentuado de crescimento económico das sociedades ocidentais. Portugal era então, um país subdesenvolvido (pobre, analfabeto, desigual), uma ditadura com censura e uma polícia política por vezes torcionária, com uma guerra colonial, iniciada em 1961 (enfrentando movimentos de libertação nacional nessas colónias), um país isolado no mundo. A juventude portuguesa e o povo português tinham, por isso, no horizonte, nesse tempo de ditadura, um jogo de cartas marcadas e viciadas.

4. Há cinquenta anos, a resistência, a criatividade e o crescente processo de politização da juventude estudantil nas lutas de Coimbra, em 1969, revelaram um dos mais massivos, duros e prolongados confrontos dos estudantes portugueses (homens e mulheres – 45%) contra a ditadura. Foi uma luta que transcendeu a Universidade, chegou à cidade, ecoou pelo país.

O terreno da consciência política aprofundou-se, então, no questionamento da Universidade, da sua natureza enquanto instituição pedagógica e científica, da segregação social que espelhava e da sua resposta às necessidades de desenvolvimento nacional.

A opção estratégica por uma Universidade nova apelava a um novo sistema, um novo regime, pondo em causa a ditadu-

ra, cujo suporte estrutural era a guerra colonial.

5. A direcção que triunfou nas eleições estudantis de 1968, seguindo-se à Comissão Administrativa de confiança governamental, foi apoiada pelos organismos autónomos e pelo Conselho das Repúblicas. E já nesse ano a tomada da Bastilha, festa da Academia que comemora o assalto ao Clube dos Lentes, foi um imenso desfile de protesto. As greves às aulas e a exames foram decididas pela Assembleia Magna, no quadro da declaração, do luto académico decretado pelo Conselho de Veteranos. As capas e batinas passaram a andar em luto, as “fitas” e o “grelo” recolhidos. A Queima das Fitas também se não realizou por decisão dos seus órgãos representativos e em obediência ao luto académico. A Académica, também no futebol, trajava a cor do luto, não o seu preto habitual, mas o branco. E no final memorável da Taça de Portugal de Futebol no Jamor em 22 de Junho, lá entrou a Briosa a passo, de luto, capa desenrolada sobre os ombros, envolvida por uma manifestação imensa, num estádio cheio, cercado de polícia.

6. Como refere o então Presidente da República Jorge Sampaio, em 1999: “Há circunstâncias que singularizam a crise de Coimbra no contexto das crises académicas do Regime Autoritário.

Em primeiro lugar, foi uma das mais duras e prolongadas lutas estudantis de sempre, que se materializou numa greve a exames, com a consequente perda de ano para um número muito considerável de alunos, e estendeu-se por vários meses. Em segundo lugar, ultrapassou claramente o âmbito exclusivo do protesto estudantil, para envolver professores, a

Universidade no seu conjunto, e suscitar a adesão de uma cidade.

Em terceiro lugar, a natureza eminentemente política que o protesto tomou, com o tipo de instrumentos utilizados para desmobilizar e reprimir, designadamente a incorporação militar compulsiva de dezenas de participantes no movimento grevista, pôs em causa, não ape-

nas um sistema escolar, mas um regime político autoritário, com o subsistema da repressão.

Não nos esqueçamos, entretanto, que a crise de Coimbra estalou poucos meses após a substituição de Salazar por Marcello Caetano à frente do Estado Novo, funcionando como teste aos propósitos liberalizadores do regime".

“A TOMADA DA BASTILHA QUE NÃO SILENCIARAM”

Por António Remédios, Presidente da Direcção da AAC – 1970



A nossa Direcção (Abril a Setembro 70) não foi homologada pelo Ministério da Educação e, portanto, nem tomou

posse de funções.

Eleitos nominalmente e constituída pelos estudantes mais votados nas várias Faculdades, seríamos a 2ª vaga de activistas da greve a exames em 69, nas Juntas de Delegados, após o afastamento repressivo dos anteriores Dirigentes.

Como nossa Tomada da Bastilha poderíamos considerar a grande noite de 9 de Maio, quando procuramos interromper o espectáculo montado por organismos estudantis politicamente próximos do regime a realizar no (nosso) Teatro Gil Vicente. A violenta e prolongada carga policial armada revelou a clara posi-

ção do governo perante o Movimento Estudantil.

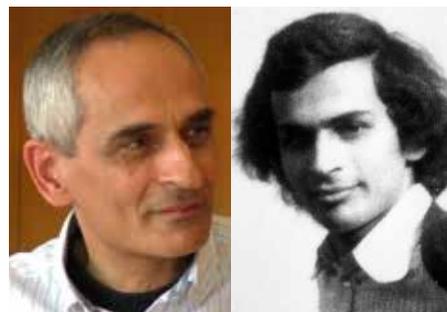
Mas jamais esquecerei o desfile nocturno do 24 Novembro de 68 - grande manifestação silenciosa dos estudantes, acompanhando as várias Repúblicas pelas ruas da Alta e Baixa de Coimbra, com os gritos ELEIÇÕES!!! ao passar pela AAC na Sá da Bandeira - momento antecipatório que viria a transformar todo o ano lectivo 68/69!

Eu era quartanista de Filosofia- a minha Queima das Fitas aderiu entusiasta e "estendeu as capas" ao Luto Académico colectivamente decretado.

ABRIL LUMINOSO

Por António Gomes Martins, Presidente da Direcção da AAC – 1975/1976

Fui presidente da DG da AAC no ano de 1975/76. Tinha sido presidente da DG substituta (de acordo com os estatutos de então) de 1974/75, após eleições que ocorreram em maio de 1974. Como se intui facilmente, essa época foi fervilhante. Para o jovem que eu era representou emergir de um ambiente opressivo e desaguar num mar de luz clara. Tinha participado ativamente no movimento pró-reabertura da nossa AAC, que vinha desenvolvendo iniciativas diversas para forçar o então rei-



tor ao serviço do governo da ditadura, Coteló Neiva, a conviver com a vontade dos estudantes de reaver a Associação que era sua por direito e que perma-

necia encerrada. Por isso, o 25 de Abril, que permitiu varrer esse odiado reitor e saudar a designação como Reitor do prestigiado Professor e democrata Teixeira Ribeiro, foi uma mudança radical, coroando os esforços do movimento pró-reabertura.

Acabara o fascismo e começara a democracia. O Reitor Teixeira Ribeiro, após receber uma delegação do movimento, prontamente mandou reabrir a nossa AAC e deixar que os estudantes se organizassem para restabelecer o normal

funcionamento da Associação, restaurar o convívio democrático e promover de novo a atividade cultural e desportiva em ambiente de normalidade e com redobrada energia. Ainda no mês de maio ocorreram as eleições para a DG. As Secções da AAC retomaram as atividades em ambiente de normalidade, a vontade de participar na vida associativa instalou no edifício da AAC um ambiente de permanente bulício, com centenas de estudantes organizando e participando em iniciativas, numa entrega que ilustrava bem que "a sede de uma espera só se estanca na torrente". A exigência da coordenação da

AAC, da atenção permanente que era preciso dar a todos os processos de transformação que se operavam na Universidade, apoiando as iniciativas estudantis, a necessidade de reativar serviços e infraestruturas que tinham permanecido encerrados, a resposta que era preciso dar a um torvelinho de necessidades criadas pelo retomar da atividade das Secções e Organismos Autónomos, tudo isso fazia com que a DG estivesse em trabalho permanente. Reuniões até às tantas eram diárias e as aulas começavam, muitas, às 8 da manhã e era imperioso não faltar porque o orçamento familiar não era compatível

com distrações... Uma das frentes de que fui responsável foi a da comunicação, em cujo âmbito coordenei a edição da terceira série da Via Latina.

Devolver a AAC aos seus legítimos donos foi um empreendimento exaltante, numa época em que a generosidade da juventude estudantil foi muito intensamente canalizada, de múltiplas formas, para participar na reconstrução do país depauperado por 48 anos de ditadura e 14 de guerra injustificável. Nessa época não havia calculismos nem carreirismos nas funções de dirigente associativo. Por isso foi tão importante para a formação de personalidades.

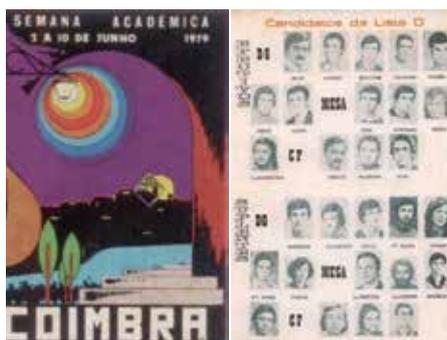
A INESQUECÍVEL GERAÇÃO

António Maló de Abreu, Presidente da Direcção da AAC – 1979/1980



Quase todos os anos, por altura da Queima das Fitas, alguém me pede para escrever sobre 1969, 1979 ou 1980. Quando não me pedem para escrever sobre o momento presente. Vou dizendo que sim – nunca mais aprendo, por mais que tente, a dizer não – até que deixam de insistir, julgando-me um bicho-preguiça ou coisa bastante pior. Tão simpática profusão de solicitações, eu sei, deve-se ao extraordinário facto de eu, por mero acaso, ter sido Presidente da Associação Académica em 1979 e Presidente da Comissão Central da Queima das Fitas em 1980. Os tais anos quentes em que se prepararam e retomaram as tradições académicas em Coimbra, após mais de uma década de interregno.

Daí pensarem que eu tenho alguma legitimidade para falar do luto académico iniciado em 1969. Puro engano. Por essa



altura ainda eu usava uns calções por cima do joelho, da Académica só sabia pelos relatos de futebol onde jogava o meu irmão e meu ídolo, de então e de sempre, e preferia as brincadeiras inocentes da escola às coisas sérias do mundo. E sobretudo nunca me tinha apercebido do que era o luto. Nem do Académico nem do luto na vida.

Ao longo destes últimos quarente anos, mas a espaços, vou escrevendo, contudo, acerca da minha experiência associativa



dos finais da década de setenta do século passado. Faço-o com gosto, mas confesso que cada vez mais o faço sentindo que me repito. Com o esforço de quem sente que mastiga palavras que nada, nem ninguém, ouve nem quer ouvir. Cansados do passado e tristes com o presente, só estamos verdadeiramente disponíveis para mensageiros que nos tragam boas-novas de um futuro luminoso e promissor.

Mas hoje e aqui faço-o com sentido do dever e profunda tristeza na lembrança. Em meu nome, em nome de outros e apelando à indestrutível memória dos que deram os melhores anos da sua juventude por uma causa sem nada pedir em troca. Um destes meus inesquecíveis amigos foi o José Rodrigues Lopes. O Zé Lopes foi meu companheiro na Direcção da Associação Académica de Coimbra, nas lutas académicas de 79/80 e meu

amigo. Se o pudesse definir numa palavra seria: coragem. Coragem, enquanto, filho de gente humilde, subia a vida a pulso; coragem para trabalhar e dedicar-se a causas enquanto estudava; coragem na defesa das suas ideias e coragem quando enfrentava adversários. Sou testemunha, nestes casos, até da sua coragem física. O Zé Lopes foi meu dedicado companheiro e foi, sempre, meu amigo. Amigo de indestrutível amizade, daquelas de nunca quebrar nem torcer, laços esses que havíamos construído hora a hora em anos que caminhamos lado a lado sem pensar jamais em desistir dos nossos ideais. Porque nesses casos é que desistir é morrer. Num sábado, em Vila Nova (Miranda do Corvo), a sua

urna estava coberta pela bandeira da AAC. Merecidamente! Nessa freguesia perdida na serra, longe da Praça da República e da Rua Padre António Viera, enquanto me despedia do Zé Lopes, lembrava-me de outros amigos dessa inesquecível geração, como o Joaquim Pelotte, o Nuno Barbosa Ribeiro, o António Nogueira e o João Paulo Cunha.

Mas há uma fotografia que quase resume o que há de mais importante na vida de um homem: as nossas memórias. Nela, durante a visita de João Paulo II, está um dos meus amigos maiores, de capa e batina em Coimbra. Ainda hoje ecoa na cidade e na Academia a pergunta: quem é o que está vestido de branco ao lado do Zé

Beto? GRANDE – diria ele todo enfeitado de sorrisos e cagança! Porque as nossas memórias não se apagam e nunca morrem. Somos do tempo em que a amizade era um posto. Imagino-o em paz porque o melhor dele nunca dependeu do pior de ninguém.

De longe, choro os que já partiram, abraço os meus velhos amigos e digo: presente!

Confirmam-se assim todos os rumores que não deixam de fazer constar. São verdadeiras as notícias também sobre a minha morte. Mas tão-só porque, quando me morre um amigo como o Zé, o Quim, o Nuno, o Tó, o João Paulo ou o Zé Beto – morre-se-me uma parte inesquecível e irrepetível para mim também.

TRÊS DATAS

Luís Teixeira, Presidente da Direcção da AAC – 1980

**A Tomada da Bastilha, 1920;
A Associação Académica de Coimbra, 1980;**

O Ano do Covid, 2020.

Datas que me despertam memórias e reflexões sobre o sentido mais profundo da vida. Como seria a Associação Académica, em 1980, se não tivesse havido a Tomada da Bastilha? Como seria a vida estudantil? 1980 – Um ano de extraordinária festa e alegria pelo ressurgimento da Queima das Fitas, depois de vários anos de luto académico. Uma festa, não somente, da Academia de Coimbra, mas de gerações de Antigos Estudantes e da própria Cidade. Uma porta aberta de liberdade para as gerações futuras.

Desse ano de 1980, para além de muitos momentos inolvidáveis, quero recordar três episódios:

A abertura solene da Universidade em que o Presidente da Associação Académica, ao fim de vários anos, tomou a Palavra para transmitir os problemas dos estudantes;

A deslocação da Direcção Geral da Associação Académica a Lisboa, ao Conselho de Ministros, para relatar os problemas da Academia e pedir apoio.



Perdidos no trânsito de Lisboa (não havia GPS) e a acelerar quando se podia, chegámos, mesmo assim, depois da hora marcada. Contudo, o Primeiro Ministro, da época, Dr. Francisco Sá Carneiro atrasou a reunião de Conselho de Ministros para receber os representantes dos estudantes, reconhecendo a importância desta Delegação. O que caracteriza os políticos é o respeito pelas pessoas e instituições;

O terceiro episódio, igualmente desconhecido da maioria das pessoas,

não é só pelo pitoresco e o inusitado, mas pelo tipo de acontecimentos próprios da idiossincrasia, de uma época. Extremadas as lutas políticas com as forças mais radicais de esquerda, para além do razoável, inclusivamente a deitarem fogo aos carros da Queima das Fitas, em 1980, temia-se o pior – O assalto ao Museu Académico. Foi quando um elemento da Direcção me surpreendeu, em casa, aos Olivais, com um embrulho Este, envolto em jornais, acomodava a Taça de Portugal em futebol, no ano de 1939, ganha pela Académica. A esta Senhora Taça dei-lhe guarida, várias semanas, debaixo da minha cama, até ser entregue a um antigo jogador de futebol da Académica, na década de trinta, que a guardou, condignamente, até voltar ao seu lugar, no Museu.

Na minha vida tive a oportunidade de frequentar três instituições de referência: O Colégio Militar, O Instituto Superior Técnico e a Universidade de Coimbra.

No Colégio Militar aprendi que a educação deve ser acompanhada por valores de solidariedade e de respeito pelos outros, servindo sempre a Comunidade e o País;

No Instituto Superior Técnico, no convívio estudantil, na observação do contexto político e, após várias horas cercado pela Polícia de Choque, compreendi que todos os confinamentos têm um fim;

Na Universidade de Coimbra, na restauração da Queima das Fitas, em 1980, vivi e renovei a memória dos lugares e das pessoas. Compreendi que não existe, somente, o tempo presente, mas o presente do tempo

passado e o presente do tempo futuro e que "É Preciso Acreditar", como dizem as palavras imortalizadas por Luís Goes, em canção. Foram, também, essas as mensagens dos estudantes, na Tomada da Bastilha:

O combate por valores;

O percurso que se finaliza;

O espaço que se abre;

A esperança que se concretiza.

Por tudo isto, para todos os estudantes de

Coimbra do passado, do presente e do futuro e para aqueles que sofreram ou que sofrem com o estado pandémico, COVID – 2020, para todos os que aguardam angustiados o seu fim e para todos os que o combatem, vai a minha palavra de afirmação e de esperança.

Foi esse gesto intemporal de afirmação e de esperança que nos legaram os estudantes da Tomada da Bastilha.



SOBRE A ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA E O CENTENÁRIO DA “TOMADA DA BASTILHA”

Luís Pais de Sousa, Presidente da Direcção da AAC – 1981/1982

Quando em 1887 foi fundada por essa corajosa geração, na qual se destacou o Dr. António Luís Gomes, certamente poucos perspetivariam à Associação Académica de Coimbra (AAC) um tão importante papel ao nível das diversas realidades associativas.

Da cultura ao desporto, a AAC constitui, indubitavelmente, uma instituição única no nosso País.

Mas, as legítimas aspirações dos estudantes da Academia de Coimbra conheceriam um momento alto com a chamada "tomada da Bastilha", como ficou conhecido o célebre assalto ao 'Clube dos Lentes', ocorrido na já desaparecida Rua Larga, em novembro de 1920, facto que é indissociável dos propósitos de livre associação e do próprio direito à reunião.

Com efeito, na madrugada de 24 para 25 de novembro, um grupo de estudantes descontentes com as precárias condições do antigo colégio de São Paulo, onde estavam instalados, decidiram revoltar-se, tomando de assalto o referido clube dos mestres da Universidade, daí fazendo a primeira sede da Associação Académica. De seguida invadiram a torre da universidade e fizeram soar os sinos, de modo a celebrar o triunfo associativo.

De sublinhar que, durante o consulado

salazarista, a Associação Académica de Coimbra constituiu uma inegável voz e presença na contestação ao regime político vigente, de que nos dão conta as questões ocorridas na Academia no final dos anos 40. Sendo certo que a década de 60 foi, de facto, amais significativa em termos de oposição ao 'ancien régime', contestação que culminaria, em 1969, com o decretar do luto académico, o qual, por sua vez, se prolongaria até à instauração da democracia.

Após 25 de Abril de 1974, a Academia e a Universidade de Coimbra, confrontadas com os valores da liberdade e da democracia, apontaram decisivamente para a urgência duma reforma global do ensino em Portugal.

Para nós, que tivemos a honra de presidir à Direcção-Geral da AAC no mandato de 1981-82, a política associativa era inseparável da ética e da cultura; uma cultura que, enraizada na tradição coimbrã, queríamos que consolidasse a liberdade e a criatividade.

Tratava-se de um apelo à dignidade de processos e à liberdade individual assumida – englobando o espírito crítico e até a irreverência, legítima por que académica – mas com clara rejeição dos radicalismos e das teses dogmáticas.

Por essa altura, era imperioso encontrar novas formas de participação estudantil, no que foi decisivo dotar (em janeiro de 1982, em votação democrática) a AAC de uns novos estatutos (os anteriores eram dos anos sessenta... corporativos e institucionais), construindo mecanismos democráticos, o próprio referendo associativo, apontando para uma nova consciência associativa.

Quando pensamos na Associação Académica, temos presentes as então ressurgidas tradições académicas, os organismos autónomos, as repúblicas, e sempre a 'Académica' (que saudades da antiga secção de futebol!) e a sua mística. Este conjunto constitui, em última análise, a identidade coimbrã, que não se pode separar da própria dialética universidade/cidade.

Espaço de debate, 'escola da vida' – que nos determinou a coragem de ter de assumir opiniões próprias – a AAC é em si uma verdadeira escola de democracia e de exercício da liberdade.

Pelo que aqui prestamos a nossa homenagem à Associação Académica de Coimbra, na comemoração dos 100 anos da tomada da "Bastilha" e no papel ativo da instituição na formação de homens livres e participantes.

LEMBRANÇAS

Guilherme Carreira, Presidente da Direcção da AAC – 1982



Gostava de partilhar convosco três momentos nos quais tive a ventura de participar e levar avante durante a minha passagem pela nossa querida Associação académica de Coimbra.

Antes gostaria de agradecer a meu Pai o facto de me ter autorizado, sim porque naquela altura havia que obter essa aceitação, a responder afirmativamente a um honroso convite feito pelo Maló de Abreu e Paulo Pereira Coelho para ser o candidato a Presidente da nossa Académica. Bem hajás !!!

O primeiro momento que partilho convosco é ligado à questão do levantamento do luto académico e reinício da Queima das Fitas.

Não me vou perder a contar mais uma vez todo o processo, pois outros já o fizeram e bem melhor do que eu.

Mas quero partilhar convosco um episódio que ilustra bem a nossa "raça" académica.

Queríamos realizar novamente o "Baile de Gala". E este só podia ser no ginásio do Liceu D.João III, depois José Falcão.

Ora só o Snr. Ministro da Educação da altura, Prof.Dr. Vítor Crespo, podia autorizar a utilização desse espaço, depois de goradas todas as hipóteses dos responsáveis locais se atreverem a passar a citada autorização.

Faltava 1 semana para o baile e nós já tínhamos tudo contratado e até os bilhetes emitidos, dos quais já tínhamos vendido uma quantidade astronómica.

Pois, nessa tarde, descobrimos que sua Excelência viajaria de comboio Fogete do Porto para Lisboa.

Ora o Foguete não parava em Coimbra. Mas o que trazia o Snr.Ministro parou !!!! Uma representação da AAC ocupou a estação Nova e sob a ameaça de nos deitarmos na linha férrea, o Foguete, pela primeira vez na sua história, parou em Coimbra.

E o Snr. Ministro autorizou a realização do Baile de Gala da Queima das Fitas no Ginásio do Liceu D.João III !!!!

O segundo momento que quero realçar é o da eleição do Reitor da Universidade pelos representantes legítimos da nossa universidade.

Foi um momento alto da afirmação da Autonomia Universitária.

Honra seja feita a Sottomayor Cardia, que, com a sua visão, conseguiu normalizar a "vida" das escolas e das universidades após os anos turbulentos da Revolução dos Cravos.

Foram anos de muita luta interna, com discussões acaloradas nos diversos aerópagos estudantis de então (Trianon, Mandarin, Piolho).

Mas . .

Mais uma vez Coimbra e a AAC fizeram história.

Cok muita luta e honra fui eleito para a Assembleia de Representantes da minha Faculdade nas primeiras eleições dignas desse nome em anos.

E assim participar no movimento que levou à eleição de Rui Alarcão como Reitor da nossa Universidade.

Transcrevo abaixo um excerto da Oração Fúnebre que o meu Amigo Rui Marcos proferiu :

Rui de Alarcão foi investido no supremo cargo de Reitor em 1982. Décadas havia que a Universidade de Coimbra não tinha um reitor eleito. A Universidade, através do Professor Decano, deu posse ao seu Reitor, porque foi ela própria a autora e a responsável pela escolha.

O terceiro momento é o da visita de Sua Santidade o Papa João Paulo II a Coimbra mas principalmente à nossa Universidade.

Confesso que sou católico mas pouco praticante. Fiquei estarecido quando, uma tarde, o Magnífico Reitor Ferrer Correia me chamou ao seu gabinete e me anunciou o seguinte :

- Carreira, o Papa quer visitar Coimbra e ainda por cima no sábado da Queima das Fitas.

Resposta pronta :

- Que venha pois fará também parte da festa !!!!!

E iniciaram-se os preparativos.

Consistiram estes em inúmeras reuniões e intermináveis discussões entre os representantes de Sua Santidade e a Universidade.

Ponto frulcral da discussão.

O Papa seria recebido no Estádio Municipal por todas as entidades públicas, onde aterraria de hilóptero, e seguiria para o Paço das Escolas onde seria rezada uma missa campal.

Ora a Universidade entendeu que Sua Santidade teria de ser recebido na Porta Férrea, pelo Magnífico Reitor e pelo Presidente da Académica e o representante dos Professores e dos Funcionários.

O Cardeal Marcinkus, em plena reunião, levantou-se e disse :

- Sua eminência não vem à Universidade E o Nosso Magnífico Reitor respondeu:

- pois que não venha, porque para entrar dentro da Universidade queremos recebê-lo na Porta dos Leões . . .

E no dia 15 de Maio, um sábado de sol e calor em plena Queima das Fitas, a meio da manhã, o Papa, em plenos Estudos Gerais disse :

- Vida, finalmente, ligada a esta simpática população, entre a qual emergem os jovens estudantes, desta célebre "Iusa Atenas", a "malta" – se me é permitido – aos quais quero dizer: Olá, "malta", o Papa conta convosco! Melhor, Cristo conta convosco!

. . . e as lágrimas caíram-me em borboções. . .

CERTEZA! VONTADE! MUDANÇA!

Luís Parreirão, Presidente da Direcção da AAC – 1983/1984



Tomo de empréstimo, para título desta crónica, as ideias força que mobilizaram, em 1983, os estudantes da Academia de Coimbra nas eleições para a sua AAC.

À distância de quatro décadas o que importa sublinhar é que todos os jovens, em todos os tempos e em todas as gerações, certamente tiveram as suas certezas que transformaram em vontade de mudar, de transformar, de construir um novo mundo. Certamente não acreditávamos, nem acreditamos, todos no mesmo, mas todos acreditávamos!

E esse talvez seja o maior tributo que cada um dos que passou por Coimbra e viveu Coimbra lhe pode prestar – a capacidade de acreditar, de sonhar, de transformar.

Cada um vive o seu tempo e nós vivemos o nosso. Uma aventura colectiva num tempo difícil, numa universidade que se recompunha da revolução, num país pobre e ainda analfabeto, que caminhava para a segunda intervenção do FMI, numa Academia nacional e cosmopolita que juntava estudantes de todas as regiões do país.

E numa Associação Académica que, sem perder a dimensão política que lhe é imamente, e então muito acentuada, começou a evoluir para um centro de convívio e de prestação de serviços aos estudantes.

Um bar que rapidamente evoluiu para um ponto de encontro da Academia, salas de estudo que procuravam colmatar as carências dos alojamentos dos estudantes, um serviço de levantamento e disponibilização de alojamentos, lojas que melhoraram na sua relação com os estudantes, mais e melhores cantinas.



Cada geração tem a sua Bastilha para tomar. Em 1789, a afirmação da trilogia Liberdade, Igualdade, Fraternidade, tão actual como acaba de ser evidenciado pela última Encíclica "Fratelli Tutti", a par da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão fundaram o estado de direito em que, 250 anos depois, ainda vivemos.

Em 1920, os nossos colegas de então entenderam que a AAC precisava de se afirmar e de ter instalações e conseguiram-no. Quantas vezes, durante a pesada noite que se abateu sobre o país por quatro longas décadas, Ferrer Correia, Miller Guerra, Francisco Salgado Zenha, Fernando Luís Mendes Silva, Calos Candal, Joaquim Romero de Magalhães, Alberto Martins e tantos outros, interpretaram, cada um a seu modo e no seu tempo a Tomada da Bastilha.

Cada geração teve, e certamente terá, a sua Tomada da Bastilha, substituindo o velho pelo novo e andando em frente.

O desafio é sempre o mesmo: acreditar e ser capaz de mudar, de avançar, de transformar, de construir um mundo novo e melhor.

Sei hoje que o mundo não muda ao ritmo que os meus 20 anos achavam que mudava. Mas também sei que sem a atitude que todos temos aos 20 anos, o mundo muda-

ria mais devagar e, sobretudo, seria pior. Foi, é e será assim!

Foi uma aventura colectiva corporizada em 28 jovens⁽¹⁾ que à sua volta mobilizaram muitos mais e tiveram a sorte de ter como Reitor da Universidade o mais jovem e o mais sonhador de nós todos, o Doutor Rui de Alarcão.

Rui Alarcão soube mobilizar vontades, ser o estudante dos estudantes, o moderador dos "lentes", o Professor dos Professores, o mobilizador de políticos e governantes, o amigo a quem não se podia /conseguia/ queria dizer que não.

Sabemos como são os desafios que dão sentido à vida de cada estudante e de cada geração e, sobretudo, aos sonhos, até porque, como diz o poeta

*E que sempre que o homem sonha
O mundo pula e avança*

Que nos seja permitido continuar a sonhar, sempre!

⁽¹⁾ Luís Parreirão, Rui Martins, Júlio Cardoso, José Cacho, Diogo Portugal, Fernando Ramos, Ana Paula, Ricardo Roque, Paulo Parreira, João Goulão, João Carlos, Pais Martins, Victor Pereira, Arnaldo, Carlos Brás, Fernando Godinho, Luís Lobão, Rogério Gaspar, Filomena, Jorge Costa, Carlos Gata, Borges Chaves, Fátima, João Rui, Manuela Pato, Ramiro Pinhal, Helena Vieira Alberto, Fernando Jorge.

“TOMADA DA BASTILHA, UM TEMPO QUE NÃO PASSA”

Ricardo Roque, Presidente da Direcção da AAC – 1984/1985

Fui eleito Presidente da Direcção-Geral da AAC em 2 de fevereiro de 1984, com uma equipa excepcional que protagonizou a intervenção associativa pelo Projeto “C” (lista candidata por vários anos e que agregava socialistas e muitos independentes). A “Tomada da Bastilha” esteve então sempre presente, não só no 25 de novembro, quando proliferaram as iniciativas culturais e desportivas integradas na Receção ao Caloiro e fizemos o desfile dos archotes pela cidade (marcha silenciosa noturna evocativa do ato ousado e rebelde que em 1920 tinha sido executado pelos estudantes para dignificar a Associação Académica), mas também no dia a dia quando, enquanto representantes dos estudantes, lutámos pelos seus direitos e pela dignificação da AAC e da Academia de Coimbra.

Portanto, a “Bastilha”, a nossa e única, a que agora comemoramos o 1º centenário da sua tomada, ainda que inspirada pela de 1789 continua sempre presente como ideal inspirador e materializado num código de conduta para quem assume os destinos da Associação Académica. Ontem, hoje e amanhã. Também para nós foi um guião na ação, reflexo de “um tempo que não passa, neste passar de um tempo que não volta”, como escreve o poeta.

E connosco, nesse ano de 1984, com a utopia como horizonte e com a herança de gerações e gerações a darem-nos instrumentos para lidar com a realidade complexa e exigente, enfrentámos os desafios como se de Bastilhas se tratassem e que precisavam de ser conquistadas. Em democracia e em liberdade, e em nome de valores como a solidariedade e a igualdade, ADN da Academia Coimbrã, travámos as nossas lutas, pelos e com os estudantes de então mas também em nome dos de gerações passadas pois o nosso património imaterial não estava, nunca esteve, confinado a espaço ou tempo na sua dimensão universal.



E por isso traço aqui 2 retratos que marcaram o nosso tempo na Associação e que ainda hoje são recordados em regulares tertúlias de antigos estudantes ou nos ocasionais encontros de militantes associativos.

Um primeiro, que foi uma reconciliação com a história. Em 1974, num tempo em que tudo estava em causa e as paixões despertadas pelo 25 de Abril dominavam emocionalmente, uma assembleia magna decidiu extinguir a secção de futebol da Associação Académica, conhecida como Briosa. Dez anos depois sentia-se que faltava algo no grande mosaico académico, algo que era parte da nossa história e que era preciso devolver à Academia. E foi assim que no meu mandato iniciámos o sarar dessa ferida aberta e que muitos, em Coimbra e no país, reclamavam. Após um processo negocial, menos longo que o expectável, chegámos a um acordo de princípio com o CAC- Clube Académico de Coimbra para o regresso à casa mãe, à AAC (não me alongarei aqui por economia de espaço, mas escrevi sobre este pro-

cesso no livro *Construção de Gerações**). Ouvimos as Secções culturais e desportivas, os Organismos Autónomos, os candidatos às últimas eleições, também forças vivas da cidade e antigos estudantes e recebemos um documento subscrito por mais de 1000 estudantes a pedir a integração. A opinião não era unânime por receio de fragilidade e precariedade duma eventual decisão (entre apoiantes do regresso) ou de afetação de recursos ao futebol (algumas secções), mas os termos da nova relação foram estabelecidos no respeito das partes e do reconhecimento da liderança da AAC enquanto representante dos estudantes da Academia de Coimbra. As reuniões preparatórias com o Académico, representado pelo Eng.º Jorge Anjinho, decorreram sob a égide da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, com a ajuda do Prof. Campos Neves e com o patrocínio e a sempre sensata palavra do Magnífico Reitor, Rui Alarcão. As negociações não foram fáceis pois havia receios e muita emoção envolvida de parte a parte mas também não foram remetidas para as calendas. Convictos da nossa razão e do acerto da decisão, a integração ou mais propriamente a reintegração foi aprovada em reunião da DG e em assembleia do Académico e, finalmente, em 27 de julho de 1984, numa sala repleta de calor do termómetro mas sobretudo humano, foi celebrado o Protocolo de integração do CAC na casa mãe, a Associação Académica de Coimbra, como organismo autónomo (e que recebeu a designação de AAC-OAF). Guardo boas memórias desse ato, há mais de 36 anos, e que ficou simbolicamente perpetuado pelo gesto dos 2 presidentes, da AAC e do ex-CAC, de mãos dadas e erguidas em conjunto. A Académica ressuscitou, lia-se dias mais tarde num jornal. O outro retrato é mais outonal porque em novembro. Ao assistirmos ao noticiário televisivo da hora de almoço numa das salas

da DG, gelámos com a notícia do brutal aumento do preço das cantinas de 55 para 100 escudos, mais 82% (já no ano anterior havia subido de 35 para 55 escudos). A entrada em vigor da Portaria 863-A/84, de 16 de novembro, da responsabilidade do Ministro da Educação, José Augusto Seabra, poria em risco a permanência na Universidade de muitos estudantes com poucas condições económicas, e bastantes havia em Coimbra nesse tempo.

Sem política social integrada era inaceitável um tão grande aumento pelo que a atualização do preço das refeições servidas pelos Serviços Sociais só poderia ser equacionada com aumento da capitação e das bolsas. A política de ação social escolar era, para nós, uma questão importante que deveria ter um papel minimizador de desigualdades e de criação de condições aos mais desfavorecidos para frequência do ensino superior. E esta Portaria produziria justamente o efeito contrário.

Realizámos duas Assembleias Magnas com cerca de 3000 estudantes (a última participada tinha sido 10 anos antes e justamente para extinguir a secção de futebol), onde, em unidade sem precedentes, estabelecemos formas de luta desde a greve ao luto académico. E com o humor característico imprimimos uma "nota" parecida com a de 100 escudos, a que demos o nome de "Sem Seabras". O problema é que houve quem tivesse enganado uns comerciantes mais velhotes da baixa passando a dita nota, pelo que foi imediatamente retirada de circulação...

Enquanto em Lisboa, numa Manifestação Nacional, concentravam-se 400 estudantes, em Coimbra e numa demonstração de força da Academia, cerca de 1000 estudantes (em autocarros, comboio e à boleia) compareciam em Miranda do Corvo fazer espera ao ministro que ia inaugurar uma escola, que não apareceu. A palavra de ordem da contestação era sonante e adequada:

"A cem paus a refeição, só se for de camarão"!

Estória desta história: Antes de sairmos para Miranda recebi um telefonema do Magnífico Reitor, Rui Alarcão, que se encontrava em Lisboa por causa da Portaria, a anunciar que a Portaria estava suspensa.



Fiquei um pouco sem saber o que dizer, pois, o nosso primeiro objetivo estava alcançado mas, dividido, decidi manter a viagem pois senti que seria defraudar e criar divisão entre os colegas empenhados na luta.

Miranda do Corvo talvez nunca tivesse visto tanta gente, ruidosa e divertida. À chegada vejo uma miudita que perguntava quem era o Ricardo Roque. Apresentei-me e ela, aflita, diz-me que o Primeiro Ministro estava ao telefone e queria falar comigo (soube mais tarde que o telefone era duma pastelaria que a secretária do PM tinha achado na lista telefónica, ao acaso). Quando acompanhava a empregada sou abordado pelo Comandante da GNR que chefiava as forças mobilizadas por receio que houvesse complicações. No caminho tranquilizei o homem garantindo que o nosso era um protesto pacífico e demos um cumprimento que selou o

compromisso mútuo de manter a situação controlada. Chego à pastelaria repleta de malta. Aguardei uns minutos, toca o telefone e era Mário Soares que me diz:

- então não confia nos amigos? Não há aumento de preço das refeições, está resolvido o problema.

Como resposta, o que me veio à cabeça foi um "sim senhor, ver para crer como S. Tomé". E agradeci. Na verdade, Mário Soares era amigo de Coimbra e da Académica, tendo atribuído o estatuto de Utilidade Pública à AAC.

E, de seguida, num discurso rápido numa qualquer praça utilizando um cone laranja do trânsito de que um estudante havia tomado posse temporária, anunciei a todos os colegas a suspensão da famigerada Portaria, que entraram em delírio coletivo... e esgotaram tudo o que era sandes, bolos, cerveja nos estabelecimentos da terra.

A luta pela revogação valeu a pena, só anos mais tarde aumentariam o preço.

Foram estas as nossas Bastilhas, que ainda nos despertam emoção e um brilho nos olhos. Por isso escrevi, há uns anos que "A Academia de Coimbra é um património de muitas décadas e de muitas gerações, nacional, feito e vivido, e a Académica, no seu todo, dos ex-estudantes e dos atuais, das secções desportivas e culturais e dos seus organismos autónomos, era e é identidade. E cumplicidade com valores, e compromisso com causas.

*Por isso me sentirei eternamente dela."**

E se a Academia de Coimbra é prosa e a Tomada da Bastilha poesia, fica a homenagem ao seu 1º centenário na forma do belíssimo poema de Manuel Alegre:

*Tempo que não passa
De Coimbra, fica um rio e uma saudade
Cavaleiros andantes, dulcineias
De Coimbra, fica a breve eternidade
Do Mondego, a correr em nossas veias
De Coimbra, fica o sonho, fica a graça
Antero de revolta, capa à solta
De Coimbra, fica um tempo que não passa
Neste passar de um tempo que não volta.*

*In *Construção de Gerações*, publicação da Comissão Organizadora dos 120 Anos da AAC, coord. de Joel Vasconcelos, Coimbra, BookpaperDesign, 2008

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

1985-1986 – MAIS UM ANO DE CRISE SUPERADA

Diogo Portugal, Presidente da Direcção da AAC – 1985/1986



Coimbra sempre foi, merecidamente, reconhecida com uma cidade estudantil mas também uma escola da participação na vida democrática e associativa.

Os anos oitenta, vistos com olhar atual, foram anos de modificação de atitudes, de discursos e de grande alteração nas preocupações dos estudantes. A ideologia política e a pressão partidária mantinham a sua influência no ritmo quotidiano do movimento estudantil mas começaram a afirmar-se novos desafios – o cumprimento de responsabilidades, a descoberta de outras atitudes culturais e sociais e a procura da garantia de emprego para os novos licenciados.

O desenvolvimento da Associação Académica de Coimbra, com as suas múltiplas atividades, no campo associativo estudantil, desportivo e cultural, impuseram às Direções Gerais da AAC um novo pragmatismo.

Em 1985-86 a Direcção Geral da AAC estava responsável por um grande edifício, com cerca de 30 secções culturais e desportivas, com convivência com vários Organismos Autónomos, com a missão de manter em Coimbra a mais eclética Associação Académica e clube desportivo e cultural de Portugal.

Em 1985 – o Ano Mundial da Juventude – o Departamento Cultural da Direcção Geral da AAC elabora, com ambição e mérito, um plano anual para eventos

culturais, congregador de novas tendências, desafios e leituras da realidade, com destaque para a intervenção dos estudantes da academia.

Tempos difíceis, de aperto financeiro, desesperando as Secções da AAC por falta de recursos para manter o seu invulgar dinamismo e intensa atividade. As dificuldades diárias para manter a AAC eram uma preocupação.

A cidade de Coimbra delegava na AAC e na Universidade a responsabilidade de garantir a vida e atividade da juventude dos vários graus de Ensino.

Em 1985-86 a atividade associativa estudantil em Portugal estava efervescente, com o surgimento de várias Universidades e Institutos e respetivas Associações de Estudantes com a necessidade de fazerem ouvir as suas vozes. A AAC, sendo a maior Associação de Estudantes do País, porque representante dos estudantes de todas as Faculdades da Universidade de Coimbra, tem que assumir o diálogo, garantir acordos e alguns desacordos com os seus parceiros associativos nas negociações e encontros com o poder governativo.

Por outro lado, à Direcção Geral da AAC era imposto o papel fundamental de evitar a desagregação da Associação Académica e garantir que os Núcleos de Estudantes, que se iam constituindo nas

diferentes Faculdades, se mantinham na defesa de uma AAC cada vez mais unida e coesa.

A normalização do sistema democrático, com a garantia da liberdade de pensamento e atividade política e a possibilidade de assumir opiniões e divergências com a Reitoria, Ministério da Educação e Governo, permitiram o surgimento de manifestações e reivindicações estudantis mais acesas, mas sempre com a liderança da Direcção Geral da AAC na condução da conversação e do diálogo necessários à obtenção de consensos e de soluções para os problemas reais que afligiam os estudantes da academia.

A relação de grande cordialidade e respeito com o Magnífico Reitor, Professor Doutor Rui de Alarcão, e com o Presidente dos Serviços Sociais da Universidade, Dr. Luzio Vaz, é uma memória que merece ser recordada.

Também no âmbito do programa do IX Governo Constitucional surgiu um plano nacional de recuperação económica das associações académicas.

A afirmação de uma voz própria, com uma visão pragmática sobre a mudança que a realidade de então reclamava, a defesa de uma atitude inclusiva do universo estudantil, o diálogo aberto e franco com os interlocutores do poder, foram as armas possíveis para a sustentação da forte identidade da AAC e da sua liderança nas lutas do meio académico.

É com muita admiração e gratidão que saúdo o trabalho, a dedicação, a solidariedade e a amizade fraterna de toda a equipa da Direcção Geral e de todos os que conosco colaboraram para uma AAC mais forte e unida.

A nossa "Tomada da Bastilha" foi a defesa de uma causa maior – a Associação Académica de Coimbra, os estudantes da Academia e a Universidade.

“AAC – TAMBÉM UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR”

Paulo Barreto, Presidente da Direcção da AAC – 1986



Ido do Funchal cheguei a Coimbra no dia 7 de Janeiro de 1982. A academia de Coimbra, naqueles primeiros anos da década de 80 do século passado, libertava-se dos excessos do PREC. As tradições académicas, a praxe, a própria Académica do futebol (que até o nome mudaram) tinham sido ideologicamente coladas ao anterior regime e desaparecido no pós-revolução. Reviviam-se à data da minha chegada as tradições académicas e a praxe, começaram a ver-se (de novo) capas e batinas nas Monumentais, na Alta e na Sofia. Era como um enterrar de preconceitos e de ideologias, surgindo uma academia livre e tolerante, em que cada um seguia os caminhos que quisesse, num ambiente de respeito, compreensão e sobretudo convivência democrática. O último passo para a normalidade foi o regresso da equipa de futebol à academia, através da AAC-OAF, em 1984, acto que então simbolizou o abraço de reencontro entre a cidade e a academia.

A AAC vivia até então e sobretudo, diria, uma intervenção político-associativa para estabilizar o seu papel num Portugal democrático. Depois daquela Académica que lutou (como poucas instituições) contra o anterior regime e passado o período do conturbado PREC, a AAC procurava o seu caminho, liderando a academia já não contra políticas de opressão, mas pondo

na agenda e concretizando questões da luta estudantil, com forte expressão junto do Ministério da Educação e dos órgãos próprios da Universidade, de modo a influenciar para uma política educativa em prol dos estudantes. Recordo-me, por exemplo, e em particular, de matérias relacionadas com o apoio dos serviços sociais e o preço das cantinas, lutas com grande visibilidade e *pujança* académica.

A AAC era também uma instituição eclética, com muitas secções culturais e desportivas, muitos serviços disponibilizados aos estudantes e agia ainda em estreita cooperação com os organismos autónomos da academia. A AAC era o centro da vida académica. Fui eleito presidente da DG da AAC em 1986, já num estado de direito democrático consolidado, não sendo necessário, felizmente e devido à coragem de muitos, lutar por direitos fundamentais inerentes à dignidade da pessoa humana. Já vivíamos em liberdade, tínhamos a nossa sede e à beira dos 100 anos (1987).

Era tempo - e foi esse o slogan da minha lista - de *subir as Monumentais*, querendo com isto significar que a AAC tinha que se voltar para as faculdades, para apoiar os estudantes nas questões pedagógicas. Porque nesses anos surgiram novas realidades como o aparecimento de universidades privadas e o início da cooperação e intercâmbio internacional entre academias e estudantes, importava, pois, ir ao encontro dos estudantes nos seus concretos problemas académicos, ao nível da qualidade do ensino, das necessidades formativas, dos aspectos curriculares. Para isso foi importante criar e consolidar equipas de trabalho em cada faculdade, facilmente

acessíveis aos estudantes. Também foi tempo de começar os intercâmbios europeus, primórdios do actual Erasmus, experiências pioneiras então na Faculdade de Medicina e de Letras. Suscitava ainda preocupação a criação das universidades privadas, que surgiam por todo o lado, em particular nas Humanidades, com o que eram então designados professores *fogueite* (de manhã estavam em Coimbra a dar aulas no ensino público, à tarde e à noite poderiam estar no Porto ou em Lisboa a ensinar nas Universidades Privadas, com deslocações no comboio rápido). Foquei a minha intervenção no dia da Abertura do Ano Académico, em Janeiro de 1987, na presença do Presidente da República Mário Soares e do então Secretário de Estado do Ensino Superior Joaquim Ferreira Gomes, na defesa da qualidade do ensino universitário público e exigindo sindicâncias e rigorosa acreditação para as Universidades privadas que apareciam como *cogumelos*, de modo a não defraudar as expectativas dos estudantes e das suas famílias, que facilmente teriam uma licenciatura mas certamente que não uma ferramenta para o mundo do trabalho. Como referi supra, a AAC fez 100 anos em 1987, o nosso mandato terminou no início de Fevereiro desse ano. Construámos junto à entrada principal do edifício da AAC um enorme painel de azulejos brancos e escrito a negro *Associação Académica de Coimbra* (que ainda existe), alargamos o bar (centro de convívio da academia) e reunimos por diversas vezes com uma escultora e o Magnífico Reitor (Professor Doutor Rui Alarcão, de grande memória e por quem nutro imenso respeito) para a edifica-

ção de uma estátua ao estudante de Coimbra, a instalar do outro lado da rua, no passeio central da Av. Sá da Bandeira.

Uma última nota para dizer que em 1986 era finalista de Direito e que, terminando o curso em Julho desse ano, a partir de Setembro e até ao fim do mandato só me desloquei a Coimbra para momentos que pela sua importância se justificassem, tendo delegado muitos dos poderes no João Asseiro, cujo mandato e presidência não posso deixar de com ele partilhar.



Enfim, não foram *Bastilhas* de grande visibilidade mediática, mas sobejou espírito académico e sobretudo muita vontade de estar próximo dos estudantes. O importante era garantir que a AAC e toda a academia de Coimbra continuavam – como continuaram – a ser a referência das academias do País, pela sua capacidade de luta e pelas suas tradições e história, sendo simultaneamente grande e ímpar polo cultural e desportivo, sem deixar nunca de ser uma associação de estudantes do ensino superior.

UM TESTEMUNHO NA COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA

João Asseiro, Presidente da Direcção da AAC – 1986/1987



Celebra-se no próximo dia 25 de Novembro os cem anos da Tomada da Bastilha em Coimbra, um acontecimento importante e marcante na história da Academia de Coimbra.

A conquista pelos estudantes do Colégio de São Paulo Ermita e que de seguida se tornou a sede da AAC, envolveu uma bem organizada operação logística, assente em três grupos de estudantes que reportavam a uma Comissão Central, assente num segredo bem guardado, dada a proximidade do local da ação, da sede do governo civil e da esquadra de polícia.

A nossa AAC, que este ano comemora os 133 anos de vida, não tinha à data um espaço digno, próprio, à altura e dimensão, para suas necessidades, onde os estudantes se pudessem encontrar,

conviver e participar nas atividades culturais e lúdicas da Academia.

O espaço reduzido confinado ao RC do edifício, onde estava instalada a sede da AAC, convivía no mesmo edifício, com instalações luxuosas e faustosas, ocupadas pelo Instituto de Coimbra mais conhecido pelo Clube dos Lentes.

A crescente insatisfação dos estudantes perante tamanha desigualdade com privilégios para uma minoria em detrimento da "mola real" da Academia, era agravada pelas constantes promessas não cumpridas, das autoridades académicas, no sentido de dotar a AAC de instalações dignas e capazes de acolher condignamente os estudantes.

Estavam criadas as condições, para o acontecimento que se seguiu, a tomada das instalações do Clube dos Lentes por parte dos estudantes, inicialmente simbolicamente marcada para o dia da restauração da independência de Portugal (1 de dezembro), mas estrategicamente antecipada para a noite de 25 de Novembro, por receio de movimentação das autoridades que viessem pôr em causa "tamanha intentona".

O canhão disparou, a cabra e o cabrão

tocaram, uma capa preta foi desfraldada na Torre da Universidade, estava consumada a ocupação das instalações do Clube dos Lentes. A AAC passa a ter um espaço digno dos seu pergaminhos. O sucesso da iniciativa foi festejado de forma muito simbólica com um cortejo de archotes na madrugada do mesmo dia, deste Alta até à Baixa da cidade.

Este acontecimento representava à época uma "revolução" na Academia de Coimbra, revelava o espírito inconformista e lutador do estudante de Coimbra em face de desigualdades gritantes e não compreensíveis mesma à época dos acontecimentos.

Este espírito de inconformismo e de luta pela igualdade de oportunidades, manteve-se ao longo dos 133 anos de vida da AAC, atravessou várias gerações que passaram pela Academia de Coimbra e mantem-se hoje bem vivo.

Foi a mesma atitude de inconformismo e de intolerância com injustiças, que esteve na base das crises Académicas de 62 e 69, e que, a partir dos anos 80, motivou, que AAC com o apoio de todos estudantes, estivesse na vanguarda da defesa das sus causas e liderasse no

país a luta por melhores condições de acesso ao Ensino Superior, pela qualidade de ensino, pelas condições de vida dos estudantes Universitários, qualidade e preço das refeições, mais e melhores restaurantes universitários, etc.

A nossa AAC sempre foi e será um espaço de tolerância e confronto de ideias e de defesa dos ideias democráticos, foi e é também, um espaço de mobilização para a luta de causas justas, um espaço por excelência de democracia participativa, de que melhor exemplo são as

Assembleias Magnas (AM).

Foi neste espaço e neste ambiente que eu passei os melhores anos de Estudante Universitário, tive o privilégio de fazer parte do Projeto C, trabalhei com dezenas de colegas e hoje amigos na ACC, Instituição que acabei por liderar no mandato de 86/87.

Assisti com muito orgulho ao regresso à casa mãe da AAC/OAF, dei o meu contributo para a preparação do primeiro Centenário da AAC e tive o privilégio de conhecer e conviver com o "velho" Chico,

figura e funcionário carismático da AAC, com uma dedicação infinita a sua AAC, memórias muito boas do Campo de Santa Cruz e da família Freixo.

É um rio de saudades e de aprendizagem, a minha passagem pela AAC, seguramente a minha formação pessoal e profissional não teria sido a mesma, se não tivesse sido Estudante da Academia de Coimbra e não tivesse servido a AAC.

O meu obrigado aos muitos amigos que me envolveram na vida associativa.

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA CENTENÁRIA AOS 100 ANOS DA TOMADA DE BASTILHA

Benjamim Lousada, Presidente da Direcção da AAC – 1987

Nunca uma ação, como a dos quarenta conjurados de 1920, se aplicou tão bem aos tempos que vivi como dirigente à frente dos destinos da AAC. A Tomada da Bastilha faz 100 anos, com a ocupação do Clube dos Lentes. A DG a que presidi, em 1987, fez 100 anos. Eles, face à exiguidade de espaço, ocuparam novas áreas dentro do mesmo edifício, nós, face à exiguidade de recursos financeiros e boicote do governo de então, passámos a "ocupar" a consciência dos estudantes, a agir, a alertar e a fazer o que na altura nos parecia o dever de exigirmos, de atuarmos, de provar que eramos os fiéis representantes da mais prestigiada associação de estudantes de Portugal, porventura do Mundo, quisessem ou não, os governantes dessa época.

Da "ocupação" passámos à indignação e, desassombrados, gerámos um enorme sobressalto estudantil, dando prossecução a tarefas que a academia reclamava alcançando alguns êxitos dos quais nos orgulhamos muito.

Apesar do boicote governamental, bem expressa de viva voz por um ministro de então, seja na recusa em



renovar contratos programa, tempos antes criados como forma de apoio às associações estudantis, seja no corte total à concessão de subsídios, demos o nosso melhor em prol do bem comum, quer na área pedagógica, na área cultural (com 7 secções), nos organismos autónomos, na área desportiva (com 22 secções), na área social e na representativa de uma academia bem conhecida aquém e além-fronteiras. Enquanto dávamos início à construção de novas cantinas, continuámos

a "bater" o pé ao aumento do preço das refeições, na prossecução do que anteriores presidentes do Projeto C fizeram com enorme sucesso.

"Subimos as Monumentais", designação que demos a um projeto de índole pedagógico/associativo, criando, nesse ano, os núcleos pedagógicos por faculdade. Pessoalmente, tive o privilégio de ter estado presente, com os Reitores do Coimbra Group, na conceção e implementação do Programa Erasmus.

E porque estávamos no ano do centenário da AAC, fomos a Viseu homenagear Augusto Hilário, com a colocação de uma lápide na casa onde nasceu. Promovemos a divulgação das atividades culturais da academia com espetáculos nas universidades do Porto e Lisboa. Inaugurámos as instalações do Museu Académico no Colégio de S. Jerónimo (antigos HUC), com a presença do Presidente da República Mário Soares, que se dignou presidir às comemorações da centenária academia. Demos dignidade a essa data ao editarmos uma medalha comemorativa (em ouro, prata e bronze), ao impulsionarmos a revitalização da revista *Via Latina* e, arrojadamente, ao lançarmos a primeira pedra do polémico monumento ao estudante.

Teimosamente, iniciámos as primeiras emissões da TV da AAC e equipámos os estúdios da Rádio Universidade de Coimbra para que, aquando da sua legalização formal, estive no topo das melhores rádios locais.

Mas ficaram-me guardados bem cá dentro, e penso que na academia, dois momentos muito especiais perpetrados pelo mandato da equipa da DG, desse ano de 1987, desde os elementos efetivos, aos suplentes e aos generosos colaboradores que a nós se associaram. E foram eles: A compra da casa onde morava o Sr. Chico, porteiro durante muitos anos da AAC, e a chamada de atenção para a Causa Timorense.

No primeiro caso, e desde sempre a pagar renda da sua modesta habitação, decidimos comprar a casa, onde o Sr. Chico, então emblemático e responsável porteiro da AAC morava, e oferecer-lha, homenageando-o pela sua dedicação e fidelidade à academia. De uma forma concertada, num jogo disputado entre a Académica e o Benfica, fomos promotores de uma recolha financeira no Estado Municipal, contando, posteriormente, com o apoio de verbas da Comissão Central da Queima das Fitas.

A outra situação por mim destacada



foi a Causa Timorense. Cedo se percebeu, no meio estudantil, as injustiças, o atropelo dos direitos humanos, a luta pelas liberdades e garantias de um povo massacrado. Começavam a agitar-se as consciências e, como a história nos tem demonstrado, a maior parte das vezes são os jovens aqueles, que nada temendo, dão o grito de alerta, sendo, por vezes, os primeiros impulsionadores das lutas mais justas. Cientes de que poderíamos fazer algo e alguma coisa, promovemos e organizámos, sob o lema "Timor Leste: Responsabilidade Nacional", o 1º Encontro Nacional de Associações de Estudantes do Ensino Superior com a Fretilin e a UDT. Foram muitos os estudantes que participaram e foram insígnies figuras e instituições que a nós se juntaram, a começar pela presidência da república, pelo provedor da justiça, por deputados do parlamento europeu, pela amnistia internacional, pela igreja e por jornalistas que desde longa data vinham acompanhando a situação.

Fica, no entanto, uma mágoa desses tempos, que eu não consigo esquecer. O recurso ao insulto, à calúnia, à ofensa, à difamação com que eu e a minha equipa fomos brindados pelos



dirigentes que me sucederam. E relato-o aqui porque o sucedido também fez parte do meu mandato. Não, não fomos aquilo de que nos apelidaram. O que nós fizemos está "colado" nas paredes da AAC, nas faculdades, na academia de Coimbra. A justiça tratou de tudo, sim, é verdade, mas as atitudes que esse grupo de "dirigentes" de 1988 tomou, fica gravado como um dos momentos mais triste que até hoje assisti entre direções gerais da AAC.

MIL NOVECENTOS E OITENTA E OITO. ANO CENTO E UM.

Ana Paula Barros, Presidente da Direcção da AAC – 1988



Antes de tudo agradecer à AAECCL esta oportunidade de recordar e, na pessoa da nossa Presidente, saudar a todos. Tentarei fazer um texto objectivo e escoreito do que lembro, a memória que tenho. Naturalmente que, a esta distância de tempo e de espaço dos factos, haverá imprecisões, sequências diferentes, romanceamento, talvez. O passado não muda, muda talvez, a forma como se recorda, por isso nestas linhas encontrareis pouco novo. Haverá duas excepções em que falo na primeira pessoa: uma do projecto Mosaïque, outra quando falo da tradição.

Em 1988 a Académica completou 101 anos de existência. Foi o ano seguinte ao grande ano. Um ano de transição.

O primeiro desafio foi a Lei da Autonomia Universitária honestamente discutida na Universidade com o Reitor, na Faculdade de Direito, sobretudo, e muito na Associação, depois foi trabalho para ver fixado na Lei o mais importante. Uso o plural porque é mesmo plural, éramos muitos.

Convém dizer que a Lei vinha de aspiração antiga, corolário do processo retomado com a revisão de 1982, passava ainda pela discussão do *numerus clausus*. Era o fim do ciclo.

As Universidades privadas estavam em expansão e deslumbravam uns, assustavam outros. Para outros ainda era importante que a Lei da Autonomia não fosse apenas um modo de desresponsabilização do Estado pelo financiamento da Universidade, uma guilhotina. Para os estudantes da universidade pública, sobretudo direito, já não era evidente o benefício das Universidades Privadas, que abriam aos punhados na sequência da Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986. Recordo que na Faculdade tínhamos um flyer, como agora se diz, com um enforcado que dizia: Autonomia Universitária. Assim?! Em qualquer caso, foi uma corrida contra o relógio porque a discussão na Assembleia da República iniciou-se pouco depois da eleição da Direcção-Geral, não lembro se ainda em Março de 1988, ou já no início de Abril, e a Lei foi aprovada antes do verão. Tudo a acontecer em catadupa, sem tempo para respirar.

Todos os textos previam uma representação dos estudantes na assembleia da universidade na ordem dos 20%. Creio que havia dois que propunham 23%, mas nenhum previa mais do que isso e, sobretudo, nenhum previa, a represen-

tação dos Estudantes na Administração da Universidade.

Esses foram os pontos em que a Associação se focou: assegurar por lei a paridade entre professores e estudantes eleitos, e que os estudantes estariam presentes na gestão da Universidade, tal como já estavam órgãos das Faculdades, ao tempo, no que importa aqui, Assembleia de Representantes e Conselho Directivo da Faculdade.

Por outro lado, era importante a lei fixasse que, havendo uma única associação de estudantes, as inerências do estudantes seriam 1 por faculdade, além do presidente. Talvez pudéssemos ter ido mais longe neste ponto, enfim.

O processo correu bem, mas foi David contra Goliath. Recordo dois pormenores: o primeiro, quando no dia em que finalmente recebemos os textos conseguimos ter o quadro comparativo dos artigos já altas horas da madrugada. Não havia computadores. Usou-se a composição-tesoura, fita-cola, tudo à unha. Não sei se dormi toda a viagem. Todavia esse esforço foi determinante; ninguém esperava que a Associação estivesse preparada para discutir artigo a artigo e apresentar sugestões concretas e defendê-las nos próprios textos, criar consensos.

O segundo pormenor tem a ver com os estudantes no conselho de administração da universidade, que a Associação defendia convictamente, mas que nem a proposta de lei nem nenhum dos projectos previa. Levámos a redação de todos os pontos que defendíamos. À boca de cena revertemos o argumento.

A sala era grande e os Deputados da Comissão de Educação, creio, à frente, do outro lado da mesa apareciam como um júri de exame. No que aqui interes-

sa, defendeu-se a «teoria do pêndulo», os estudantes como um pêndulo dos interesses dos professores e funcionários; pela natureza transitória da respectiva qualidade, o representante dos estudantes não poderia, ou dificilmente poderia, criar um feudo próprio, desviar a sua função. Porquê subtrair a administração da Universidade ao escrutínio participativo dos estudantes, que se pretendia ocultar com a exclusão? Este argumento, com o que vale, convenceu na discussão. É um fait divers. Na circunstância não terá sido. Estaríamos em estado de graça? Também, evidentemente. As circunstâncias influem sempre, em tudo, o resultado não desmerece pela causa. Como em tudo, mesmo tudo. O percurso da autonomia universitária é positivo. Então está bem, como se diz neste lado do mundo.

Em jeito de mais memória do que se fez naquele ano, que também para isso serve este espaço, creio que no mandato de 88/89 se deu a continuidade possível a alguns projectos que vinham do ano do Centenário, o Grande Ano, o principal foi a Via Latina.

Fechou-se um ciclo de ouro, início de outro: assinaram-se as letras que foram precisas, trabalhámos desalmadamente, recebemos subsídios e apoios, uns prometidos outros inesperados, equilibraram-se as contas. Comprou-se a nova Laurinda e os dois primeiros computadores. Escolhemos os Macintosh. Lembro muito bem o preço. Em termos de instalações, ressalto que o alargamento do espaço era prioridade absoluta. Por exemplo, a secção Informática só tinha uma pequena sala ao lado da DG e precisava muito de espaço e a rádio precisava de muito espaço para concorrer à frequência. A informática, logo que foi possível assentou arraiais no anexo do Hospital Velho ao cimo das Monumentais.

Reafirmo que a falta de espaço era aflitiva, não havia suficiente espaço de estar, o jardim era pouco frequentado, ali não se parava, e à noite havia alguns, não poucos, consumidores menos con-

vencionais. Lembro de se ter decidido criar a esplanada no jardim atrás da RUC, do CEF e do CITAC, na extensão do corredor do TEUC. A alegria de ver a planta, o projecto. Foi um ano de transição.

A "descoberta da europa" como lhe chamo por graça, levou num primeiro momento aproveitar o que havia, evitar o desperdício de oportunidades. Na verdade, a oferta de bolsas de estudo para universidades europeias, e outras instituições como o Conselho da Europa, era muito interessante. Só que muito poucos concorriam. Poucos paravam na Porta Férrea a ler os placards da reitoria. As bolsas passaram a ser divulgadas também na entrada da Associação e depois a ser afixadas nas escadas.

As jornadas 7+1 Portugal, Brasil, África focaram o problema de Timor-Leste antes de ser tema do dia, com a oportunidade de ouvir a resistência timorense, que se afirmava devagar e uma primeira semana gastronómica dos países da lusofonia na cantina C. A Associação na linha da frente, como se diz agora.

No desporto fez-se trabalho com as secções e ao nível da gestão das instalações e do Estádio Universitário, resolveram-se alguns problemas laborais. As secções têm vida própria. Em qualquer caso, o acordo com o Primeiro de Agosto de Angola relativo a bolsas de estudo para os atletas que viessem para Coimbra era muito interessante. Foi negociado em Luanda durante a digressão da Secção de Hoquei. Por outro lado, o acordo com o AAC/OAF

relativamente à percentagem do lucro do Bingo ficou pelos Memorandos e não deu os frutos esperados.

A Magna Carta dos Estudantes em consonância com a Magna Carta das Universidades Europeia, ambas assinadas em Bolonha em Setembro de 1988, foi outro marco importante. A Magna Carta dos Estudantes foi entregue ao Parlamento Europeu em Janeiro de 1989.

Ainda antes disso, logo no início do mandato, a Associação respondeu ao desafio de dinamizar o Grupo de Coimbra para tentar desbloquear o programa Erasmus, estabelecido em 1986, e fazer "sair" do limbo o programa das bolsas para estudantes. Nesse âmbito e com esse fim, a Associação dinamizou o Projecto e a Revista Mosaïque. Foi um desafio da universidade que o reitor propôs à Associação. Em abril de 1989, já no mandato seguinte, realizou-se um primeiro Seminário de três semanas sobre a proibição de dumping, no Institut du Droit de Affaires, Aix-en-Provence. Cada universidade do Grupo de Coimbra enviou dois estudantes. E no mês seguinte, em Maio, já os dois colegas de Heidelberg, vieram para a Queima das Fitas, o intercâmbio foi instantâneo, portanto. Brinco, claro. Visto de agora foi um belo auspício.

Ainda no mandato 88/89 o Mosaïque deslocou-se para Bruxelas, e continuou a partir de lá com um dos dois responsáveis que tinha entretanto acabado a licenciatura. Claro que neste processo, as cinco universidades do Grupo de Coimbra, a Comissão Europeia e o próprio Grupo de Coimbra são indisso-



ciáveis. O que quero afirmar é que foi um trabalho excelente que não é conhecido e fazia sentido ser, porque foi um trabalho estrutural. E se falo disto é porque às vezes esquece-se o que não é falado, as pessoas concretas, neste caso a Sissi e o Max. A minha convicção é que, de outro modo, o Erasmus teria chegado mais tarde e a menos estudantes de Coimbra, mediado por outra universidade e talvez nem tantos estudantes europeus conhecessem a nossa universidade, a cidade, os cursos, a Académica.

Refiro a Rádio Universidade de Coimbra porque é um processo em que a DG teve trabalho de retaguarda que vinha do ano anterior e de garantia: de que haveria espaço e financiamento, que a Associação queria a rádio. Um trabalho de sapa e prévio. Agora, quem elaborou inteiramente o projecto da RUC e o levou a concurso público e obteve a licença para emitir no 107.9 foi a direcção da RUC. A frequência foi atribuída depois da DG seguinte tomar posse. Outro desafio que se concretizou depois foi o Museu Académico, o Museu, conservar o acervo, aumentar o espólio e procurar espaço para a instalação. O polo 2 ainda não existia. Para dar um noção do tempo em 88/89 discutiam-se as plantas, as instalações que haveria para os estudantes e para a Associação.

Voltando a 1988, a praxe e o uso do traje académico eram tema de discussão e incendiavam, paixões, porque a praxe era, naturalmente, identificada com posições ideológicas de extrema direita que vinham do tempo em que fora proibida, por contraposição aos anti-praxistas mais ligados ao que se chamava a esquerda na altura, por simplificação e erradamente. Na verdade, à grande maioria, o traje académico fazia sentido, muitos usavam já, e a praxe na queima e na tomada da bastilha, em tempos próprios e com datas fixas era apreciada e levada, não a preceito, mas a sério, com maior ou menor intensidade, num (re)criar lento da tradição.

Em rigor, não me parece que fosse objecto de profunda reflexão, e não era uma

questão de esquerda ou direita. Isso já era indiferente. Cada um assumia a liberdade de participar no que quisesse, se quisesse, de vestir como entendesse e não era nem julgado já nem marginalizado. Não sei exactamente o ano em que o Orfeão decidiu usar de novo o traje académico. Mas esse foi, parece-me, o ponto de viragem e foi anterior a 88. Nesse ano de 1988 a semana da Recepção ao Caloiro e Tomada da Bastilha foi pela primeira vez Festa das Latas, foram recuperadas algumas tradições num espírito de convivência e integração dos caloiros. O objectivo que expressámos no programa eleitoral, e presidia de facto, era vincar a singularidade de Coimbra face às outras academias, sobretudo as universidades privadas. Por todo o país o traje académico era usado como símbolo de pertença à universidade; as novas universidades iniciavam tradições, importava manter a de Coimbra. Não tive, nem tenho grande simpatia pela praxe. O que não impediu a DG 88/89 de criar a Festa das Latas e de apoiar a praxe. Acabo já este parêntesis pessoal relatando um facto que pode ser interessante: que tomei posse como Presidente da Direcção Geral trajada a rigor, como se vê nas fotos. Mas o que não se sabe é que nunca vestira o traje académico, e antes de ser eleito nunca tinha pensado em vestir. Usei-o nos momentos solenes e oficiais, porque me fazia sentido para representar a Associação. No mais, não.

O traje que sempre usei, por opção talvez casmurra e paciência da dona era, e a capa é, de minha irmã, também estudante. O meu irmão mais novo era republico do Ninho dos Matulões. Não ter nem o traje nem a capa meus, só tive as fitas, foi uma resistência de mim para comigo, pueril, na verdade. Visto de agora tem outras leituras mais subtis. A história não parece encaixar numa tabela sim/não. Mas isso seria outra escrita que afastei. Urge terminar.

Enfim, o Gabinete de Apoio ao Estudante abriu já na recta final do



mandato. Constava do programa, foi criado. Disseram-me há uns tempos que ainda existe. Era necessário. Ainda hoje, a propósito dele, rio da corrida de cadeiras no corredor, que por pouco manteve intacta a porta do Centro de Fotografia.

Para concluir diria que estas memórias que partilho convosco de forma esparsa e a vôo de pássaro, são as mais fortes mas revelam apenas uma pequena parte das recordações que aparecem à medida que teclo. Por contar ficam histórias dos Encontros de Fotografia, da Secção de loga, da Secção de Hoquei em Patins e de Andebol, do Grupo Ecológico, do Orfeão e do Coro Misto, etc.

Finalizo com uma nota de humor. Uma das recordações tem a ver com a festa da Cantina B pouco antes da Queima, para a qual o pelouro da cultura escolheu o Quim Barreiros. Hesitei temendo que fosse um fracasso. Agora um cantor brejeiro, onde se veria? E foi o maior sucesso e um êxito de bilheteira. Não cabia um alfinete na cantina B, a abarrotar de estudantes que via todos os dias e de imensos outros que não iam à Associação normalmente, tudo a cantar em risada pegada, divertindo-se à séria. Por arrastamento vejo o Rui Veloso que, já em Coimbra, na própria tarde, queria cancelar o concerto e depois acabou a noite em amena cavaqueira na Mealhada. Escutar os poetas a declamar no bar da Associação noite dentro, ou uma tosta mista no trianon eram o outro lado da vida da academia nesse ano. Para quem e quando não havia as sebtas.

Fortes saudações Académicas.

A TOMADA DA BASTILHA DE 1920* OS ESTUDANTES NA VANGUARDA DO DESENVOLVIMENTO

José Manuel Viegas, Presidente da Direcção da AAC – 1989



A sede da Associação Académica de Coimbra localizava-se no piso térreo do Colégio de S. Paulo Eremita (Colégio dos Paulistas), na Rua Larga. No 1º andar, estava instalado o Instituto de Coimbra, conhecido academicamente por Clube dos Lentos. A promessa da disponibilização destas instalações à AAC encontrava-se por cumprir havia já vários anos. Na madrugada do dia 25 de novembro de 1920, uma quinta-feira, um grupo de 40 estudantes, liderados por Alfredo Fernando Martins (estudante de Direito), apoderou-se das instalações do Clube dos Lentos. Para a execução do plano, os estudantes organizaram-se em três grupos: o primeiro, para tomar a Torre da Universidade; o segundo, para o assalto ao Clube dos Lentos; o terceiro, para defender as instalações da AAC no r/c do Colégio dos Paulistas. Pelas 6h45m, o rebentamento de um morteiro, seguido do replicar dos sinos da Torre anunciaram à Academia e à cidade o sucesso desta memorável conquista académica, que ficou conhecida pela Tomada da Bastilha.

Os principais obreiros, nunca é demais recordá-los, foram: Paulo Evarista Alves,

estudante de Direito e os estudantes de medicina Augusto da Fonseca Júnior (presidente da AAC à data), João Rocha e Pompeu Cardoso.

A informação da localização das novas instalações da sede da AAC foi oficialmente comunicada aos altos dignatários do país, Dr. António José de Almeida, Presidente da República, Dr. Álvaro de Castro, Presidente do Conselho, e Dr. Júlio Dantas, Ministro da Instrução. Estes, desconhecendo o que se tinha realmente passado e acreditando que a mudança de instalações tinha sido efetuada com o conhecimento da Reitoria, apressaram-se a felicitar os estudantes e a desejar as maiores felicidades à Associação Académica de Coimbra.

O dia 25 de novembro, foi de enorme regozijo para a AAC, que ao cair da noite desceu à baixa numa marcha luminosa que, com grande espírito de união, mobilizou milhares de cidadãos para festejar este grandioso feito.

A praxe passou a considerar, o dia da Tomada da Bastilha, como dia de feriado académico. As comemorações e evoca-

ção do feito são efetuadas, anualmente, pela Academia com a réplica do ato e do cortejo dos archotes, mantendo viva a chama desta fundamental iniciativa, que tanto contribuiu para o crescimento e engrandecimento da AAC.

Se à data, a Associação Académica já tinha um papel fundamental no âmbito das atividades culturais, desportivas e formativas dos estudantes, com o evoluir dos tempos, entre avanços e recuos políticos, tornou-se no bastião do desenvolvimento destas atividades, na Cidade de Coimbra.

Atualmente, a AAC continua a disponibilizar, a todos os estudantes, um vasto leque de atividades, que complementam a sua formação académica.

A AAC, hoje centenária, tornou-se numa referência nacional e internacional no mundo associativo, incutindo e perpetuando princípios e valores de solidariedade, tolerância, amizade, liberdade, justiça e respeito pelo próximo.

FRA!

**Com o apoio técnico do Dr. Alberto Sousa Lamy, autor de "A Academia de Coimbra 1537-1990"*

A TOMADA DA CAIXA REGISTRADORA

Emídio Guerreiro, Presidente da Direcção da AAC – 1990/1991



A propósito do Centenário da Tomada da Bastilha, exemplo maior da irreverência e da afirmação Académica e 30 anos decorridos sobre o meu mandato na AAC, pedem-me para partilhar uma memória. Entre muitos momentos de agitação estudantil que tive, como as greves nos departamentos de Química, Engenharia Civil, Engenharia Eletrotécnica, a marcha para Lisboa à sede da Ordem dos Advogados, o fecho da Porta Férrea contra os "turbo-professores" de Direito, a rejeição do modelo de financiamento do desporto universitário ou a enorme manifestação silenciosa no dia da Universidade de 1991 dos cursos das Letras da via de ensino, escolho o do "rapto da caixa registadora" das Cantinas em protesto pelo aumento do preço das refeições.

Tendo o CASES (Conselho Ação Social Escolar) aprovado o aumento, com o apoio da maioria das associações de estudantes, e achando nós que era injusto e penalizador, fomos matutando como rea-

gir. Um protesto? Uma greve? Uma manifestação? E foi então que estando na AAC com o João Granja, o João Luís Gonçalves e o Fernando Guerra, decidimos "roubar" a caixa registadora logo na abertura para o pequeno almoço. Colocou-se o problema da reação dos funcionários. Estes não iriam gostar da ideia nem permitir que, sem violência física, o fizéssemos. E é então que pelas 6h da manhã decido telefonar ao Dr. Luzio Vaz para lhe comunicar o que iríamos fazer dentro de uma hora. A reação foi: "sabes que horas são? Vai dormir que eu vou continuar a fazê-lo" e desligou o telefone. Perante esta resposta ficamos silenciosos uns segundos. "Isto vai correr mal, temos de ir acordar malta pois vai haver pancadaria com os funcionários, mas decidimos "vamos lá e seja o que Deus quiser!" e nisto toca o telefone. Era o Dr. Luzio Vaz. "Vais fazer o quê? Roubar a caixa? Tu és doido Emídio?" ao que retorqui "Tem de ser Dr., não aceitamos o aumento e queremos deixar isso bem

claro! E vai acontecer a bem ou a mal... se quiser evitar chatices avise os funcionários para não se oporem mas garantolhe que a caixa vem comigo!" E lá fomos para as cantinas onde entre empurrões e ameaças fui pegando na caixa que eles não largavam até que veio um telefonema do Dr. Luzio a dizer aos funcionários para não haver zaragata e deixar ir a caixa que coloquei na mesa do meu gabinete. Nesse dia a cantina foi gratuita e, a nossa ação de protesto foi divulgada pela imprensa. Hoje, decorridas três décadas, sorrio pela nossa ousadia e recorro a sagacidade do Dr. Luzio Vaz que percebendo a importância da afirmação da Académica relativamente às restantes academias, impediu uma cena de pancadaria que seria, ela própria, a notícia, ao invés do protesto pelo aumento do preço das refeições. Longe de ser uma Tomada da Bastilha, o "rapto da caixa registadora" é apenas mais um episódio, entre muitos, da história da irreverência da Academia de Coimbra.

“TOMADA DA BASTILHA E A CONTINUIDADE DE COIMBRA”

Tiago Magalhães, Presidente da Direcção da AAC – 1994/1995

Em 1994, o ano em que fui presidente da DG, os temas da academia eram a qualidade e a igualdade ao acesso e frequência do ensino superior. O país estava num final de ciclo dos governos Cavaco Silva,

e no final da receita de aproximação à Europa via apoios de convergência. Havia mal estar quanto ao estado do ensino superior, e incerteza no futuro para os recém-licenciados.

Na academia, a "independente" lista E tinha ganho em 92 e 93, quebrando com uma época ligada às estruturas partidárias. Reafirmava-se a velha ideia de que a AAC era o barómetro do país, desta vez



não reflectindo qual o partido mais dominante, mas revelando que a participação cívica em Portugal tinha expandido para além dos partidos.

Neste novo paradigma, a academia separou-se em duas listas, representando os grandes temas da política académica. A lista S, liderada por mim, mais participativa nas questões pedagógicas. A lista O, liderada por Fernando Pompeu, mais forte nas questões tradicionais. Ambas empenhadas em lutar por um ensino superior mais justo e mais acessível. Sendo que eu não era assim tão anti-tradicionalista, nem o Pompeu tão alheio às questões académicas. Esta fase da AAC continuou com a vitória da Zita Henriques no ano seguinte.

O ano foi rico em protestos políticos: manifestações em Lisboa por mais acção social escolar, lançamento de balões com pedidos ao primeiro ministro Cavaco Silva, "aulas" dadas por uma falsa ministra Ferreira Leite sobre financiamento do ensino superior, tendas montadas no paço das escolas para melhor alojamento, assembleias gerais, referendos. O cansaço das grandes manifestações anti-propinas dos anos anteriores era evidente, e o nosso discurso evoluiu para temas mais alargados.

"A Tomada da Bastilha" inseriu-se nesta intervenção política. Cartazes contra as propinas, por mais bolsas, melhores condições, mais residências. A agitação e a energia habitual das horas antes

do evento, com a máquina a funcionar em pleno, comandada como sempre pelo Jorge Correia. A habitual dose de improvisação (um traje esquecido, corrigido por uma troca de roupa com o João Ricardo, que acabou a vestir umas calças vermelhas com que tinha gozado incessantemente). A última ronda das cantinas, comunicados em punho. O nervosismo de quantos estudantes iriam vir, e qual o êxito da nossa Tomada da Bastilha.

O evento foi muito bonito. Não chovia, o ar frio, límpido, a calma da noite, cortada pelos estudantes que vieram juntar-se ao cortejo. A subida à torre foi excitante, umas escadas velhas e com o esperado cheio a mofo, e o nervosismo de como teria sido naquela noite de 1920. A cabra a tocar (não me lembro como accionámos o mecanismo!). Na descida pelas monumentais, à cabeça do cortejo, o fogo das tochas acesas, o silêncio cortado pelos passos lentos atrás de mim, senti a enorme intensidade daquele momento solene. A vagareza do cortejo dava-nos tempo para reflectir sobre esse momento importante da nossa história académica. Chegados à Associação lá estava um escadote para assaltar o edifício da AAC. Subi no escadote, que não era muito seguro, icei-me pela varanda, escorreguei, e derrubei a cobertura de um dos "A" do sinal AAC. "Ahhh", ouvi a multidão a sustar a respiração, mas recuperei, e o assalto foi concluído com êxito.

Na varanda olhei para todos congregados em frente à porta da Associação e senti uma comunhão enorme entre nós. Era um grupo diverso na sua participação académica: os membros da DG, estudantes que andavam naqueles corredores diariamente, colegas de curso, amigos, caras conhecidas de vários ambientes, e muitos outros de que não sabia o nome. Todos unidos ali, naquela noite. E era uma ponte para trás, para com os anteriores estudantes que que tinham também comemorado esse evento, numa linha directa até aos heróis de 1920 que tomaram o "Clube dos Lentos". Mas também uma ponte para a

frente, para todos os próximos estudantes que irão continuar essa celebração na forma que melhor entenderem.

Um espaço para os estudantes é parte da génese da Universidade de Coimbra. Viver a AAC é um exercício cívico que permite interação entre os vários cursos, exposição a muitos interesses diversificados culturais e desportivos. A amizade entre pessoas de diferentes origens geográficas, sociais, e simplesmente feitos. Quem estudou em Coimbra tem uma ligação emocional com a Universidade rara em qualquer Universidade do mundo. E numa visão mais tangível e mensurável os estudantes de Coimbra têm melhor preparação em áreas fora das competências técnicas específicas, maiores redes pessoais, noções fortes de liderança, gestão, organização de grupos, geração de consensos, comunicação, motivação, capacidade de resistência. É uma enorme vantagem!

Neste ano Covid os caloiros passaram a primeira semana de aulas no seu quarto, a olhar para o computador a seguir professores nas primeiras aulas. Estas mudanças que já estavam a fazer o seu caminho vão agora acelerar, e trazem enormes vantagens, mas também aumentam o isolamento e a alienação. Ao mesmo tempo que me maravilho com estas tecnologias que ajudam a aprendizagem e trazem acesso ao último conhecimento científico, penso no azar dos caloiros por falhar essa semana de excitação em que um futuro novinho em folha se apresenta à nossa frente. É aí que o papel da Associação Académica, e da comunidade académica vai ser ainda maior. Há 100 anos os participantes da Tomada da Bastilha não poderiam adivinhar que este ano a pandemia iria isolar as pessoas. Mas o que eles sabiam, como outras gerações que em outros momentos também lutaram pelo mesmo direito, é que o espaço que a AAC proporciona é fundamental. Estou certo que a academia vai continuar a honrar esse dia de há 100 anos e fazer uma Associação Académica ainda mais forte, dinâmica, solidária e participativa.

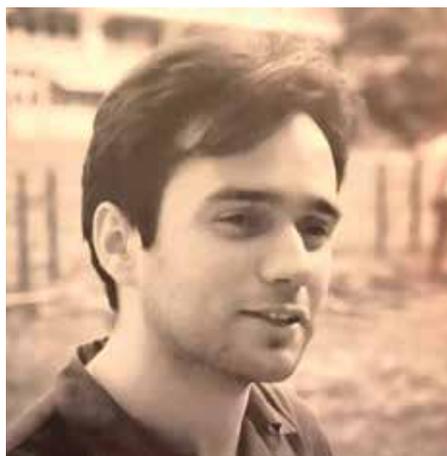
O SIMBOLISMO INEQUÍVOCO DA NOSSA “TOMADA DA BASTILHA” PREVALECERÁ PARA SEMPRE NA ALMA MATER DA NOSSA ACADEMIA ...

António Silva, Presidente da Direcção da AAC – 1997/1998

Na essência é um espírito, uma irreverência, uma atitude, uma conquista de espaço na afirmação dos seus mais altos valores.

Quando em Março de 1998 numa Assembleia Magna realizada no TAGV, decidiu a Academia de Coimbra em luta e protesto por melhores condições no Ensino Superior Público em Portugal, realizar uma Acção / Manifestação nas “cortes” de Lisboa, a Academia de Coimbra decidiu assim realizar e mobilizar todos os Estudantes do Ensino Superior para uma manifestação nacional, mas que representando a irreverência responsável e o espírito crítico e de sacrifício da Academia de Coimbra, se vai iniciar e passar também, por uma simbólica caminhada a pé em direção a Lisboa, caminhada essa liderada pelo Presidente e demais elementos da Direcção Geral, uma caminhada a ser efectuada ao longo de 3 dias, e que viria a partir de um local também ele emblemático na História Portuguesa, o convento de Maфра.

Assim, organizou-se a Academia para que um grupo de precisamente também cerca de 40 estudantes como aconteceu em 1920, inicia-se a dita Manifestação partindo uns dias antes numa caminhada em direção a Lisboa, mostrando festa forma a todos os Estudantes do País, não só o espírito de sacrifício e de missão que a Academia de Coimbra e que os seus Estudantes empreendiam nas causas que defendiam, mas simbolicamente como que “assaltando” as cortes de Lisboa com os seus ideais e vontade expressa no sacrifício que a pé, uma



comitiva de estudantes em nome de toda a Academia de Coimbra materializava e simbolizava nessa mesma caminhada de três dias.

Trajados com todo o rigor Académico trilhámos assim um caminho de convicção e exemplo, iniciando a Manifestação Nacional com uma caminhada a efectuar durante esses dias e que culminou com mais de 15.000 estudantes da academia de Coimbra e de outras academias do País, a juntarem-se à nós em Lisboa no dia do estudante, o dia 24 Março 1998, ficou este dia marcado por uma emblemática acção estudantil, com a Academia

de Coimbra a liderar todos os estudante do País, numa só voz de ideais e convicções em defesa da nobre causa do Ensino Superior, da sua relevância e da importância do Investimento do Estado na educação em Portugal ...

Uma Academia de valores, de atitude, de crenças e de convicção que em muitas tomadas da bastilha empreendeu o mesmo espírito com que em 1920 deu corpo ao sentir dos estudantes que uma grande Academia tinha por trás, e que assim foi criar o espaço de respeito e de exigência para as justas condições que a própria Universidade de Coimbra lhe tinha que conferir, forma inequívoca e indelével de assim exigir o respeito definitivo pela Associação Académica de Coimbra, conferindo-lhe o devido direito a dignas instalações e consequentemente iniciando um caminho de colaboração e partilha de esforços, trilhado ao longo das décadas seguintes e que nos trás até aos dias de hoje, com o esplendor que muito dignamente a AAC empreende sempre sobre a áurea da nossa centenária e vestuta Universidade !

O espírito da tomada da Bastilha é o espírito de uma Academia de causas que nos Estudantes de Coimbra moldou e forjou carácter, convicção e orgulho, uma força inexplicável e um sentir único que a todos aportou como referência e marca de identidade para toda uma vida !

Em cada um de nós estará para sempre uma bastilha de valores e ideais que a Academia de Coimbra em nós moldou e forjou para toda a eternidade ...

CENTENÁRIO DA BASTILHA: NOS PRIMEIROS DIAS DOS ÚLTIMOS VINTE ANOS!

Humberto Alexandre Martins, Presidente da Direcção da AAC – 2000/2001

Recordar a noite da Tomada da Bastilha é muito mais do que comemorar uma data ou ritual anual em Coimbra. Os archotes que abrem caminho na escuridão, o "assalto" à Torre da Universidade e o repique da Cabra que sobressalta os adormecidos são a sublime síntese do que todos fazemos em Coimbra. Cada geração conquista a sua Bastilha quando alumia novos caminhos para o país e o mundo, quando sobe à altura das utopias que concretiza e quando dá voz sonora à liberdade que incomoda os resignados.

Voltar às *Bastilhas* dos anos de 2000 e de 2001 transforma-se numa corrupção de memórias que, seguramente, precisariam também de um segundo andar para encontrarem espaço condigno neste texto.

Há, uma *estória* grande, e por contar, em relação ao contínuo desses dois anos: o encerramento da Universidade de Coimbra por tempo indeterminado! Desde os primeiros dias de mandato, sempre mantivemos posições exigentes e fundamentadas: lealdade e exigência com a Reitoria, posições claras e relações tensas no Senado da Universidade, forte interação com os Núcleos de Estudantes da AAC, (des)acertos com outras academias ou o vai-e-vem de recados entre a Padre António Vieira, a Porta Férrea, a 5 de Outubro e São Bento. Numa semana com muito mais portas por abrir do que cadeados a fechá-las, foi evidente a razoabilidade de querer a utopia com a mobilização de uma geração para conseguir um futuro melhor, de que nenhum deles beneficiaria directamente.

A soberana Assembleia Magna (a mais participada desde 69, diz-se) congelou o futuro desejado naquele Dezembro de 2001. A mobilização daquela gera-

ção mudou o futuro, encontrando-se as marcas na existência de um novo Pólo III da Universidade, dedicado às Ciências da Saúde, no desenvolvimento do Pólo II e no financiamento de novas residências e cantinas, com um revigorado plano de investimentos da UC iniciado logo em 2002.

Recordo-me também que sempre sonhámos com o impossível, sem nunca deixar de mudar o possível em cada dia. Travámos lutas que achámos justas, construímos consensos que nos pareceram razoáveis e não emprestámos força a agendas que não eram nossas. Procurámos usar sempre o mesmo peso e medida, dentro e fora, não exigindo a outros algo que não exigíssemos a nós próprios. Provocámos rupturas e estabelecemos pontes, desafiámos consensos e promovemos novos equilíbrios. Reorganizámos a supervisão da Queima das Fitas (num braço de ferro pela transparência), constituímos o Conselho Cultural da AAC (reforçando o valor do património cultural da Academia), aprovámos a Carta de Direitos e Deveres dos Estudantes da UC (prevista e não concretizada desde 1986) e assinámos o Contrato de Arquitectura para a renovação do Edifício Sede (onde andarás?).

Mas, sobretudo, movia-nos também a capacidade de transformar sonhos em realidades ao serviço da melhoria da vida de cada um. Poder modificar e melhorar a vida dos que nos confiaram essa tarefa é a melhor recompensa de todos os esforços e frustrações: a Provedoria do Estudante (fazendo defesa de direitos perante arbitrariedades académicas e, hoje, um órgão universitário e obrigatório em todas as Universidades), o Certificado de Habitabilidade (acabando com a "lista de quartos" decrépitos, promovendo



boas práticas e intervindo na melhoria das condições do alojamento estudantil) ou as Salas de Estudo nas Cantinas (contando com energia transformadora do saudoso Dr. Luzio Vaz para "encontrarmos" largas centenas de lugares para estudar até de madrugada, minimizando a falta de salas de estudo na cidade).

Contudo, olhando para o legado daqueles dois anos, ficam mais vincados outros legados: companheirismo e camaradagem são palavras curtas para a intensidade do que se viveu naqueles dois mandatos! Não confundi com amizade (que felizmente surgiu com muitos a posteriori) o que reuniu aque-

la equipa debaixo da bandeira preta. Há "honorarias" fátuas e fugazes "protagonismos" para um jovem estudante como Presidente da Associação Académica de Coimbra. Duas décadas depois continuo a testemunhar que o maior privilégio pessoal foi o de ter dado a cara por uma equipa, por aquela equipa! Aprendi muito com cada uma e cada um daquelas "miúdas e miúdos" como eu. Crescemos muito, aprendemos a discutir e a conviver com a diferença de opinião. Debatemos até ao último argumento e, sem precisar de unanimismos, fomos sempre coesos na defesa do interesse comum. Assumimos responsabilidades e, quiçá,

por vezes até nos levámos demasiado a sério. Tornámo-nos seguramente melhores Homens e Mulheres, conscientes do seu papel cívico e social no mundo que os rodeia.

Acima de tudo fomos, seguramente, o que pretendíamos ser: livres tomarmos as bastilhas que fossem necessárias, cumprindo o dever de respeitar o mandato que nos fora confiado pelos colegas de toda a Universidade!

Post-scriptum – ainda hoje me rio de mim próprio quando recorro o entusiasmado discurso nocturno na varanda da AAC em que evoquei as "80 décadas" da Tomada da Bastilha...



TOMADA DA BASTILHA – 2002/2003

Victor Hugo Salgado, Presidente da Direcção da AAC – 2002/2003



A Tomada da Bastilha é, sem dúvida, um dos momentos mais marcantes para qualquer aluno da Universidade de Coimbra. Não só pela tradição que repercute este ato, com as comemorações do dia 25 de Novembro de 1920, momento em que os estudantes de Coimbra se mobilizaram pela calada da noite para conquistarem por si uma sede para a Associação Académica de Coimbra, mas, também, pelo simbolismo do momento, revestido de sentimento académico profundo que envolve cada passagem dessa noite, com o tocar da cabra, o traçar da capa, a noite escura, os archotes, o silêncio e a "tomada" do atual edifício da AAC. Se este momento tem um enorme simbolismo para estudantes da nossa vestuta Universidade, ganhou para mim, como presidente da AAC, ainda, mais expressão.

Vivi, enquanto presidente da Direcção Geral da AAC, duas tomadas da bastilha, tendo sido uma delas, a de 2002, muito marcante face ao contexto vivido então, não só na Associação Académica de Coimbra, mas, também, na Universidade.

A Universidade de Coimbra fazia nesse preciso dia um mês de alguma instabilidade "governativa", tendo em consideração que o então Reitor, havia anunciado a sua demissão no dia 24 de outubro, face a uma suposta pressão estudantil, algo ímpar na história da Universidade. Por outro lado, Coimbra vivia uma das mais marcantes lutas contra as próprinas e contra a falta de investimento no ensino superior, face a cortes nas transferências que se vinham a verificar ao longo dos anos e aos que se anteviam na preparação do Orçamento de Estado 2003.

Assim, num contexto de sucessivas ações de contestação, na Tomada da Bastilha desse ano, para além do habitual rito, integralmente cumprido, foi posta em prática uma ação de contestação inédita. Assim, e nos termos da deliberação da Assembleia Magna, passamos grande parte da noite a cobrir a Torre da Universidade, a nossa Cabra ficou preta, com a colocação de telas gigantes em toda a sua dimensão. Nesse dia, e de forma simbólica, a Universidade de Coimbra acordou de luto.

UM LEGADO SEM FRONTEIRAS

Miguel Duarte, Presidente da Direcção da AAC – 2004

O desafio de contribuir com este depoimento para a comemoração do 1º Centenário da Tomada da Bastilha, transportou-me necessariamente para as razões que levaram o 25 de Novembro de 1920 a acontecer e, mais importante do que isso, o legado que este grupo de Estudantes nos deixou (permitam-me que utilize letra maiúscula sempre que me referir a este grupo de líderes que nos possibilita a comemoração). É sobre esse legado que pretendo dissertar neste curto depoimento.

Todos os que passamos pela Associação Académica de Coimbra (AAC) sentimos de alguma forma essa responsabilidade de perpetuar, nunca interromper, algo que já existe por lá e é muito maior do que nós mesmos (os meros membros temporários). Não necessariamente se entende logo de que se trata e muito menos é transmissível nas palavras ou nos escritos – *não se ouve, não se lê, sente-se!*

Hoje, olhando com a distância de 16 anos, vejo com outra clareza o que por lá aprendi e o que fui compreendendo sobre esse legado, nos seus códigos, rituais e no tácito que rodeava as decisões, formas de estar e opiniões. O que aquele grupo de Estudantes nos deixou em 1920 foi o *inalienável dever de desafiar o status quo e as suas convenções*, assim o compreendi na minha interpretação. Acredito que existe algo de religioso ou sagrado neste legado que passa de geração em geração e se eterniza de forma orgânica.

Todos nós que, de alguma forma, fomos responsáveis por transportar esse legado fizemo-lo muitas vezes de forma solitária e nem sempre amplamente compreendida. O que chamam de "mandato" foi na minha experiência individual uma viagem de contínua e rápida aprendizagem sobre mim mesmo, sobre os que estavam à minha volta e sobre esse legado. Sobre mim, porque quando

comecei era muito difícil saber qual era a resposta certa e errada para cada momento; sobre os que estavam à minha volta, porque demorou até ter a clareza de quem realmente fazia parte daquela construção e estava lá pelas razões certas; sobre o legado, porque ele vem um pouco a cada dia, a cada vivência e só a partir de um determinado momento, como que por um passo de mágica, tudo faz sentido e as decisões ficam mais fáceis. Na verdade, é esse legado que comanda tudo o resto e clarifica o certo e errado.

A cada decisão, a cada intervenção, a cada conflito, ficava mais claro. Esse legado vai tomando conta de nós e nos ensinando sobre nós mesmos. Lembro dos momentos chave do meu mandato em que a certeza do caminho gerava mais confiança e sentido de missão cumprida a cada nova decisão. Não foi difícil tomar a decisão de "ir em frente" contra um cordão policial no Polo II da Universidade de Coimbra quando estávamos lá pelas razões certas, não foi difícil cortar as relações com a Reitoria quando só essa era a decisão coerente. Tudo parecia mais fácil de decidir e mais óbvio, à medida que o legado da "Tomada da Bastilha" emergia. Quando me pergunto o que teria feito de diferente, tenho a certeza que teria trazido mais rapidamente os outros a entenderem e abraçarem esse legado e teria sido mais incisivo na coerência com o mesmo.

Se por um lado fizemos o que sabíamos, hoje sinto que fomos pequenos para tão grande legado. Na defesa por uma sociedade que cabalmente garanta igualdade de oportunidades, não fomos onde podíamos ou devíamos ter ido. Criámos uma "caixa" chamada política educativa e nos convencemos que o legado da AAC se cumpre apenas nessa narrativa. Não é verdade, é muito maior do que isso. Veja-se o movimento *Black*



Lives Matter ou o ativismo para minimizar as alterações climáticas, porque não antecipámos essas preocupações há 16 anos atrás? Veja-se a discriminação que continua a existir e multiplicar-se em tantos setores da nossa sociedade, onde estávamos nós há 16 anos atrás para liderar esse movimento? Estes e tantos outros temas transformacionais para a humanidade precisam de voz! Uma das ideias que me foi causando mais e mais inquietude à medida que melhor entendia e apreendia o legado da AAC era o dogma estabelecido de que a instituição existia para defender os direitos dos estudantes, ou, como alguns chegavam a verbalizar, os interesses dos estudantes. À distância vejo o

erro histórico que se cometeu a tornar pequeno o que por natureza é grande. A AAC vai muito além de direitos ou interesses setoriais, o seu DNA é de um organismo vivo que canaliza a irreverência e energia dos estudantes para transformar a Sociedade. Essa transformação é a grande vitória, o contributo permanente para sempre avançar um pouco mais no desafio do *status quo* e na desconstrução de convenções que limitam a evolução humana.

Espero que as gerações futuras consigam quebrar elas próprias muitas con-

venções e fronteiras que foram criadas para a própria Associação Académica de Coimbra e procurem maior proximidade ao legado original - esse que foi construído em 25 de Novembro de 1920. Precisamos de continuar a pensar grande quando o legado é grande! Hoje tenho claro que esse legado parte conosco para a vida. Aprendi a não deixar passar injustiça, intolerância, autoritarismo, opiniões e verdades únicas, convenções e muito menos os seus emissários. Esse dever de desafi-
fiar o *status quo* trouxe-me a liberda-

de de pensar e a energia para nunca parar de questionar. O que aprendi e transporto comigo todos os dias, quero passar para os meus filhos e todos os que trabalham à minha volta. Faço-o como um dever religioso, chamo-o de meu *Propósito* de vida. Para mim ser da "Académica" nunca teve a ver com tradições ou futebóis, sempre foi este legado que humildemente apreendi, levei comigo e tentei colocar na alma deste texto.

Viva a Académica!

AS BASTILHAS DE 2005 E 2006

Fernando Gonçalves, Presidente da Direcção da AAC - 2005/2006

O escuro da noite, iluminado pelos arcos de milhares de estudantes, é uma imagem que, ano após ano, marca a Academia e evoca a irreverência, a determinação e a utopia dos Estudantes que, em Coimbra, "tomaram a bastilha". Esse, e tantos outros exemplos ao longo da história, são marcos que inspiram uma Academia que todos os anos se renova, mas que mantém intacta a chama da luta intemporal por um melhor amanhã, não apenas para os Estudantes de Coimbra, mas igualmente para o mundo que os rodeia.

2005 e 2006 foram anos marcados pela implementação do denominado "processo de Bolonha". Manifestações, encerramentos da Porta Férrea, cortes de estrada, campanhas, duras e acesas reuniões. Sempre nos norteou a impreterível necessidade de garantir que nenhum Estudante fosse discriminado ou prejudicado em função da sua condição sócio-económica. O princípio da igualdade, a importância da educação enquanto instrumento privilegiado para assegurar uma ascensão social baseada no mérito individual foram as luzes que sempre nos guiaram e que levaram a que a Universidade de Coimbra, penso que de forma pioneira, tenha assegurado a todos os seus Estudantes o acesso direto



ao 2º ciclo, independentemente de média, de *numerus clausus* e com o mesmo valor de frequência no 1º e 2º ciclo. Quando se falavam de propinas exorbitantes para os 2ºs ciclos, a Universidade de Coimbra e a sua Academia foram, como tantas vezes na história, exemplos na defesa dos Estudantes e garantes do acesso universal aos dois primeiros ciclos do Ensino Superior.

Durante esses anos quisemos igualmente abraçar o mundo que nos rodeia, reforçando os laços entre a Academia e as instituições que, tantas vezes no anonimato, ajudam quem mais precisa. Com esse propósito realizámos diversas feiras, campanhas e iniciativas solidárias que contaram com a adesão de dezenas de instituições de Coimbra e milhares de visitantes e participantes.

Procurámos arrumar a "casa". Ao fim de anos de incertezas, AAC e OAF reconheceram, definitivamente, que o símbolo que nos identifica é propriedade da AAC e dos seus Estudantes. Tivemos, como julgo ser unanimemente reconhecido, resultados financeiros assinaláveis que permitiram não só resolver e honrar inúmeros compromissos passados, como renovar infra-estruturas (bar e jardins, sala de estudo, papelaria, sala de informática, sala de ensaios da Secção

de Fado). Com base nesses recursos, pudemos financiar também grande parte do Campo de Santa Cruz e distribuir milhares e milhares de euros por todas as Secções e Organismos.

Foram anos de inesquecíveis demandas; de campanhas e eleições épicas; de um trabalho que nos absorvia, mas que diariamente encontrava forças no pro-

fundo companheirismo que nos unia. Foram tempos de irreverência, mas igualmente de total dedicação e sentido de responsabilidade na prossecução da missão que milhares de Estudantes nos confiaram.

Tempos que nos orgulham e que nos enchem de uma saudade infinita, particularmente neste ano em que, pela

primeira vez, sentimos o “desenho do adeus” de alguém que é – e sempre será – parte da nossa Coimbra e da nossa Académica. Milito, sabemos que há um tempo e um abraço que não volta, que voou. Mas também sabemos que, onde quer que estejas, a chama dos archotes, dos sonhos e das bastilhas te estará sempre a iluminar.

A PROPÓSITO DO CENTENÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA

André Oliveira, Presidente da Direcção da AAC – 2008



A Tomada da Bastilha, também conhecida por Queda da Bastilha, ocorreu em 14 de julho de 1789.

Em consequência da tensão popular provocada pela crise económica e política que a França vivia no final do séc. XVIII, a população de Paris assaltou a Bastilha antiga prisão que simbolizava o absolutismo e a arbitrariedade da justiça francesa. Esse assalto foi organizado pela população com o objetivo de se apoderar do stock de pólvora que ali se encontrava armazenado. A queda da Bastilha representou, por isso, o começo do desmoronamento do antigo regime francês e contribuiu para difundir o sentimento revolucionário que naquela altura se encontrava concentrado em Paris.

Esse evento foi considerado pelos historiadores como o início da Revolução Francesa e foi considerado o marco do período histórico designado por Idade Contemporânea.

131 anos mais tarde, na madrugada de 25 para 26 de Novembro de 1920, um grupo de estudantes de Coimbra (os 40 conjurados) descontente com as condições precárias do antigo Colégio de São Paulo I Eremita, onde estava instalada a sede da Associação Académica, tomou de assalto o “Clube dos Lentes” situado no piso superior do edifício onde se localizava o Instituto de Coimbra e aí instalou, a primeira sede da Associação Académica. Simultaneamente, outro grupo invadiu a Torre da Universidade e içou uma capa negra no mastro da Torre, fazendo soar os sinos para assinalar o triunfo do assalto e lançou da varanda do antigo “Clube dos Lentes” uma girândola de 101 tiros.

Com o estrondo dos morteiros e com o repicar dos sinos, Coimbra acordou com a conquista da nova sede da AAC a que se seguiu uma marcha luminosa com archotes que percorreu a cidade desde a Alta até à Baixa.

Nas comemorações que ao longo dos anos se fizeram para comemorar esta data o cortejo sai no dia 25 de novembro às 23 h e 59 min. da Porta Férrea da Universidade e termina na porta do atual edifício sede com um discurso do Presidente da AAC. Esta data tem sido comemorada ao longo dos anos, por ser uma data especialmente significativa para a Academia de Coimbra, inscre-

vendo-se na matriz genética que a AAC tem transportado ao longo dos seus 133 anos de existência.

A propósito da comemoração do centenário da Tomada da Bastilha, é oportuno recordar, como alguém escreveu, que ter sido antigo estudante de Coimbra está muito para além da frequência, ou da conclusão de um curso na Universidade de Coimbra. Significa, também, ter feito parte de uma história de lutas e conquistas inspiradas pela irreverência estudantil coimbrã.

É para nós inquestionável que as tradições académicas porque integram um património histórico e imaterial que nos honra e orgulha, devem ser preservadas, acarinhadas e transmitidas às gerações vindouras.

Para aqueles que pensam de forma diferente poderíamos recordar Einstein para quem *“além das aptidões e das qualidades herdadas é a tradição que faz de nós aquilo que somos”* ou Renan que afirmou que os *“verdadeiros progressistas são aqueles que partilham de um profundo respeito pelo passado”*.

O caminho percorrido pela Associação Académica de Coimbra ao longo dos seus 133 anos de existência reflete a grande vitalidade desta centenária instituição e ilustra a tenacidade, o dinamismo, o empenho e a paixão de sucessivas gerações de estudantes que desde

3 de novembro de 1887 contribuíram para a sua incomparável história.

A vivência da academia, da Universidade e da própria cidade é indissociável do contributo que a AAC tem proporcionado na construção de uma identidade ímpar que se revê nas memórias do passado e se projeta nos êxitos do futuro. É esta identidade coletiva configurada ao longo de todo o séc. XX que se identifica no percurso político, cultural e desportivo da comunidade estudantil de Coimbra que a AAC simboliza.

Esta memória coletiva traduzida em amizades e cumplicidades prolonga-se em profundos laços de solidariedade que a AAC, as Associações de Antigos Estudantes de Coimbra e a Rede da Universidade de Coimbra procuram manter e vivificar, continuando a permitir afirmar que *"ser uma vez estudante de Coimbra é ser estudante de Coimbra para toda a vida"*. Na verdade, o estudante de Coimbra de ontem, de hoje, ou

de amanhã permanecerá sempre, afetiva e emocionalmente ligado às tradições académicas e às camisolas negras da sua Associação.

Ao longo da sua história a AAC protagonizou inúmeros movimentos, cujo motor, como aconteceu com outros movimentos estudantis, não foi a juventude ou a irreverência dos seus agentes, mas as ambições próprias de uma época e de uma geração ditadas por circunstâncias históricas e sociopolíticas específicas.

A sociedade atual não partilha das problemáticas do Portugal de 1962, ou de 1969 nem mesmo do Portugal dos anos 80 e 90 recém-entrado na União Europeia. O mundo é outro e se o mundo mudou os movimentos estudantis terão, necessariamente, de ser diferentes centrando-se em temáticas marcantes suscetíveis de estabelecerem um diálogo com a Sociedade Civil. Questões relacionadas com o ambiente, o racismo, a igualdade de género, a exclusão



social são algumas, entre muitas outras temáticas do âmbito da cidadania, que devem ter expressão nestes movimentos. Por isso, numa sociedade complexa que se baseia na visão e na antecipação, a Associação Académica de Coimbra, enquanto casa incontornável de formação cívica, deverá no início do 3º milénio reinventar um ideário que incorpore novas dinâmicas, novas ideias e novos objetivos.

TOMADA DA BASTILHA

Jorge Serrote, Presidente da Direcção da AAC – 2009



Na noite do dia 25 de Novembro de 1920, os estudantes de Coimbra mobilizaram-se pela calada da noite para conquistarem por si uma sede para a Associação Académica de Coimbra, uma vez que até este dia não tinham um espaço próprio para realizarem as suas atividades e onde se pudessem sediar. 100 anos depois deste acontecimen-

to ímpar na história da AAC importa assinalar este momento histórico da Academia e evocar a irreverência e a luta que sempre marcou a nossa secular instituição.

Tive o privilégio de poder presidir aos destinos da AAC em 2009 e, acompanhado de uma grande equipa, lutar diariamente para garantir mais condições no âmbito do Ensino Superior, da Universidade de Coimbra e da Associação Académica de Coimbra.

Tomámos posse conscientes do passado que herdávamos, mas seguros de que era possível construir um futuro auspicioso e foi nesse sentido que trabalhamos.

Lutámos por um mais e melhor Acção Social, contra o subfinanciamento crónico do Ensino Superior e por um Ensino Superior acessível a todos. Neste âmbito, dialogámos com o Governo, com os

partidos políticos e com todos os agentes do Ensino Superior. Organizámos manifestações, levámos a cabo diversas iniciativas simbólicas marcadas pela irreverência e, com a nossa luta e exposição mediática atingida conseguimos ver algumas melhorias nos aspetos pelos quais lutávamos. Vale sempre a pena lutar por aquilo em que acreditamos.

Lançámos uma exposição pela cidade para assinalar os 40 anos do 17 de Abril denominada «A Crise saiu à rua - Um olhar sobre a Academia de Coimbra em 1969» em que evocando essa data marcante alertámos que vários alunos estavam a abandonar o ensino por razões económicas e com isso colocámos este tema no centro do debate.

Inaugurámos a Esplanada da Associação Académica - espaço único e privilegiado de convivência académica, de cidadania, de difusão cultural - procedemos à re-

qualificação dos jardins da AAC, tornando-os mais agradáveis e convidativos, devolvendo assim, definitivamente, os jardins aos estudantes, tendo presente o simbolismo político e social marcante deste espaço na história da nossa instituição.

No que diz respeito à vertente social, a iniciativa que iniciámos este denomina-se Refeição (De)Vida. Através deste projecto apoiámos directamente os sem-abrigo da cidade de Coimbra, em colaboração com a Integrar, oferecendo-lhes, uma vez por mês, refeições quentes e ao mesmo tempo atenção e carinho.

Enquanto estrutura estudantil trabalhamos no sentido de inverter a tendência de afastamento dos estudantes ao associativismo, aproximando-os através de um acompanhamento direto e da resolução de problemas concretos, que numa lógica de reciprocidade permitisse a cada um deles perceber que a Associação Académica estava a fazer algo directamente para a melhoria da sua condição.

Foi também neste mandato que potencializámos o mítico Campo de Santa Cruz, encarando-o como um motor do desporto da universidade e da cidade; iniciámos a implementação do Estatuto de Atleta-Estudante e registámos aumentos elevados de números de participantes na Federação Académica de



Desporto Universitário, com os melhores resultados desportivos nacionais e internacionais de sempre para a AAC.

100 anos depois, importa, reconhecer o ato de irreverência e rebeldia levado a cabo pelos estudantes da época como um exemplo de coragem e determinação, um exemplo de que lutar por aquilo em que acreditamos é necessário, para mudarmos aquilo que consideramos estar errado.

Efetivamente, os tempos são outros, mas hoje, como há 100 anos, existem causas e valores que são intemporais, que devem merecer por parte dos estudantes um efetivo empenho. A luta por uma sociedade mais livre, mais justa e mais solidária deve ser encarada como uma prioridade por todos, tendo sempre a Associação Académica de Coimbra desempenhado um papel determinante nesta área.

Hoje, 100 anos depois da Tomada da Bastilha, será necessário empregar toda a irreverência e força dos estudantes não na conquista de um novo espaço físico para a AAC, mas sim na conquista de outro tipo de espaço: um espaço de Ensino Superior português no qual o Estado invista efetivamente, encarando-o como uma prioridade para o país. A luta por um Ensino Superior Público de qualidade e acessível a todos, deve merecer por parte de todos um empenho efetivo, para que os princípios da liberdade, da igualdade e da solidariedade sejam dimensionados neste grau de Ensino.

A Tomada da Bastilha é símbolo de coragem, de irreverência e de determinação. Hoje, como há 100 anos, empreguemos a nossa garra na luta pelas causas que achamos mais justas.

Viva a Associação Académica de Coimbra!



ACADÉMICA 2010, UM DESAFIO EXIGENTE MAS APAIXONANTE!

Miguel Portugal, Presidente da Direcção da AAC – 2010

Passado 10 anos, cabe-me reforçar o enorme prazer, o privilégio e a honra de ter sido Presidente da Direcção-Geral da AAC.

Nessa altura a o nosso projecto assentou num ponto fundamental: O espírito de missão.

Esta missão de melhorar as condições de vida dos estudantes torna-se mais aliciante quando se trata de uma instituição que, pela sua história, pelo seu constante movimento de ideias e pelo seu trabalho multidimensional, faz impender sobre nós, a responsabilidade

de estarmos à altura de todos aqueles que nos antecederam e colocaram a Académica no patamar de excelência e liderança que herdámos. Foi um desafio exigente mas apaixonante!

Foram incontáveis as atividades realizadas esse ano, dos mais variados sectores da Direcção-Geral da AAC, bem como de todas as Secções da casa e ainda paira a saudade de uma fantástica Queima das Fitas.

No entanto trabalhamos arduamente em três vectores que vimos como fundamentais: A Acção Social Escolar, a Cultura e o Desporto.

Na esfera da Política Educativa procurámos traçar um caminho desde o início do mandato, que passou pela sensibilização dos estudantes para os problemas do ensino superior. Ao longo de todo o mandato fomos às faculdades e departamentos falar com os nossos colegas às salas de aula sobre temas como a qualidade do ensino superior, o seu financiamento e a acção social escolar.

Com as medidas governamentais que tiveram grande implicações nos estudantes e com a renúncia total dos responsáveis governamentais para uma reversão da situação, a AAC mobilizou milhares de estudantes para a Assembleia da República, no dia 17 de Novembro de 2010.



Os frutos dessa acção, mas também de todo o percurso que trilhámos com os estudantes da nossa universidade, materializaram-se na retirada do regime de atribuição de bolsas de estudo do âmbito de aplicação do Decreto-lei 70/2010. Foi uma importante vitória para que muitos colegas pudessem permanecer na universidade, para além de ter sido a última grande manifestação de estudantes até aos dias de hoje!

No âmbito cultural, aprovamos o estatuto de "estudante envolvido em actividades culturais no âmbito da AAC e da UC". Este regime foi de elementar justiça para os colegas seccionistas, por ser digna de reconhecimento a produção cultural empreendida pelos estudantes da nossa Universidade. Foi um impulso consistente para que, com melhores condições e maior reconhecimento para

os seus membros, as Secções Culturais tivessem condições para se adaptar aos novos tempos.

No âmbito desportivo, nesse ano, a Universidade de Coimbra/AAC conquistou 45 medalhas nos Campeonatos Nacionais Universitários e foi a 1ª instituição portuguesa a trazer dos Campeonatos Europeus Universitários um título de campeão em modalidades colectivas. Paralelamente, nasceu o novo complexo de ténis do estádio universitário, que foi fundamental para a realização da primeira organização Desportiva de âmbito Internacional Universitário que a Académica assumiu, o Europeu Universitário de Ténis.

Esta nossa grande aposta permitiu que a Universidade de Coimbra, devido ao esforço abnegado da AAC, tenha sido considerada a melhor Universidade da Europa no Desporto Universitário em 2010.

Depois deste ano, e apesar de toda a vontade de recordar esse tempo, o mais importante é ter presente e passar às novas gerações que, ser Estudante de Coimbra e sócio da Associação Académica é, como sempre foi, responder a um desafio: participar, colaborar, intervir e ajudar a construir o amanhã!

“QUE NÃO DEIXEMOS DE ENCONTRAR AS BASTILHAS A TOMAR”

Eduardo Barroco Melo, Presidente da Direcção da AAC – 2011



A celebração do Centenário da Tomada da Bastilha convoca-nos a reflectir sobre os motivos pelos quais nos envolvemos na Académica e pelos quais nos apaixonámos por ela. Há uma mística, um sentimento de pertença, que advém da sua história. Quando subimos as Monumentais e percorremos a Rua Larga, olhando em volta os edifícios da nossa Universidade que povoam a Alta de Coimbra, ou quando entramos no Edifício da Rua Padre António Vieira, é

impossível não sentir o peso dos estudantes que nos antecederam. Recordo claramente o sentimento de excitação e nervosismo durante os primeiros tempos de estudante, aprender as histórias por detrás dos momentos marcantes que conhecia, reflectir nos feitos das pessoas que por ali passaram e nos momentos marcantes da Académica e de Coimbra, da greve académica de 1907 às crises académicas de 1962 e 1969. Nesses primeiros dias em Coimbra, pelos

finais de 2006, era impossível esquecer ainda os protestos contra as propinas de 1994 e, mais recentemente, 2004, pelo que a história dos estudantes era tanto passado como presente.

Há, contudo, um outro lado relevante dessa paixão pela Académica, que é menos contemplativa do passado e que surge da ânsia do futuro. Não há quem por ela passe sem ter vontade de construir utopias ou de partilhar esse sentimento de camaradagem que nos leva a sentir as dificuldades de qualquer estudante como as nossas. E por isso essa relação emocional forja-se na entreajudada do dia a dia, nos combates que travamos em prol dos nossos colegas, nas conquistas que fazemos pelo caminho e na persistência apesar das derrotas. Esse espírito de liberdade e libertação,



de oposição às regras que se nos impõe e que não servem os nossos interesses, essa vontade de construir uma nova História e de abanar a academia e a sociedade, é inerente à condição de estudante e de sócio da Académica.

O ano em que presidi à Direcção-Geral (2011) inseriu-se nos momentos iniciais de uma crise económica e financeira que, à escala global e em Portugal, afectou de forma particularmente grave os mais jovens e os estudantes. Anos de dificuldades financeiras crescentes, de desistências de estudos, de desespero, em que quotidianamente sentíamos o reflexo da degradação da economia do país. Ainda no ano anterior, quando já me encontrava na Direcção-Geral como responsável da Política Educativa, tínhamos sido abalados pelo famigerado Decreto-Lei n.º 70/2010, que se traduzia num significativo corte das prestações sociais, incluindo as bolsas de estudos. O ano lectivo de 2010/2011 arrancou com largos protestos e a 17 de Novembro de 2010 levámos 6 mil estudantes para um protesto em frente à Assembleia da República. O momento mais marcante para mim, contudo, foi em Março de 2011. Depois dessa manifestação, de outras acções pelo

caminho e de muita negociação, conseguimos que a Assembleia da República aprovasse a retirada das bolsas de estudo das regras de verificação de recursos desse Decreto-Lei. Não tínhamos archoetes nem fizemos cortejo luminoso, mas essa conquista, com reflexo imediato na vida de milhares de estudantes do nosso país, foi celebrada com a emoção do dever cumprido.

Na verdade, todo esse ano foi marcado por inúmeras acções de contestação pelo meio do difícil clima social e político que se vivia. Participámos na enorme manifestação da Geração à Rasca, juntando a nossa voz aos dos que combatiam a precariedade, e encerrámos a Universidade em solidariedade pelos que abandonavam a academia. Essa opção de combate levou-me inclusivamente a perder a re-creação da Tomada da Bastilha nesse 25 de Novembro de 2011. Em dia de Greve Geral, a que nos associámos, um estudante foi erradamente detido no Comando Metropolitano de Lisboa da PSP, o que me reteve por lá nessa noite em seu auxílio. Em todo o caso, não consigo imaginar melhor forma de comemorar as Bastilhas conquistadas do que a camaradagem da batalha.

TOMADA DA BASTILHA – CENTENÁRIO

Ricardo Morgado, Presidente da Direcção da AAC – 2012/2013

Para os que tiveram o privilégio de viver por dentro a Associação Académica de Coimbra, não faltam momentos que ficam para sempre na memória. Ora, alguns deles são comuns às diversas gerações de estudantes, pois têm "lugar marcado" no calendário. Do Dia do estudante ao 17 de abril, da Queima das Fitas à Latada, da Abertura Solene das Aulas à celebração do 3 de Novembro de 1887, não faltam os momentos que, ano após ano, são celebrados pelos estudantes de então para lembrar feitos de estudantes de outrora. A nossa memória coletiva é vasta e única e deve,



por isso, ser lembrada e celebrada. Entre estes momentos simbólicos, a Tomada da Bastilha é sem dúvida alguma um dos mais belos e arrepiantes.

Tive a sorte de participar em várias destas celebrações, duas das quais como presidente da DG/AAC em 2012 e 2013. Arrisco-me a dizer que tocar o sino



no topo da Cabra, em plena noite de Outono, é um momento que nenhum presidente da AAC jamais esquecerá. É uma sensação única.

Há na história dos 40 conjurados uma leveza e um brilhantismo tal que nem deixa perceber bem o risco enorme que correram. A verdade é que o risco era grande e o plano tinha que ser perfeito. Gosto sempre de contar, quando falo de Coimbra, o toque de genial irreverência que os estudantes de 1920 tiveram, ao enviar de manhã os telegramas ao Presidente da República e ao Presidente do Conselho a dar "a boa-nova" sobre a nova sede da Académica. É um facto - a ousadia e a irreverência estão no ADN na Associação Académica de Coimbra desde a sua génese.

E se há momentos que nos são comuns, como a Tomada da Bastilha, outros há que marcam a nossa passagem, o nosso tempo em Coimbra e na Academia. Quando assumi a presidência da AAC em 2012, estávamos no pico da crise financeira. Foram anos duríssimos que afetaram muito o ensino superior e os estudantes. Em pouco tempo o desemprego jovem atingia números assustadores e os relatos de abandono escolar e de estudantes em sérias dificuldades

multiplicavam-se. Foram dois anos de muitas reivindicações, exigindo sobretudo mais ação social e financiamento para o Ensino Superior. Para dar corpo a estas preocupações, não faltaram ações, no mínimo, originais: colocámos uma passadeira vermelha nas monumentais, para passar a mensagem que estudar era um luxo; invadimos e acampamos nas cantinas porque começaram a fechar ao fim-de-semana; cobrimos o edifício da AAC com faixas negras; colocámos uns milhares de sacos do lixo no largo do D. Dinis a simbolizar as bolsas de estudo perdidas, sacos esses que fomos "entregar" de seguida ao Ministério. Fechámos claro a Porta Férrea e fomos até uma vez diretos de uma Magna para a porta do Ministério das Finanças exigir uma reunião de urgência (que nos foi concedida ao fim de umas horas).

Mas de todos os momentos há um que é especial. Como disse, aqueles foram tempos duros onde não perder a esperança era essencial. Ir à Final da Taça no Jamor foi um momento incrível para todas as gerações da Académica. Aquele golo madrugador do Marinho é eterno e a alegria daquele dia é indiscutível. Na DG/AAC sabíamos que não

podíamos deixar passar aquele momento em branco. Ainda para mais, os nossos colegas de 1969 já nos tinham mostrado que um momento como aquele devia por à prova a nossa irreverência.

Confesso que ainda hoje não sei como conseguimos meter tantas faixas no Jamor. As regras eram claras - não podíamos ter mensagens políticas nem fazer protestos no jogo. Para além disso, a logística era muito exigente - não só as faixas eram gigantes, como tínhamos de as esgueirar por vários pontos de entrada do estádio. Cedo chegaram relatos de que a polícia e a segurança estavam a colocar problemas com a entrada das faixas. Não entraram todas, claro. Só que dentro do estádio nós não tínhamos noção se o plano estava a correr bem ou mal. O combinado era ao minuto 43 abrir as faixas. Só aí íamos perceber. Só que ao minuto 4 já estávamos a ganhar e o êxtase era tal que eu achei mesmo, à medida que nos aproximávamos do intervalo, que não ia funcionar. E eis que aos 43 minutos, umas atrás das outras, faixas brancas com letras negras apareciam do nada no meio da multidão, de um lado e de outro do estádio, em cima e em baixo. Envergavam mensagens como "11 mil bolsas de estudo a menos", "por um país preto no branco", "terceira maior propina da europa", "mãe estou no desemprego" e até um genial "Marinho paga-me as propinas". De repente todo o estádio aplaudia (até os sportinguistas) e ouvia-se "Académica! Académica!". Este foi um dos momentos mais bonitos que vivi, num dia único que só terminou em Coimbra com uma festa enorme até de madrugada. Nesse domingo de Maio em 2012, não ganhamos só a Taça de Portugal, mostramos uma vez mais que a Académica é muito mais do que uma associação de estudantes ou de um clube de futebol. É uma instituição ímpar, um ideal sem igual que esteve sempre presente nos momentos definidores da nossa história recente. Viva a AAC!

AS “BASTILHAS” DE 14/15

Bruno Matias, Presidente da Direcção da AAC – 2014/2015



“O domingo era sempre o nosso dia, a festa de sermos uma voz, éramos cem? Duzentos? Os outros as vezes eram mil. Mas éramos nós a ousadia De quem salta o sonho e o redil.”

Carlos Carranca figurava assim os seus dias enquanto académico. E foi com estes versos que o meu percurso na Associação Académica de Coimbra começou, em campanha, e depois, ao longo de todo o mandato. E não conseguiria começar este meu depoimento sem fazer uma homenagem a Carlos Carranca, um verdadeiro Académico, que transportou os valores e um sentimento inabalável pela Associação Académica de Coimbra durante toda a sua vida.

E era assim, com alguns versos de um poema de Carlos Carranca, que tantas vezes tentei, por palavras, explicar o sentimento que se vive ao fazer parte da Associação Académica de Coimbra. Não é fácil, quando temos a oportunidade de visitar alguns momentos marcantes dos nossos “verdes anos”, de destacar e transmitir por palavras o sentimento que se vive quando se dirige a maior e mais emblemática

Associação Académica do País. Mas a utopia de acreditar na realização dos nossos sonhos, o sonho de transformar a Universidade, a cidade e o País, é talvez o sentimento mais transversal a todos os que aqui testemunham e daqueles que pela AAC passam todos os anos nos mais diversos cargos diretivos.

Foi esse mesmo sonho que, há exatamente 100 anos, motivou e mobilizou os estudantes descontentes com as condições do antigo Colégio de São Paulo a revoltar-se para conquistar um espaço próprio para a Associação Académica que, até então, não existia. O resto, é história e memória, escritas como uma das mais emblemáticas noites da vida da Associação Académica de Coimbra.

Recordando-me das noites de celebração a que presidi, em 2014 e 2015, mas também de outras que participei enquanto estudante, a mesma linha de pensamento esteve presente: Foi aqui, com o espírito de irreverência dos estudantes durante a madrugada de 25 de novembro, que se marcou uma etapa na vida da Associação Académica de Coimbra que não mais foi interrompida: O espírito de irreverência,

de constante inquietação, de utopia e de camaradagem que tornou Coimbra diferente e que moldou a história e a forma como se exige que se represente os estudantes de Coimbra remontam precisamente a esses tempos.

Na Académica está sempre tudo por fazer porque o sonho e a utopia estão sempre bem vivos e a sua dimensão incomensurável. Foi exatamente esse espírito que as duas Direções-gerais que presidi tiveram ao longo dos nossos mandatos. Não nos faltou a ousadia e a irreverência de 1920 para deixarmos o Movimento Associativo Nacional e “(...) avançar sem pedir licença (...)” contra aquilo que considerávamos injusto, incoerente e inverso aos valores da Associação Académica. Não nos faltou a ousadia e irreverência de fazer diferente, onde demonstrámos que aquela geração não vivia de apatia nem se tinha rendido ao mito do comodismo e às fatalidades da crise económica. Fizemos do Dia do Estudante, a 24 de Março de 2015, um dia de pés e mãos atadas, numa mobilização de centenas de estudantes que rejeitaram o caminho mais fácil e enfrentaram com determinação os ataques e o abandono a que tantos e



tantos estudantes foram deixados durante o período da crise e ao mesmo tempo apresentámos um novo livro que ainda hoje contém as mais variadas medidas que a AAC defende para o Ensino Superior.

E não nos faltou a ousadia e a irreverência que nos era exigida para defender os superiores interesses estudantis quando tínhamos posições opostas

perante Universidade, a Cidade ou o Governo.

Irreverência, coragem e determinação para correr riscos são também características que a AAC transporta consigo e que os seus dirigentes devem saber honrar. Recordo-me desse espírito, que se sentia pelos corredores da Padre António Vieira e que nos levou a fazer mudanças profundas na organização administrati-

va, cultural e desportiva da AAC, recordando-me especialmente na profunda reorganização da Festa das Latas cujas alterações até hoje perduram.

E muitos outros episódios há para contar, histórias para recordar ou momentos para voltar a elencar e que ficaram na minha memória. Mas, finalizando, recordo-me com especial alegria de uma simples mensagem que talvez justifique a longa vida da AAC. A cada tomada de posse de vários Presidentes da Associação Académica a que assisti houve sempre um pensamento e um sentimento comum: O de honrar e dignificar o passado, o de garantir o presente e o projetar um futuro de sucesso para os Estudantes e para a Associação Académica. E essa ideia comum é precisamente a melhor forma de garantir que mais anos virão para festejarmos a Tomada da Bastilha, mas também mais anos de sucesso virão para a Associação Académica de Coimbra e para a Universidade.

CENTENÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA AAC 2016

José Dias, Presidente da Direcção da AAC – 2016

A Tomada da Bastilha é um marco histórico para qualquer dirigente estudantil que tenha a oportunidade de exercer funções na Associação Académica de Coimbra (AAC). A irreverência subjacente ao ato de tomar para a massa estudantil, por suas próprias mãos, um espaço digno para o desenvolvimento associativo e representação política, constitui motivo de inspiração para nunca desistirmos dos nossos sonhos, irmos à luta e quebrar com poderes instalados.

Outra lição que nos deixa este momento notável é a forma como Academia e Cidade se uniram na visão de um projeto meritório de conquista de uma sede para albergar a tremenda evolução que a Associação Académica de



Coimbra sofria nos idos anos 20, sendo o sinal de reconhecimento da importância e peso nas vidas de todos e todas, fosse a nível local, regional ou até mesmo nacional.

Este foi um valioso legado deixado, pela parte que me toca, para o mandato desenrolado em 2016. Chamar de

novo para si a sociedade civil, mostrar o valor da nossa casa e catapultar novamente o nome da instituição para além das paredes universitárias. Foi precisamente esse a linha seguida durante o ano em que tive a enorme honra de presidir à mais antiga e reputada associação do país.

A principal Bastilha alcançada foi, sem dúvida alguma, o bloqueio ao aumento das propinas de todas as licenciaturas e mestrados integrados para o ano letivo 2016/2017. Após a luta de muitas gerações contra os aumentos sucessivos das propinas, eis que chegou finalmente o dia esperado por todos os estudantes e respetivas famílias, constituindo uma das maiores mudanças no sistema de propinas dos últimos 30 anos, abrindo



uma janela de oportunidade para uma discussão da política de fundo que veio a desencadear a sua descida efetiva dois anos depois do congelamento de propinas. Só pela ação da AAC foi possível

entregar esta vitória à comunidade estudantil, percebendo que vale a pena persistir num ideal que já permitiu a redução para praticamente metade dos valores praticados.

Contudo, uma outra Bastilha ultrapassada que deu particular gosto pela intensa ligação à cidade, foi o reaproximar entre AAC e Organismo Autónomo de Futebol, há muito desavindos. Com a intenção de unir sob o mesmo símbolo e nome ambas as instituições, concretizou-se uma aproximação no início de um ciclo particularmente difícil para o futebol academista pela descida do clube à segunda divisão. O apoio da Academia não podia faltar, edificando um caminho conjunto, de esperança, por uma Académica mais forte. Numa Assembleia Geral histórica, com centenas de sócios a participarem no futuro da instituição, colocámos os problemas para trás das costas e demos as mãos para levantarmos o clube mais histórico e eclético de Portugal.

Outras vitórias poderiam ser mencionadas, embora estas em particular carregam o legado da audácia transmitida pela Tomada da Bastilha, quer por honrar as lutas estudantis, quer pela criação de uma ligação afetiva com a sociedade envolvente.

Só posso desejar que novas Tomadas da Bastilha sejam materializadas por gerações vindouras que beberão dos exemplos do passado, nunca se desviando dos valores e ideias da AAC.

CEM ANOS DE BASTILHAS

Alexandre Amado, Presidente da Direcção da AAC – 2017/2018



Naquela madrugada de novembro, há 100 anos, não faltavam desculpas para nada fazer. Em boa verdade, o curso natural dos acontecimentos ditaria que a Tomada da Bastilha não tivesse acontecido. E, em circunstâncias normais, assim teria sido.

No respeito pela autoridade da docência, legitimada por uma monolítica hierarquia universitária vigente desde tempos imemoriais, os estudantes da Universidade de Coimbra teriam acatado as suas diretrizes. Ter-se-iam manti-

do dentro dos estritos limites para si superiormente estabelecidos. Ter-se-iam reduzido, no fundo, à condição daquilo que comumente se entendia por "estudantes".

Arrisco mesmo afirmar, sem reservas e de peito orgulhosamente cheio: onde quer que fosse e fosse com quem fosse, assim sempre teria sido... Se não estivessemos a falar da Académica. Porque aqui – e digo "aqui" porque quem por ela passa deixa nela sempre uma parte de si – não há paredes que nos confinem,

ordens que nos curvem ou amarras que nos prendam ao chão. Aqui – em 1920, hoje e sempre – voamos.

No dia 25 de novembro de 1920, nem mesmo a tempestade nos parou. E assim foi, creio, até hoje. Com muita coragem, um espírito único de coletividade e uma singular compreensão do papel que cabe aos estudantes de Coimbra, a atitude dos nossos colegas de há um século abanou o statu quo da época. E fez muito mais do que isso: ecoou até aos nossos dias, repercutindo-se em todos e cada um dos muitos capítulos que se seguiram na história da Associação Académica de Coimbra.

Com a Tomada da Bastilha adquirimos um novo espaço físico e conquistámos mais espaço político, mas acima de tudo ganhámos um exemplo. Com isso, os nossos colegas de então elevaram a fasquia do possível e aumentaram o peso da capa sobre os nossos ombros, mas deram-nos também asas para voar.

No tempo que nos coube à frente da Associação Académica foi esse exemplo, como tantos outros que lhe sucederam, que nos inspirou a insistir nos impossíveis que se colocavam à nossa geração. E de entre as inúmeras batalhas que travámos nesse (agora curto, mas à data infinito) período, creio que há duas cujo desfecho foi particularmente importante para essa tarefa contínua e partilhada que é elevar a nossa muito particular fasquia do possível.

A primeira delas foi a luta contra a transformação da Universidade de Coimbra em fundação, no contexto de uma decrescente influência dos representantes dos estudantes nos órgãos da Universidade e de uma tendência nacional para a adesão das instituições de ensino superior ao modelo de gestão proporcionado pelo regime fundacional. Essa alteração estatutária, entre muitos outros problemas, implicava uma inadmissível perda de poder dos órgãos universitários democraticamente eleitos pelos pares e a respetiva entrega a "curadores" externos à Academia, desferindo um golpe fatal no envolvimento



estudantil no governo da Universidade. Depois de mais de um ano de debate e contestação, a Universidade de Coimbra acabou por se tornar na primeira instituição do país (e única até hoje) a rejeitar a proposta de transformação, o que ainda para mais fez por unanimidade. Foi uma pedrada no charco que surpreendeu o país e travou, até hoje, o avanço da tendência que então se verificava, em defesa do ensino público e da gestão democrática das universidades. A segunda perpassa mais de duas décadas e é uma extraordinária lição de perseverança institucional e intergeracional. Depois de incontáveis ações de protesto, tomadas de posição, discussões e manifestações por toda a parte, conquistámos, em 2018, a primeira descida de propinas por decisão política desde o seu aparecimento, nos anos 90. Durante muitos anos residiu em Coimbra o último bastião da luta anti-propinas, cercado por todos os lados de um discurso conformista que já tinha dado essa guerra como perdida. Resistimos, saímos à rua, lutámos e vencemos. Nós, os

milhares de estudantes de Coimbra que durante anos a fio não desistiram de lutar. Porque bem sabemos que os megafones que erguemos em manifestação nesse ano não eram apenas os nossos, mas os de todos os estudantes que por isso se sacrificaram nessas décadas de um longo protesto em nome de um ensino universal e gratuito.

Como todas as bastilhas que tomámos ao longo dos 133 anos de história da Associação Académica de Coimbra, também as "nossas" se deveram à ousadia das gerações que nos antecederam, que nos inspiraram e que nos deram asas.

É por isso que importa preservar a história. Não tanto em honra dos que a protagonizaram a cada momento. Nem mesmo apenas por respeito à instituição que a acolhe. Mas principalmente para proteger o exemplo, para alimentar a inspiração dos próximos, para guardar esse par de asas que permite a cada geração, no seu tempo, continuar a acreditar, a resistir e a voar.

F-R-A!

TOMADA DA BASTILHA EM LISBOA (CASINO ESTORIL)

I – PELA DELEGAÇÃO EM LISBOA DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA

Ano	Homenagens	Intervenientes / Serenata
1976	A Paradela de Oliveira	
1977	A Vitorino Nemésio	
1978	A José Maria Antunes, por Mário Leal	Serenata de Coimbra
1979	A Elysio de Moura, por Dulce Quintela	Luiz Goes, João Bagão, Aires Aguilar, António Toscano e João Gomes

II – PELA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

Ano	Homenagem, Evocação e Aplauso	Intervenientes / Serenata
1993	A Tossan, por António de Almeida Santos	Teatro "Noite dos Reis" - autor Gustavo Cerdeira; Poesia: Francisco Vasconcelos e Ilda Pedroso. Serenata de Coimbra
1994	A Ângelo Vieira de Araújo, por João de Deus Quintela	"A Ceia dos Pontos Cardeais", autor Gustavo Cerdeira; Dança "O Estudante e a Tricana". Serenata de Coimbra pelo grupo "Porta Férrea"
1995	A Albano Martins da Costa, por Ângelo Vieira de Araújo Exposição de Pastas Antigas de Luxo	Poesia "Que Grande Pastilha", autor Gustavo Cerdeira. Serenata pelo Grupo "Serenata de Coimbra"
1996	A António Bernardino "Berna", por António Almeida Santos. Exposição "Augusto Hilário"	Peça "Recordar Coimbra", autor Gustavo Cerdeira; Poema de Gustavo Cerdeira; Os Madre Christo. Serenata "Tertúlia Académica Torre d' Anto"
1997	Debate "Canção e Fado de Coimbra" Exposição "Canção de Coimbra" Aplauso a Fernando Pessa, por Daniel Proença de Carvalho	Teatro "Coimbra em Notas Breves" - autor Gustavo Cerdeira, encenador António Manuel Couto Viana; Estudantina Universitária de Coimbra. Serenata de Coimbra pelo grupo "Porta Férrea"
1998	A Ferrer Correia, por Víctor Sá Machado Colóquio sobre "Guitarra Portuguesa" Aplauso a Gilberto Grácio, por Francisco Vasconcelos.	Teatro "Alô Coimbra" autor Gustavo Cerdeira, encenador António Manuel Couto Viana Orquestra Típica e Rancho (da A.A.C.). Serenata pelo Grupo "Serenata de Coimbra"
1999	Sarau "Coimbra em Lisboa" (na Aula Magna da Universidade de Lisboa) - um abraço de 2 Universidades	Coro dos Antigos Orfeonistas da U.C.; Manuel Alegre diz poemas seus; Testemunho de Fernando Pessa (gravado); A "Briosa" e a "Académica" por Jorge Santos; Ilusionismo por Jorge Condorcet; Actuações do TEUC, da Estudantina Universitária e da Orxestra Pitagórica. Serenata de Coimbra e Balada da Despedida
2000	A Paulo Quintela, por Araújo Correia Evocação dos Irmãos Cunha, por António Almeida Santos Exposição sobre Paulo Quintela e Rui Gouveia (pintor)	Orquestra Antigos Tunos Univ. Coimbra, Orquestra de Tangos dos Antigos Tunos; Momentos mágicos, por Miguel Campos; Teatro "A Súplica de Cananeia", por Amélia Vieira Coroa e José Campos Coroa. Serenata de Coimbra pelo Grupo "Porta Férrea"
2001	A Veríssimo Serrão, por João Bigotte Chorão Evocação de José Régio, por Eugénio Lisboa	Poesia "Régio entre Nós", por Carlos Carranca e José Jorge Letria; "Excerto de um Concerto para José Régio", guitarrada e flauta; voz de Aurelino Costa; "Grupo de Cordas" da Secção de Fado da A.A.C.. Serenata pelo Grupo "Serenata de Coimbra"
2002	Ao Magnífico Reitor; Rui Alarcão, por Alcindo Costa; Evocação de Fernando Paula por Gustavo Cerdeira; Exposição de quadros de Fernando Paula	Orfeon Académico de Coimbra; Momento Vicentino "Monólogo do Vaqueiro", por Ulisses Seia (TEUC). Serenata de Coimbra pelo "Grupo Jurídico de Canto e Guitarra de Coimbra"
2003	A Jorge Morais, o "Xabregas" por António de Almeida Santos	"Do Neo-Realismo ao Fado Académico"/TEUC, por Carlos Carranca; Teatro "Esqueceram-me as Queijadas", por Gil Costa e João Vaz (TEUC). Serenata de Coimbra pelo grupo "Porta Férrea"

2004	A Polybio Serra e Silva, por Luiz Goes	Orquestra Principal da Associação dos Antigos Tunos da UC. Orquestra de Tangos. Momento de Ilusionismo, por Luís de Matos e Condorcet. Poesia pelo Homenageado. Serenata pelo Grupo "Serenata de Coimbra".
2005	Saudação Académica a Joaquim Couto, por Fátima Lencastre Evocação de Inês de Castro	"Inês de Castro do Mito à Paródia", por Anibal Pinto de Castro, "Inês de Castro na Irreverência Académica", por um grupo teatral ad-hoc da AAEC. Serenata de Coimbra pelo Grupo "Despertar" da Secção de Fado da AAC
2006	Homenagem Nacional A LUIZ GOES , por Carlos Encarnação Exposição. Representações da Presidência da República, da Assembleia Nacional e do Governo; presenças e representações das Assembleias e Governos Regionais (Açores e Madeira).	Coro dos Antigos Orfeonistas da UC - Comemoração dos 25 anos por António Almeida Santos, Dança por um par de jovens cabo-verdianos. Teatro "Tributo a Luiz Goes"- pelo TEUC. Jograis, pela Comp ^a . de Teatro "Bonifrates", guitarra de Jorge Tuna, viola de Durval Moreirinhas, voz de Carlos Carranca. Serenata Monumental pelos "Grupo Jurídico de Canto e Guitarra de Coimbra" e "Porta Férrea".
2007	A Miguel Torga, por Carlos Carranca	"Aqui, dentro de mim" - dança, canto e poesia pela Escola Profissional de Teatro de Cascais - direcção de Carlos Carranca. Canto de Luiz Goes, com guitarra de Carlos Couceiro e viola de António Toscano. Serenata pelo grupo "Serenata de Coimbra"
2008	A António de Almeida Santos , por Daniel Proença de Carvalho. Exposição	Coro Misto da Associação Académica de Coimbra. Serenata de Coimbra pelo grupo "Porta Férrea"
2009	A José Veiga Simão, por Armando Rocha	Coro Alma de Coimbra; Grupo de Cordas da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra. Serenata pelo grupo "Porta Férrea"
2010	À Associação Académica de Coimbra - ex-Presidentes (vivos) da Direcção-Geral. Aplauso ao Livro "AAC - Os Rostos do Poder"	Exibição do vídeo "Histórias e Vida da AAC", Entrega de 32 Diplomas de Sócio Honorário da AAEC, Operações "Flor e Balão" e desfile dos Archotes. Momento musical: Jorge Tuna, Durval Mureirinhas e Luiz Goes, Momento teatral: Taça de Portugal 1939 e Troféu Olímpico; Serenata pelos grupos "Serenata ao Luar" e "Serenata de Coimbra"
2011	Preito à Sociedade Filantrópico-Académica de Coimbra - Exposição	Grupo Coral Misto "Advocal" (Coimbra). Serenata pelo Grupo de Fadados de Coimbra "Fadvocal"
2012	A Augusto Camacho Vieira, por António Toscano e por Joaquim Couto, presidente da Casa da Académica em Lisboa.	Tuna Académica da UC, Teatro "Bloco de Notas-de Coimbra a Lisboa" de autoria de Gustavo Cerdeira, Fado de Lisboa. Serenata pelo "Grupo Jurídico de Canto e Guitarra de Coimbra"
2013	Preito a Luiz Goes (póstumo) "Bolsa de Estudos Luiz Goes" (Instituto Universitário Justiça e Paz)	"Mondeguias" tuna feminina da UC. "Luiz Goes - de Ontem, de Hoje - para Sempre" texto de Carlos Carranca, música, bailado, canto e guitarra pela Escola Profissional de Teatro de Cascais. Serenata pelo grupo "Pardalitos do Mondego".
2014	"A Viola de Coimbra" em homenagens a Durval Moreirinhas e a António Toscano, por Carlos Carranca	Momento cénico "Viola de Coimbra" pela Escola Profissional de Teatro de Cascais, com Carlos Carranca. Orfeon Académico de Coimbra - "Fado - Vozes do Património" (Coimbra e Lisboa). Homenageados em palavras e actuações à viola.
2015	Evocação dos 725 Anos da Universidade de Coimbra em parceria com a Universidade de Coimbra e a Universidade de Lisboa	"Coro Infantil da Universidade de Lisboa". Exibição do "Documentário dos 725 Anos da UC" e do "Percurso Cronológico sobre a Vida Académica" (actores Marta Félix e Ricardo Trindade). Balada da Despedida pelo Grupo "Serenata ao Luar".
2016	A António de Almeida Santos (homenagem póstuma), com a colaboração da Associação dos Ex-Deputados da Assembleia da República	Coro da Assembleia da República, "Um Príncipe da República" - texto lido por Manuel Alegre, seu autor. Videobiografia "Um Príncipe da República" - vida e obra. "Bolsa António de Almeida Santos" - para o Instituto Universitário Justiça e Paz. Apontamento do Fado de Coimbra - autor homenageado, voz de Fernando Rolim, por participantes do Grupo "Porta Férrea" e grupo "Serenata ao Luar"
2017	"Coimbra: Passado, Presente e Futuro" por Ricardo Roque	Orfeon Académico de Coimbra. Sócios Honorários da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa - investidos 5 ex-Presidentes da Associação Académica de Coimbra. Serenata pelos Grupos "Porta Férrea" e "Serenata ao Luar".
2018	Evocação a Augusto Camacho Vieira, por Ricardo Neves e José Pedro Camacho Vieira Evocação a Sutil Roque, por Arménio Marques dos Santos	Associação 24 de Setembro - Ballet, Música e Teatro Africanos; Tuna Académica da Universidade de Coimbra. Orquestra "Big Band Rags". Serenata de Coimbra - pelo Grupo "Serenata ao Luar"
2019	Evocação a Carlos Carranca, por José Viegas Evocação a Alcindo Costa, por Fátima Lencastre	GEFAC (Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra); EKVAT (Grupo de Canto e Danças da Casa de Goa); Escola Profissional de Teatro de Cascais. Serenata pelo Grupo "Serenata ao Luar".

NOTAS:

1) Comemorações presididas pelos Magníficos Reitores da UC com os Vice-Reitores do pelouro das AAECs

2) Presença ou representação dos Presidentes das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra e da Associação Académica de Coimbra (Direcção-Geral e Assembleia Magna)



Julho a Dezembro 2010

CAPA e BATINA

Nº 36 • 3ª SÉRIE

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



90º ANIVERSÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA -2010
“OS ROSTOS DO PODER” / SÓCIOS HONORÁRIOS DA AAECL



Diploma
de
Sócio Honorário

da
**Associação dos Antigos Estudantes
de Coimbra em Lisboa**

Atribuído, no Acto de Homenagem
à Associação Académica de Coimbra,
ao seu Presidente no mandato de 1959/60,
José Manuel Moreira Cardoso da Costa

90º Aniversário
da Tomada da Bastilha

Casina Estoril, 20 de Setembro de 2010



SÓCIOS HONORÁRIOS DA AAECL



EDITORIAL

Uma Noite nada Improvável

Honra-me a Direcção da «Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa» com o convite que me faz para escrever o Editorial deste número da sua revista «Capa e Batina».

Vem o convite a propósito da última celebração da «Tomada da Bastilha» – esse encontro, ou reencontro, de antigos estudantes da nossa velha Alma Mater, feito de festa, companheirismo e emoção, que todos os anos a Associação vem promovendo, ao cair de Novembro, como cumpre. E explica-o o facto de, nesse ensejo e desta feita, haver a AAECL entendido dedicar a homenagem, que sempre inscreve no programa de tal evento, à Associação Académica de Coimbra, nas pessoas dos antigos presidentes desta ainda vivos, os quais fez seus Sócios Honorários – e de me haver cabido a mim, o mais antigo dos presentes (e, dos ausentes, para trás só restando mais três!), o encargo de a todos representar na fala que não podiam deixar de dizer na circunstância, exprimindo o seu reconhecimento pelo gesto de que eram alvo.

Para desincumbir-me da solicitação que me é feita, o que virá então ao caso será recordar agora o essencial das despreziosas palavras que nessa oportunidade proferi – e em que comecei por lembrar que os 32 «privilegiados» que ali estávamos (conto-os pela fotografia, incluindo o Presidente actual!) éramos os elos «mais recentes» (ao cabo e ao resto!) de uma longa galeria de nomes, onde se contam os de tantas personalidades ilustres e notáveis na vida do país, que importava, antes de mais, evocar. Nomes que – e sendo impossível referi-los todos – iam desde o do fundador, António Luís Gomes, aos de António de Sá Oliveira e João Duarte Oliveira, Fausto Lopo de Carvalho e Guilherme Moreira (filho), Alfredo Fernandes Martins (um dos «heróis» da «Bastilha»), Lúcio de Almeida,

Jaime Afreixo e João Gaspar Simões, António Ferrer Correia, José Guilherme de Melo e Castro e João Pedro Miller Guerra, João Antunes Varela e Francisco Salgado Zenha, Luís de Albuquerque, Deniz Jacinto e Augusto Amorim Afonso, Fernando Rebelo e Carlos Paes de Assumpção, e, já mais chegados a nós, Afonso Moura Guedes e Fernando Mendes Silva, António Mascarenhas Gaivão e Ruy Alvim, Carlos Candal e Carlos Amorim! Nomes – acrescento eu agora – de personalidades tão diversas na sua formação e na sua actuação social e cívica (monárquicos e republicanos, «nacionalistas» e «democráticos», da «direita», do «centro» e da «esquerda», crenças e agnósticos, católicos e laicos), mas que, justamente nessa sua diversidade, as mais das vezes separados, algumas juntos, foram o primeiro rosto da Associação Académica de Coimbra, ao longo dos seus 123 anos de história!

E de nós – os que ali nos encontrávamos – salientei como também éramos analogamente tão diversos, nas nossas proveniências mundividenciais e ideológicas, nas nossas histórias pessoais e, em particular, nas nossas histórias e percursos académicos, divergentes e mesmo contrastantes em tantos aspectos! Os de alguns (como o meu próprio) vividos em tempos (a segunda metade dos anos 50 do século passado) ainda mais ou menos tranquilos, e em que não fôramos além, afinal, de uma «benevolente irreverência» juvenil; os dos que vieram a seguir a mim, e depois, vividos num tempo de grande agitação e confronto, de reivindicação aguda e intensa, de contestação e insubmissão – de que alguns dos presentes haviam sido bem conhecidos e «reconhecidos» protagonistas; os dos mais novos – acrescento igualmente agora – vividos já num tempo «outro», na novidade de um outro contexto ou horizonte social e institucional, de um outro estilo de vida e de vida académica, e em que também

outros passaram a ser os problemas e as preocupações.

Mas, sendo tão notória a nossa diversidade, o que nos unia e juntava ali a todos, afinal?

Respondo como então respondi: a «fidelidade» a uma instituição e a honra de a termos em algum momento servido, cada um a seu modo, no tempo e na circunstância que lhe foram dados – a honra de pertencermos a essa longa galeria de nomes e de rostos em que de alguma maneira se «personalizou» a história da academia coimbrã, desde há mais de um século.

É essa «fidelidade» – e o que nela vai de «comunhão», para lá de toda a divergência – que Coimbra é capaz de gerar. E de tal jeito que o livro – apresentado na mesma oportunidade aqui evocada, cuja edição a Direcção da Associação Académica do ano de 2008/2009 em boa hora promoveu, e em que juntou todos esses rostos que ao longo do tempo foram sendo os seus, sob o título *Os Rostos do Poder* (título que eu disse traduzir uma subtil ironia coimbrã e que o Reitor Seabra Santos, no mesmo ensejo, com justeza qualificou de «enigmático»...) – esse livro, bem poderia intitular-se também «Os Rostos da Fidelidade»!

Foi a constância dessa «fidelidade» que, em nome de todos pelos quais falava, reafirmei, nessa noite, ao nosso Reitor. São essa «fidelidade» e essa «comunhão» que a «Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa» preserva e tão dedicada, empenhada e amorosamente anima.

E é esse mesmo espírito de «fidelidade» e «comunhão» que me permite, sem ousadia, e que me leva a evocar e qualificar essa noite, que juntou tantos «coimbrãos» e tão diversos, como, em boa verdade e afinal, uma noite nada improvável!

*José Manuel M. Cardoso da Costa
Presidente da Direcção da Associação
Académica de Coimbra em 1959/60*

Esta missiva destina-se a saudar todos, disponham ou não de endereço electrónico, e a desejar-lhes o melhor bem-estar possível.

Sabemos, à partida, que preferiam uma circular de "Retoma das Actividades" e nada nos seria mais grato; mas tal continua vedado à nossa Associação e congéneres (com maioria de grupos de risco...) por força da pandemia que em meados de Março fez sustar a efectivação dos eventos então em curso. Logo de imediato, o impacto perante o imperioso adiamento, 3 dias antes, da comemoração do 28º Aniversário da Associação, enriquecido com a presença do Vice-Reitor da Universidade de Coimbra Calvão da Silva, acompanhado de assessoras técnicas para a realização de um vídeo na Sede, no almoço e no sarau; e com a formalização em protocolo da colaboração com a Casa dos

Açores em Lisboa, desejo muito antigo do nosso assessor cultural Eduíno de Jesus desde que, há longos anos, foi presidente daquela instituição.

E, logo após dois dias, o também adiado lançamento do livro "*Os Lysíadas*" da autoria do Zé Veloso, obra inédita com o génio camoniano vertido na narrativa dos passos e andanças de estudantes de Coimbra a caminho do novo destino académico, o Porto.

Depois, o recolhimento no canto de cada um, com diversos e variáveis estados de alma, ficando ao alcance desta Associação apenas abranger todos por contacto telefónico.

Perspectivas de retoma do convívio ao vivo?

Haja Deus para devolver a segurança exigida para qualquer programação.

A mais ansiada?

Apelo a todos os "deuses" para a em-

blemática *Tomada da Bastilha* (25 de Novembro de 1920), propriedade desde a origem da velha Academia de Coimbra, na denominação e no conteúdo, que esta Associação e a Delegação antecessora sempre respeitaram, limitando-se a celebrá-la a seu jeito no sábado mais próximo daquela data; e isto com as devidas credenciais dos sucessivos dirigentes da Associação Académica de Coimbra em presenças e na assunção da titularidade do estatuto de Sócios Honorários desta Associação (39 vivos, aleluia!). E comemora-se o seu centenário...

Desiderato: Que a próxima missiva anuncie a possibilidade de, com segurança, manifestarmos face a face a solidariedade e o afecto que não deixaremos esmorecer.

A Direcção

SERENATA DE ESPERANÇA

PELA ESTUDANTINA UNIVERSITÁRIA DE COIMBRA COM 120 RESIDENTES EM 24 PAÍSES

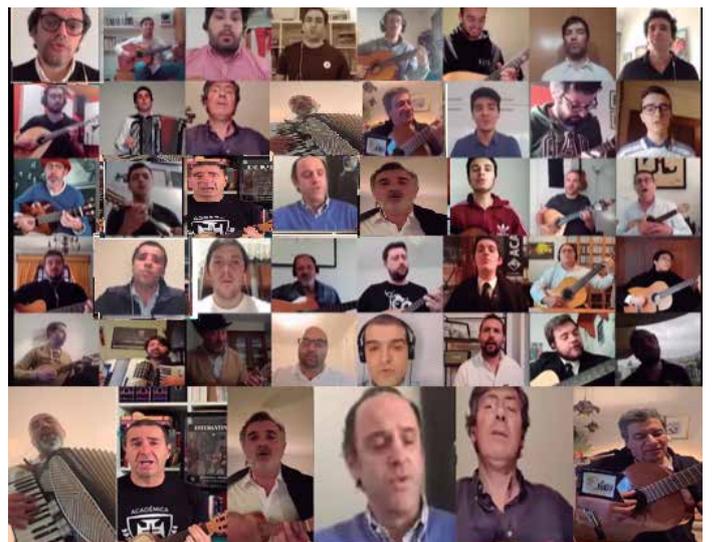
APLAUSO À ESTUDANTINA UNIVERSITÁRIA DE COIMBRA

É com legítimo orgulho que, neste passo, invoco o atributo de Madrinha que os Estudantinos de 1998 me concederam para - em uníssono com a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa - proclamar bem alto e bem longe:

À Estudantina Universitária de Coimbra devemos, desde a sua criação em 1985, a preservação da Alma Coimbrã que sucessivas gerações têm espalhado pelo mundo; e devemos, com particular grandeza nesta fase de confinamento, a sublimação da tal "*Lição de Sonho e Tradição*" (que tem consagrado Coimbra) numa "SERENATA A PORTUGAL" que dedicou aos "PROFISSIONAIS DE SAÚDE" heróis na luta contra o Covid-19 - transmitida pela TVI24 às 24 horas do dia 11 de Maio.

Tanto afecto e gratidão com tamanha genuinidade apenas Coimbra, sua Universidade e sua Académica sentem e sabem exprimir.

A todos quantos deram as mãos em prol da ideia, ofertaram o clamor das vozes, a técnica da produção e os rostos e palavras expressivas saudamos do coração pelo mais solidário ALELUIA ACADÉMICO a ecoar perenemente!



Nunca vos falte o *animus* de verdadeiros arautos do espírito académico de Coimbra!

Com a irreverente "bênção" da Madrinha
Fátima Lencastre

AGRADECIMENTO

Caros Sr.s e Sra.s da ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA, em especial à nossa madrinha Exma.Sra. Fátima Lencastre. Vimos por este meio agradecer profundamente o vosso aplauso à nossa iniciativa "Serenata de esperança". Foi

efetivamente um projeto bem conseguido, e que pensamos ter dado uma grande força, não só aos profissionais de saúde, mas também a toda a população em geral. Receber o vosso tão sentido aplauso deu-nos um sentimento ainda maior de dever cumprido, pelo qual estamos muito gratos. Esperemos que quando ultrapassar-

mos esta situação, a nossa serenata ao vivo chegará também aos corações de todos vós.

Com os melhores cumprimentos, **P'la Estudantina Universitária de Coimbra**
Anselmo "Carroça" Batista, Francisco "Pólis" Cidade e Gonçalo "Catalão" Marques

FADO DE COIMBRA NO DIA INTERNACIONAL DO ENFERMEIRO

Caros amigos,
No passado dia 12 de maio, Dia Internacional do Enfermeiro, tivemos a oportunidade de uma vez mais engrandecer as tradições académicas da nossa querida cidade de Coimbra, junto daqueles que num momento tão delicado que estamos a passar devido à pandemia do Covid-19, dão todo o seu esforço e dedicação a todos que deles necessitam. A classe dos enfermeiros é sem dúvida alguma, a certeza do acompanhamento pessoal nos cuidados de saúde, nesse sentido e após contacto com vários grupos de Fado de Coimbra es-

palhados pelo país, avançamos com uma Serenata de Coimbra, denominada Serenata do Enfermeiro. Ao início houve contactos para nove locais a nível nacional, no entanto, e por motivos alheios à nossa vontade mas que compreendemos, as serenatas realizaram-se em 5 hospitais. O Fado de Coimbra, mostrou a sua veia de fraternidade, de reconhecimento e de respeito para com todos os profissionais de saúde. Um grande F.R.A. para todos!

Os grupos que participaram nestes eventos foram:



Grupo de Fados de Enfermagem do Porto
(Hospital Pedro Hispano - Matosinhos)



Grupo de Fados Amanhecer
(Centro Hospitalar Universitário de Coimbra)



Grupo de Fados Serenata ao Luar
(Centro Hospitalar Lisboa Norte - Sta Maria)



Tertúlia Coimbrã de Miratejo
(Hospital de Cascais)



Grupo de Fados In Versus
(Centro Hospitalar Universitário de Faro)

Por Nuno Cadete

SERENATA SIMBÓLICA DA QUEIMA DAS FITAS – PELO GRUPO “CAPAS AO LUAR”

CONVITE

A Comissão Organizadora da Queima das Fitas, a Associação Académica de Coimbra, o Magnum Consilium Veteranorum e a Universidade de Coimbra unem-se para organizar uma Serenata Simbólica, no dia 8 de Maio, às 00h00, a partir da Via Latina para vossa casa. Podem assistir em direto em: <https://www.facebook.com/queimadasfitascoimbra/>

Convidamos igualmente a participarem na Serenata, através da Plataforma Zoom, com a capa colocada enquanto assistem ao direto na página da Queima das Fitas. A sessão estará projetada em frente à Secção de Fado, na Via Latina. No final, realizaremos com atuais e antigos estudantes o maior FRA digital de sempre.

A Serenata Simbólica apoia a iniciativa da AAC “Das Palmas à Ação”, que visa a angariação de fundos para o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. Para contribuir, aceda a: <https://ppl.pt/covid19/aac> Vivemos a Serenata Monumental isolados.

Celebramos, no entanto, em conjunto, o espírito Académico que partilhamos.



AGRADECIMENTO DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

À Comissão Organizadora da Queima das Fitas, À Associação Académica de Coimbra, Ao Magnum Consilium Veteranorum e À Universidade de Coimbra

Apraz-nos agradecer o convite para, na medida do possível, participarmos em tão meritória iniciativa e comunicar terem sido unânimes as manifestações de encantamento perante uma **Serenata Simbólica** que transportou as sucessivas gerações

de estudantes de Coimbra para a histórica **Serenata Monumental**, salientando o primor na escolha dos temas musicais e poéticos mais icónicos, a perdurar na memória de todos os que viveram Coimbra.

Reproduzimos aqui, com a devida permissão, o testemunho qualificado da nossa Rosa Carranca Sousa, tão expressivo ao fazer renascer mensagens pilares da matriz Coimbrã: *“As emoções intelectualizadas do **Carlos Carranca**, que, por muito amar Coimbra, lhe exigia um desempenho ao nível daquilo que ela devia ser - a cidade do conhecimento, e, por isso, dos valores, a cidade da Académica que se distinguia de todos os outros clubes de futebol por impôr que os seus jogadores*

fossem também estudantes - não faltam ex-jogadores deste clube a exercer nos cursos superiores que tiraram -, a cidade que tem como tradição um FADO que devia ser Património Mundial da Humanidade - fizeram com que ele nunca deixasse de a divulgar em toda a parte e sempre que podia - cantando-a, escrevendo-a, dizendo-a. A Secção de Fado da Académica de Coimbra está de parabéns por saber reconhecer este trabalho amoroso e a “Voz de Deus” de Luís Goes, como o poeta a chamava”.

*Com cordiais saudações académicas
A Direcção*



Oferta ao mundo da sua fragilidade pela humanização da Vida.



Numa creche, crianças num cerco com 1 só brinquedo. Que humanização? Que vida?



Na primeira Mensagem (de Junho) ficaram registados, em imagem e texto, dois eventos académicos bem expressivos da reacção que a pandemia que nos assola despertou nos jovens e antigos estudantes de Coimbra e do comportamento de que a Academia deu exemplo ao simbolizar a Queima das Fitas deste ano numa singela mas digna "Serenata Simbólica".

Hoje, mais dois acontecimentos merecem relevo para o conhecimento de todos os associados:

1) A candidatura nacional (anual) das *Sete Maravilhas de Portugal*, organizada pela RTP1 por regiões e já fechada na região de Coimbra com a vitória do *Fado de Coimbra* que arrebatou o primeiro prémio nesta pré-final. Estando ainda a decorrer noutras regiões, há que continuar a apostar no Fado de Coimbra, que todos desejamos ganhe a final.

2) Na senda da "Serenata Simbólica", a Comissão da Queima das Fitas transportou o mesmo espírito de conformação e esperança para uma "*Bênção das Pastas*" numa missa celebrada no dia 26 de Julho na Capela de São Miguel da Universidade de Coimbra (transmitida pela TVI às 11 horas). O simbolismo e a dignidade da cerimónia tocam o coração de todos os que a viveram no seu tempo; porém, o realce cabe com toda a oportunidade, não só à elevação com que, mais uma vez, os 20 jovens finalistas representaram milhares de colegas, chamando-os para o seu lado, bem como ao significado de palavras lapidares (entre outras) proferidas na Oração Universal por uma finalista: "...*orem por todos nós que acabamos um curso superior para que saibamos lidar com as incertezas da vida...*"

Que melhor lição para nós, antigos estudantes, a quem a vida não foi sofrida das incertezas de hoje, a quem o trabalho e a capacidade de realização pessoal e profissional que Coimbra nos ofertou estiveram sempre ao nosso alcance? É que também estes jovens apelam à aceitação das limitações que a situação impõe, por respeito por si próprios e pelos outros, sem macular a expectativa nem minorar a esperança num futuro próximo que lhes proporcione, como oram, "*encontrar trabalho que lhes permita colocar ao serviço da comunidade do nosso país o nosso saber e capacidade de iniciativa, garantindo, dignamente, o nosso pão de cada dia.*" Vamos todos corresponder ao apelo "colocando a capa aos ombros e agitando as fitas" e comungando o mesmo espírito em toda a abrangência da solidariedade académica.

A Direcção

BÊNÇÃO DAS PASTAS

"A Bênção das Pastas, originalmente intitulada como a "Consagração dos Quintanistas ao Sagrado Coração de Jesus", é uma cerimónia religiosa organizada pela primeira vez em 1930 promovida por estudantes Católicos e que se propagou por toda a Academia. A primeira Cerimónia decorreu na Sé Velha, onde um pequeno grupo de Quintanistas Católicos aproveitou a missa de Domingo para apresentarem as suas Pastas ao Bispo e receber a sua Bênção. Os Quintanistas liam a fórmula da Consagração e assinavam o nome num Livro de Ouro, que se encontra actualmente guardado na Sé Velha. Até à alteração do ano lectivo com o Processo de Bolonha, a Bênção das Pastas antecedia as

festividades da Queima das Fitas. As pastas levam as oito fitas que contêm mensagens pessoais de motivação, valor e reconhecimento e que eram assinadas, e oferecidas, pelos seus familiares, amigos e Professores. As fitas são em seda, e têm que ser escritas à mão, não sendo permitido estampagens ou bordados. Este ano a Bênção das Pastas da Universidade e dos Institutos Politécnicos de Coimbra decorre no dia 26 de Julho, Domingo, num formato simbólico devido à contenção exigida pela pandemia. A Cerimónia começa às 11h e será transmitida pela TVI."

Matias Correia - Dux Veteranorum

BÊNÇÃO DOS FINALISTAS

OS FINALISTAS PRESENTES REPRESENTAM:

- Universidade de Coimbra (8 faculdades):
 - Medicina, Direito, Ciências e Tecnologia, Letras, Farmácia, Economia, Psicologia e Ciências da Educação e Ciências do Desporto e Educação Física.
- Instituto Politécnico de Coimbra (5 escolas e institutos):
 - Escola Superior Agrária, Escola Superior de Educação, Escola Superior de Tecnologia da Saúde, Instituto Superior de Contabilidade e Administração e Instituto Superior de Engenharia.
- Escola Superior de Enfermagem de Coimbra
- Universidade Aberta
- Instituto Superior Miguel Torga
- Escola Universitária Vasco da Gama

BÊNÇÃO DAS PASTAS 2020 – SIMBÓLICA

MISSA NA CAPELA DE SÃO MIGUEL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Finalistas do ensino superior de Coimbra, Hoje tudo é diferente, somos menos os aqui reunidos. Numa cerimónia normal da Bênção das Pastas de Coimbra, estaríamos todos na Sé Nova e as Fitas diante os meus olhos seriam imensas. Como organizadores, esperávamos preparar este momento com todos os finalistas de Coimbra. Não sendo possível neste momento fazê-lo, devido à pandemia, que destruiu o que para todos nós era garantido, procurámos trabalhar em conjunto no sentido de não deixar passar o fim do ciclo de estudos dos estudantes de Coimbra, sem prejuízo de um outro momento no futuro. Vivemos um período difícil. Com esta cerimónia, planeamos oferecer um pouco de Coimbra, um bocadinho



daquilo que seria o ano de finalistas para muitos estudantes. Desejo que, apesar de estarem a assistir a esta missa em casa, sintam que estão aqui presentes, a celebrar a união dos vários

estudantes espalhados por Portugal. Assim, peço que neste momento, como gesto de união e simbolismo, os finalistas aqui presentes e estudantes que nos estão a ver através de um ecrã

ponham a capa aos ombros... Sintam o peso destes anos, sintam Coimbra! Recordem-se, nesta ocasião, de tudo que Coimbra vos deu. Muitos de nós deixámos a casa pela primeira vez e Coimbra deu-nos amigos que, agora consideramos família. Coimbra fez-nos crescer, Coimbra fez-nos amadurecer. Muitos foram os jantares, muitos fo-

ram os momentos de convívio. Imensas foram as lágrimas, imensas foram as noites perdidas para concluir o curso. Entramos em Coimbra para seguir os nossos objetivos e lutar pelos nossos sonhos, hoje muitos dizem adeus à Cidade que nos acolheu.

"Coimbra, tem mais encanto Na hora da despedida."

Agradeço a presença do Senhor Dom Virgílio, Bispo de Coimbra, do Padre Paulo, dos representantes de cada instituição do ensino superior aqui presentes e agradeço a colaboração da TVI. Boa celebração.

*Apresentação por Anita Amorim,
finalista de Química Medicinal*

A ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA APADRINHA CANDIDATURA DO FADO DE COIMBRA ÀS 7 MARAVILHAS DA CULTURA POPULAR

A Associação Académica de Coimbra teve a honra de receber por parte da Câmara Municipal de Coimbra o convite para apadrinhar a Candidatura do Património – Fado de Coimbra, no âmbito do programa 7 Maravilhas da Cultura Popular.

O Fado de Coimbra é um género musical performativo, enraizado no folclore da cidade, sendo memória e marca distinta da Académica Coimbrã, com valor inquestionável. É em meados do século XVI que há uma das primeiras referências relativamente ao Fado de Coimbra como as "cantorias" dos Estudantes. Desde então este tem acompanhado gerações de estudantes que passam pela cidade de Coimbra.

Ao longo de várias décadas, a Associação Académica de Coimbra, através da sua Secção de Fado, tem-se empenhado para que o Fado continue presente na cidade dos Estudantes, divulgando-a como marca identitária da Cidade e da nossa Academia. O apadrinhamento por parte da Associação Académica de Coimbra ao Fado de Coimbra mostra a ligação indiscutível que existe entre os estudantes e o fado.



Neste sentido, contamos com o apoio de todos, especialmente da enorme e honrada comunidade dos Antigos Estudantes de Coimbra, para tornar o Fado de Coimbra uma

das 7 Maravilhas da Cultura Popular Portuguesa. Vote 760 207 788

*Daniel Azenha,
Presidente da Direcção Geral*

"Os 28 semi-finalistas serão distribuídos por critérios de proximidade geográfica, em duas semi-finais, que irão apurar os 14 finalistas, a realizar nos dias 23 e 30 de Agosto. A Declaração Oficial das 7 Maravilhas da Cultura Popular, derradeira gala do projeto onde serão conhecidas as sete vencedoras, acontecerá a 5 de setembro no prime-time da RTP".(regulamento)



2020

Nº 55 | ESPECIAL



TOMADA DA BASTILHA

25 de Novembro de 1920

DIA DE GLÓRIA

*Novembro, vinte e cinco é data inolvidável
Gravada a letras de ouro em nossos corações
Onde lampeja ainda a fé inabalável
Que fez de Portugal Rainha das nações!*

*Novembro, vinte e cinco em festa a Academia
Que, a trasbordar de alento, exalta o seu dever
E o cumpre, celebrando este ditoso dia
Que trouxe para ela um lindo alvorecer.*

*Chegam de toda a parte, em mística harmonia,
Coros celestiais de límpidas cantigas:
São as canções de amor que soltam, neste dia,
Os lábios a sorrir das nossas raparigas.*

*Dia que, a cintilar de encanto e de beleza,
Nos faz viver ainda as horas do passado!
Que vos encham de graça os dons da natureza
E oiça todo o Mundo o eco deste brado:*

*— Abençoada seja a loira madrugada
Que trouxe ao nosso seio a chama da vitória,
Abençoada seja a sua luz doirada
Que sobre nós lançou aureolada glória.—*

*Eu vos saúdo pois, erguendo-vos um hino,
Neste meu verso humilde, em breves orações...
Seja ao amanhecer, vosso clarão divino,
A luz que há-de guiar as novas gerações.*

*Os dias vão morrendo e co'eles, apagando
Se vai, a pouco e pouco, a voz da mocidade;
Mas este vive sempre, aos novos apontando
A estrada do dever, o Sol da liberdade!*

Coimbra, 25-XI-921.

AUGUSTO VITOR



POR AUGUSTO VITOR (CONJURADO)